A MEDIUNIDADE DE LEONORA PIPER

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

ELENORA PIPER

O Presidente da Câmara de Boston

Comunica através da Sra. Piper

Na prática, eu estaria disposto agora a apostar tanto dinheiro na honestidade da Sra. Piper como na de qualquer outra pessoa que conheço, e estou perfeitamente satisfeito em deixar que a minha reputação de sabedoria ou de loucura, no que diz respeito à natureza humana, se mantenha de pé ou caia por esta declaração. — Professor William James

Quando estava vivo, Augustus P. Martin, presidente da câmara da cidade de Boston durante o início da década de 1880, sorria cortesmente e encolhia os ombros quando Anne Manning Robbins, a sua secretária, lhe falava sobre as suas sessões com a célebre médium de transe de Boston, Leonora Piper, e sobre como tinha comunicado com amigos e familiares falecidos através de Piper. Embora Martin aparentemente não aprovasse de facto o facto de ela se "andar a meter no oculto", era demasiado cavalheiro para a criticar.

No seu livro de 1909, *Both Sides of the Veil*, Robbins recordou Martin como um homem de "dignidade, doçura e luz". Ela registou que ele escutava pacientemente a queixa do peticionário de justiça mais pobre e era como um antigo patrício romano teria sido, um pai para todos os jovens que trabalhavam para ele. "A genialidade da sua natureza e a amabilidade cortês das suas maneiras faziam-se sentir como a luz do sol nas instalações que ocupava diariamente e, durante toda a minha experiência na vida de escritório, nunca conheci um homem mais amado por outros homens do que ele", escreveu Manning (Robbins 1909).

Conhecido como o "General", depois de o Governador de Massachusetts, John Long, o ter nomeado brigadeiro-general honorário devido ao seu serviço distinto durante a Guerra Civil, especialmente na Batalha de Gettysburg, Martin serviu como comissário de polícia de Boston e, depois, como comissário da água após o seu mandato como presidente da câmara.

Numa sessão com Piper a 17 de janeiro de 1900, Imperator, o principal espírito guia de Piper naquela época, comunicou a Robbins através do corpo em transe de Piper que ela e Martin iriam escrever um

livro juntos. Quando Robbins perguntou a Imperator sobre o que seria, ele respondeu: "Diz respeito às coisas naturais da vida e a muitas condições diferentes da tua vida, que serão reunidas numa forma de filosofia. Assim será, apesar de tudo o que possas pensar em contrário" (Robbins 1909).

Embora Robbins, licenciada pelo Mount Holyoke College, fosse uma escritora competente e trabalhasse bem com Martin, não conseguia imaginar os dois a colaborar num livro de qualquer espécie. Numa sessão posterior, disse a Imperator que não tinha qualquer desejo de escrever um livro. "Amiga, escrever um livro é o teu destino ou o teu dever, um e outro combinados", respondeu Imperator (Robbins 1909).

Após a morte de Martin, a 13 de março de 1902, Robbins descartou a previsão como uma "profecia falhada". Mas Robbins tinha tido demasiadas sessões significativas e provadas com Piper para desconsiderar tudo por causa disso. Continuava a confiar em Imperator e Rector, que tinham substituído o Dr. Phinuit e George Pellew como os espíritos guias de Piper em 1897, cerca de doze anos após a primeira sessão de Robbins com Piper.

O *modus operandi* consistia em Piper entrar em transe e, em seguida, Imperator ou Rector assumirem o seu corpo e comunicarem por meio de escrita automática. Imperator, de quem se dizia ser um espírito muito elevado, comunicava apenas quando tinha alguma sabedoria profunda para relatar.

Quando familiares e amigos falecidos queriam comunicar com o participante da sessão, Rector assumia o controlo e transmitia as mensagens dos vários espíritos através da mão de Piper. Anteriormente, sob o regime de Phinuit, as mensagens vinham da boca de Piper, mas o método da escrita provou ser mais eficaz.

Devido à sua aptidão estenográfica, Robbins foi convidada pelo Dr. Richard Hodgson, o investigador principal dos fenómenos de Piper, para o assistir por vezes, mantendo um registo das perguntas feitas aos espíritos comunicantes pelos participantes antes de a mão de Piper dar as respostas. A 21 de maio de 1903, Piper estava a sair do transe e ainda se encontrava num estado de torpor quando Robbins a ouviu, ou ao seu guia, murmurar algo sobre o General Martin vir falar em breve. No entanto, foi só a 23 de dezembro daquele ano, cerca de 21 meses após o seu falecimento, que Martin começou efetivamente a comunicar.

"Quero saber se não achas que poderíamos conseguir escrever um livro?", comunicou Martin através de Piper, de forma clara e forte, acrescentando que tinha isto em mente desde que fizera a transição para o seu novo mundo (Robbins 1909). Quando Robbins lhe perguntou por que razão tinha esperado dois anos para comunicar, ele explicou que estava a "lutar" e que a sua alma demorou esse tempo a despertar e a adaptar-se plenamente.

Ao longo dos seis anos seguintes, Martin comunicou com Robbins em várias sessões, discutindo frequentemente a vida do seu lado do véu e a sua nova filosofia daí resultante. "Sou exatamente o homem que era, só que as minhas ideias mudaram todas", disse Martin através de Rector. "Estão mais agora, creio eu, em harmonia com as tuas... Mas, oh, por que fui eu tão cego? Foi por causa da espessura, da espessura da carne" (Robbins 1909).

Robbins perguntou a Martin onde ele estava e se a conseguia ver e ao que ela estava a fazer. Martin respondeu que estava de pé ao lado de Piper, com a mão no ombro dela. Conseguia ver a mão de Piper a escrever algo e também conseguia ver a mão de Robbins a escrever. No entanto, não compreendia totalmente o que se passava com toda aquela escrita. Robbins explicou-lhe que os seus pensamentos estavam a sair através da mão de Piper. Martin disse que "eles" (aparentemente Rector e outros assistentes de Imperator) lhe andavam a dar instruções há meses e meses do tempo da Terra sobre como comunicar, mas o processo era muito confuso e ainda lhe estava a ser incutido à força.

Robbins perguntou a Martin se ele se lembrava do que aconteceu imediatamente após a sua morte no plano físico. "Quando passei para o lado de lá, a minha mente estava enevoada, bastante confusa", respondeu ele. "Senti-me como se estivesse a ir para o espaço, sem saber para onde, flutuando, por assim dizer, durante algumas horas — foi tudo — e depois senti como se uma mão forte me agarrasse e me dissesse: 'Está tudo bem, já passou.' E eu disse: 'O que é que já passou?' Parecia não conseguir compreender o que tudo aquilo significava e, passados uns momentos, talvez uma hora, possivelmente uma hora ou duas, vi, oh, uma luz assim! Não consegues imaginá-la, não consegues conceber como ela é" (Robbins 1909).

O guia que acolheu Martin explicou-lhe que ele se encontrava agora na "vida real". Embora ainda confuso, Martin lembrou-se então de ser

recebido por amigos e familiares. "Ora, senti-me como se fosse ser envolvido por eles, de tão grande que era o deleite, mas quando tentei chamá-los pelo nome, vi-me incapaz de o fazer", relatou. "Tiveram de me dizer quem eram. Conhecia os seus rostos, nem um me falhou." Quando Martin tentou falar, descobriu que era por transmissão de pensamento e não por cordas vocais. "Havia uma comunhão perfeita entre nós" (Robbins 1909). Também se lembrou de observar o seu próprio funeral e de se sentir aliviado por ter sido libertado do corpo que o aprisionava.

"Tenho estado a avançar e a prosseguir, e vi toda a gente que conheci, e tenho tido o momento mais feliz que poderias imaginar", continuou Martin, acrescentando que, após a sua orientação inicial, foi levado para uma "mansão real" (Robbins, 1909). Tinha flores lindas ao seu redor e havia uma orquestra para o acolher com uma música belíssima. "Agora, tu não estás a viver na vida real", disse Martin a Robbins, percebendo que é difícil para os encarnados compreenderem como pode haver coisas aparentemente materiais no mundo espiritual. "Estás a viver num sonho, por assim dizer. Quando acordares do sonho, viverás na vida eterna" (Robbins 1909).

Ele continuou explicando que a vida do seu lado do véu não é um "fac-símile" da vida terrena; pelo contrário, é o oposto. Tudo na vida terrena é uma imitação da vida real. Referiu-se à vida terrena como uma "sombra miserável" do que a vida daquele lado realmente é.

Durante uma sessão, Martin disse que estava a ficar demasiado fraco para permanecer. Robbins mencionou que estavam a comunicar há quase uma hora. Martin respondeu que já não tinha qualquer noção de quanto tempo era uma hora, mas que já não podia usar a "luz" (o organismo de Piper), pois esta estava a perder força. Depois de se despedir, Rector proferiu algumas palavras, comentando que Martin "tem um desejo muito ardente de trabalhar para Deus e para a humanidade" (Robbins 1909).

Numa sessão a 24 de maio de 1904, Martin disse a Robbins que estava frequentemente ao seu lado sem que ela se apercebesse. Acrescentou que, quando ela estava a trabalhar, por vezes ditava-lhe pensamentos e ficava surpreendido ao ver a clareza com que ela os registava, notando que conseguia sentir a surpresa dela quando parava para pensar no que tinha acabado de registar. Relatou que, à medida que progredira no mundo espiritual, se esquecera dos nomes de várias pessoas e lugares, mas que os

vitais, aqueles pelos quais tinha "verdadeiras simpatias espirituais", permaneciam com ele.

Lembrou-se de uma pessoa chamada "Hanscom" que fora demitida da força policial devido a um desentendimento. Martin disse que não compreendia realmente o ponto de vista de Hanscom na altura, mas que agora era capaz de "ver os seus princípios" e compreender melhor a visão ampla e as ideias de reforma de Hanscom. Pediu a Robbins que dissesse a Hanscom que agora apreciava os seus esforços, se o pudesse fazer de forma a que Hanscom não a achasse louca.

Quando Robbins perguntou a Martin o que fazia com o seu tempo, ele respondeu que o seu "tempo" estava "completamente preenchido". Explicou que estava ativamente empenhado em acolher e instruir os espíritos que tinham acabado de passar da vida terrena, permanecendo com eles até que estivessem plenamente conscientes. Alguns eram levados para outra esfera, mas ele era capaz de trabalhar com os que permaneciam no seu nível. Também convivia com amigos, tocava instrumentos musicais, escrevia, dava palestras, desfrutava do seu jardim e assistia a palestras e concertos de todos os géneros. "É uma vida perfeita", continuou. "E para viver esta vida perfeita, tens de viver essa vida imperfeita, e quanto mais te comprometeres a preparar-te para esta vida, menos terás de passar quando transitares para ela e mais claros se tornarão os teus pensamentos quando nela entrares" (Robbins 1909). Mas Martin alertou Robbins para não ter pressa em deixar esta vida, afirmando que cada pessoa deve viver o tempo que lhe foi estipulado e que uma pessoa que tira a sua vida intencionalmente sofre um retrocesso no seu desenvolvimento e evolução.

Martin disse a Robbins que, embora ela não se conseguisse lembrar quando acordada, o seu espírito saía pelo seu cordão etéreo quando ela estava a dormir, período durante o qual ela frequentemente o visitava e conversava com ele. Disse ainda que nunca tinha visto Deus e nunca esperava ver, apontando que Deus governa todos nós e reina sobre todos nós, e que somos uma ramificação d'Ele.

Martin também disse a Robbins que George Pellew o tinha ajudado bastante a aprender a comunicar, embora Pellew tivesse avançado para a sétima esfera, aquilo de que as pessoas na Terra falam como o céu, e, portanto, bastante distante das condições terrenas. Robbins perguntou então a Martin em que esfera ele se encontrava, ao que ele respondeu: na terceira.

"Avançamos até sentirmos que nos aperfeiçoámos de acordo com a vontade e a ideia de Deus, e só então nos sentimos satisfeitos, e não antes disso", explicou ele, continuando a dizer que a passagem bíblica, "Na casa de meu Pai há muitas moradas", tem um significado literal (Robbins 1909).

Robbins perguntou a Martin se um espírito numa das esferas ou planos inferiores o podia ver e falar com ele. Martin respondeu que era possível se o espírito tivesse um grande desejo de o fazer e cumprisse certas condições pelas quais teria de passar. Quanto aos seres dos reinos superiores, apareciam como raios cintilantes com rostos, mas os do reino de Martin não entravam habitualmente em estreita proximidade com eles porque estes estavam demasiado evoluídos.

"Aprendi tanto sobre esta vida bela e compreendo a verdade e a realidade dela por ter a experiência real, que o mundo deveria, através da tua mão e do teu cérebro, ser alertado em parte para o desabrochar, para o verdadeiro desenvolvimento da alma depois de deixar o seu ambiente", disse Martin. "Que é uma consciência ativa, que está num estado de desenvolvimento superior, que é capaz de alcançar o plano físico e agir através de vozes como a tua, diríamos, para dar expressão e voz à verdade e realidade de parte do que esta vida contém" (Robbins 1909).

O seu maior arrependimento, confessou Martin, foi não ter aprendido mais sobre o assunto quando estava vivo, pois isso prejudicou o seu progresso assim que fez a sua transição para o outro lado do véu.

Bem, se eu não sou Hodgson, ele nunca viveu. — (o desencarnado) Richard Hodgson

Em 1884, enquanto ensinava filosofia em Cambridge e estudos jurídicos na University Extension, Richard Hodgson foi recrutado pela Society for Psychical Research (SPR) para investigar médiuns. Ele apresentou relatórios desfavoráveis sobre vários médiuns, incluindo Madame Blavatsky. Muitos consideraram que ele fora demasiado rápido a julgar e demasiado severo. Parecia que a sua intenção era desmascarar todos os médiuns. Depois de se mudar para os Estados Unidos em 1887 e de investigar a mediunidade de Leonora Piper, de Boston, passou a acreditar na autenticidade do seu dom.

Sendo o único funcionário a tempo inteiro da filial americana da SPR (ASPR), Hodgson teve centenas de sessões com Piper entre 1887 e a sua

morte, a 20 de dezembro de 1905, quando, aos cinquenta anos, sofreu um ataque cardíaco enquanto jogava andebol. Oito dias após a sua morte, a Menina Theodate Pope, que conhecera Hodgson, estava numa sessão com Piper. Rector, o espírito guia de Piper, estava a usar o organismo dela e a escrever algo quando a mão largou o lápis e começou a tremer. Quando a mão se firmou, escreveu a letra "H", após o que a ponta do lápis se partiu. Quando um novo lápis foi colocado na mão de Piper, esta escreveu "Hodgson". Começou a escrever outra coisa, mas seguiram-se apenas gatafunhos rápidos.

Rector retomou então o controlo da médium e explicou que Hodgson estava ali, mas que estava demasiado "sufocado" para escrever. Foi só numa outra sessão de Pope, cinco dias mais tarde, que Hodgson comunicou de novo, começando com um poema. No entanto, acrescentou que se sentia confuso e não conseguia escrever mais nada. Numa terceira sessão, a 8 de janeiro de 1906, Hodgson regressou e explicou que era extremamente difícil para ele comunicar, sugerindo que ainda não tinha despertado o suficiente ou que ainda não tinha aprendido a lidar com o "mecanismo" (o corpo de Piper).

A 23 de janeiro de 1906, a Sra. William James, esposa do célebre professor de Harvard, e William James, Jr. estiveram numa sessão com Piper. Hodgson usou o mecanismo vocal de Piper e disse: "Ora, ali está o Billy! São a Sra. James e o Billy? Deus vos abençoe! Bem, bem, isto é bom! (riso) Estou no banco das testemunhas. (riso) Encontrei o meu caminho, estou aqui, tenham paciência comigo… Onde está o William?… Não estou forte, mas tenham paciência comigo… Dir-vos-ei tudo…" (Holt 1914).

Hodgson continuou dizendo que tinha visto Frederic Myers (investigador psíquico pioneiro que morreu in 1901) e queria que Sir Oliver Lodge (outro investigador psíquico, ainda vivo) soubesse de tudo. Perguntou a James Jr. sobre a sua natação e a pesca, duas atividades de que tinham desfrutado juntos. Também perguntou a James Jr. se podia dar instruções a George Dorr, que estava a tratar de alguns dos seus assuntos, relativamente aos seus documentos privados (de Hodgson). Houve muitas outras informações evidentes que indicavam que era de facto Hodgson quem comunicava. Hodgson encerrou com um comentário dizendo que a

comunicação era muito mais difícil do que ele previra em vida e que agora compreendia por que razão Myers comunicava tão pouco.

Quando uma certa Sra. Lyman teve uma sessão com Piper, Hodgson trouxe à conversa um anel que ela lhe tinha oferecido pelo seu quinquagésimo aniversário. Disse que queria que este lhe fosse devolvido, mas não sabia o que lhe tinha acontecido. Especulou que o agente funerário o teria levado e depois que o funcionário do balneário do clube onde morreu poderia tê-lo. No entanto, foi mais tarde encontrado no seu colete, em casa de Dorr. A 2 de maio de 1906, Hodgson disse ao participante da sessão, John Piddington, que estava a ajudar George Dorr a tratar dos seus assuntos, que não queria que ninguém lesse as cartas que guardara de uma amiga. Hodgson indicou "Huldah" como o nome da sua amiga. A 14 de maio, Piddington informou Hodgson de que não tinham sido encontradas tais cartas entre os seus pertences.

Hodgson respondeu que talvez as tivesse destruído e se tivesse esquecido. A 5 de junho, a Sra. James e Dorr estiveram com Piper e perguntaram a Hodgson sobre o seu interesse amoroso. Hodgson disse que uma vez a pedira em casamento, mas ela recusara. Deu o nome completo como Ella Huldah Densmore. William James contactou mais tarde Densmore para confirmar a história, já que isto era algo desconhecido de qualquer um dos amigos de Hodgson e aparentemente fora do alcance da telepatia normal. Descobriu que o seu segundo nome era Hannah, não Huldah, mas ela confirmou que Hodgson a pedira em casamento e que tinham trocado cartas. Como a filial americana da SPR tinha frequentemente falta de fundos, Hodgson nem sempre recebia o seu salário integral. Um amigo abastado doava por vezes dinheiro para compensar o défice. No entanto, era doado através de um dos diretores da ASPR com a condição de que Hodgson não soubesse de onde vinha o dinheiro, pois o amigo não queria que Hodgson se sentisse de alguma forma obrigado para com ele. Quando esse amigo teve uma sessão com Piper, Hodgson comunicou e agradeceu-lhe o seu apoio. Ao longo dos sete ou oito meses seguintes, muitas pessoas que tinham conhecido Hodgson tiveram sessões com Piper.

O desencarnado Hodgson fez o seu melhor para fornecer pormenores de informação que lhes permitissem reconhecer que era ele quem comunicava, e que tudo aquilo não era um jogo de leitura de mentes. Mas,

tal como os espíritos comunicantes tinham indicado a Hodgson quando este estava vivo e a estudar Piper, não era assim tão fácil transmitir a informação. O desencarnado Hodgson dizia que era muito difícil lembrar-se de nomes e que algumas memórias terrenas iam e vinham. Mesmo quando era vivo, ele era fraco com nomes e recordações. O facto de estar agora a operar num plano diferente não significava que se conseguisse lembrar melhor deles. Além disso, existiam dificuldades em comunicar várias coisas através do organismo da médium.

"Sinto agora dificuldades semelhantes às que um homem cego experimentaria ao tentar encontrar o seu chapéu", disse Hodgson ao Professor William Newbold numa sessão a 23 de julho de 1906. "E não estou totalmente consciente das minhas próprias palavras porque elas saem automaticamente, impressas na máquina (o corpo de Piper)… Eu imprimo os meus pensamentos na máquina, que os regista ao acaso, e que, às vezes, são sem dúvida difíceis de compreender. Compreendo muito melhor o *modus operandi* do que quando estava no vosso mundo" (Holt 1914).

Quando Newbold perguntou a Hodgson se o conseguia ver, Hodgson respondeu que sim, mas que conseguia sentir melhor a sua presença. Acrescentou que esteve de pé atrás de Newbold e de William James enquanto eles discutiam sobre ele (Hodgson) na semana anterior e que pôde ouvir a conversa deles. Lembrou-se de James dizer que ele (Hodgson) era muito "reservado e cuidadoso". Newbold disse que não se lembrava desse comentário. "Digo-te, Billy, ele disse-o", exclamou Hodgson (Holt 1914). James confirmou mais tarde que tinha de facto feito tal afirmação.

Quando o Dr. James Hyslop, outro célebre investigador psíquico daquela época, esteve numa sessão com Piper, Hodgson perguntou-lhe se se lembrava de uma conversa em que ele (Hodgson) dissera que, se morresse primeiro e fosse capaz de comunicar, falaria com o fervor de um pregador sulista. Hyslop disse que não se lembrava de nenhuma conversa desse género. Hodgson lembrou-se então de que fora com William James que tivera essa conversa. Hyslop contactou mais tarde James para saber se tal afirmação tinha sido feita. James confirmou-o, embora a sua recordação fosse a de que tinha sido ele a fazer a afirmação a Hodgson.

Exceto pela saudação vocal à Sra. James e ao seu filho, a comunicação de Hodgson veio através da mão de Piper, por escrito. Rector transmitia frequentemente as mensagens de Hodgson, mas houve alturas em que

Rector se afastava e permitia que Hodgson assumisse o controlo. James perguntou a Hodgson por que razão era necessário que Rector o ajudasse na comunicação com tanta frequência. Hodgson explicou que Rector compreendia melhor a "gestão da luz".

Quando James criticou Hodgson pela sua caligrafia, comentando que estava a ficar pior, Hodgson perguntou a James se se lembrava de uma altura em que ele (Hodgson) lhe escrevera para Londres, mas James achara a sua caligrafia tão "detestável" que teve de pedir à sua filha, Margaret, para a ler. James não se conseguia lembrar claramente disso, mas a sua filha lembrava-se perfeitamente.

De acordo com James, que teve uma série de sessões com Piper quando Hodgson comunicava, havia uma sensação viva de que a personalidade que comunicava, fosse Rector ou Hodgson, compreendia toda a situação. Hodgson falava sobre certos registos da ASPR não serem tornados públicos, sobre a destinação dos seus livros e outros bens, sobre o futuro da ASPR e sobre um determinado indivíduo que estava a interferir indevidamente com a organização. "Quem participa numa boa sessão tem habitualmente uma perceção muito mais viva, tanto da realidade como da importância da comunicação, do que quem apenas lê o registo", escreveu James. "São necessárias relações ativas com uma coisa para que a realidade dela se nos imponha, e numa conversa em transe o participante coopera ativamente" (Holt 1914).

E, no entanto, James debatia-se com a aceitação da hipótese espiritual em detrimento das hipóteses da personalidade secundária, da telepatia e da teloterapatia (sendo esta última a telepatia à distância). Hodgson tivera a mesma dificuldade até George Pellew começar a comunicar através de Piper (Holt 1914). Havia simplesmente demasiada personalidade, demasiada emoção, demasiada persistência na comunicação para que Hodgson se apegasse à teoria da leitura de mentes, onde se esperariam fragmentos de informação e não um diálogo dramático. Conforme indicado pelos seus relatórios à ASPR, James, que aparentemente achava a hipótese espiritual ou demasiado simplista ou demasiado complexa, passou gradualmente a acreditar que poderia haver algo nela.

"Se a sua imaginação é incapaz de conceber de todo a hipótese espiritual, limitar-se-á a proclamá-la 'impossível' e confessará assim a sua incompetência para discutir seriamente a alternativa", escreveu James. "Eu

próprio consigo perfeitamente imaginar a ação espiritual, e sinto a minha mente vacilar curiosamente em relação a ela" (Holt 1914).

Embora a leitura de mentes pudesse ter explicado o comentário de Hodgson sobre pesca e natação a James Jr., não explicava como a personalidade secundária de Piper transformava fragmentos de informação extraídos do consciente ou do subconsciente de James Jr. em perguntas e discussões. Não explicava a discussão que Hodgson tivera a respeito dos assuntos da ASPR, a menos que se aceite a possibilidade de uma personalidade secundária conseguir processar rapidamente a informação e depois transformá-la num diálogo, por vezes de forma dramática.

Mesmo que uma personalidade secundária soubesse que Dorr tratava dos assuntos de Hodgson, como poderia "ela" saber o que constava naqueles papéis? A que computador cósmico teria a personalidade secundária acedido para chegar a "Huldah" e à proposta de casamento que lhe fizera? Se existe algum computador cósmico nos éteres, por que razão não conseguiu a personalidade secundária de Piper acertar bem no nome?

Por que não conseguiu a personalidade secundária obter outros nomes que estavam claramente na mente dos participantes? Pode uma personalidade secundária ter a vontade de enganar? Estas eram todas questões sobre as quais James ponderava, seguro, contudo, de que a personalidade da Sra. Piper fora do transe era totalmente honesta e sincera.

"Se te conseguires entregar a isso, William, e sentir a influência disso e a realidade disso, isso tirará o aguilhão da morte", aconselhou Hodgson a James relativamente ao seu ceticismo, acrescentando que James esperava demasiado dele, como se ele devesse ser capaz de comunicar de forma tão eficaz e coerente como conseguia no corpo (Holt 1914).

Em novembro de 1906, Piper regressou a Inglaterra para ser submetida a novos testes por Sir Oliver Lodge, o célebre físico e investigador psíquico. Lodge notou que, quando esteve com Piper pela primeira vez em 1889, a comunicação fazia-se quase sempre pela voz e qualquer escrita era breve e ocasional. Agora, dezassete anos mais tarde, acontecia exatamente o oposto, quase tudo por escrito e a voz empregue apenas em circunstâncias excecionais.

Em 1889, Piper sentava-se direita, com a cabeça inclinada e os olhos fechados. Em 1906, a sua cabeça reclinava-se numa almofada com o rosto

virado para o lado oposto, enquanto apenas a sua mão direita estava ativa. "A atividade dramática da mão era muito notável", escreveu Lodge. "Estava cheia de inteligência, e podia ser descrita como mais parecida com uma pessoa inteligente do que com uma mão.

Às vezes virava-se para o participante, quando queria que este falasse com ela, mas, na maior parte do tempo, quando não estava a escrever, afastava-se do participante, como se estivesse a receber comunicações do exterior, que depois passava a escrever, voltando-se para o espaço — isto é, dirigindo-se para uma parte da sala onde não estava ninguém — para obter mais informações e inteligência suplementar, conforme a necessidade surgisse" (Lodge 1909).

Lodge descreveu uma sessão típica: Piper entrava na sala à hora marcada, sentava-se na cadeira em frente das almofadas, após o que o experimentador (geralmente Lodge) se sentava perto da mesa onde a mão direita de Piper iria escrever. O participante normalmente não entrava na sala até que Piper estivesse no estado de transe. Demorava habitualmente cerca de cinco minutos para ela entrar em transe, altura em que a sua cabeça caía sobre as suas mãos nas almofadas e se virava para a esquerda.

A sua mão direita desprendia-se então e caía sobre a mesa, perto do material de escrita. Após cerca de 30 segundos, a mão "acordava", erguia-se lentamente, fazia o sinal da cruz no ar e indicava que estava pronta para escrever. Lodge dava então um lápis à mão, colocando-o entre os dedos indicador e médio. Este era imediatamente agarrado e a escrita começava. Primeiro, desenhava-se uma cruz e depois escrevia-se a palavra "Salve", a que se seguiam palavras de saudação e a assinatura "R", de Rector. Cabia ao experimentador mudar o papel quando uma página estava completa. A mão parecia saber quando fazer uma pausa, mas ficava frequentemente impaciente se o experimentador fosse demasiado lento a substituir o papel.

Lodge observou ainda que, em 1889, quando Phinuit controlava Piper, o ato de entrar em transe parecia sempre um processo muito doloroso, envolvendo muita contorção e até um puxar de cabelos. No entanto, sob o controlo de Rector, Piper alcançava o estado de transe de forma muito mais serena e o regresso à consciência era muito mais fácil e natural do que nos dias de Phinuit. Em 1889, Piper era frequentemente testada duas vezes por dia, mas Rector agora permitia apenas aproximadamente de dois em dois dias e com um limite de duas horas. À medida que emergia do estado de

transe, Piper permanecia um pouco atordoada durante cerca de trinta minutos, muitas vezes murmurando, até que os seus olhos se iluminavam e ela reconhecia as pessoas na sala.

Hodgson apareceu várias vezes nas sessões inglesas de Piper, mas manteve-se praticamente em segundo plano para que outros pudessem comunicar com participantes que lhes eram familiares.

Michael Tymn

EXTRATOS DE SESSÕES DE:

BOTH SIDES OF THE VEIL

Anne Manning Robbins

PARTE II

COMUNICAÇÕES DO OUTRO LADO DO VÉU ATRAVÉS DA SRA. PIPER

I

EXTRATOS DE RELATÓRIOS DE SESSÕES

SESSÃO DE 23 DE DEZEMBRO DE 1903

Rector a controlar

Estás aqui? Estás presente? *(Estou.)* Em nome santo de Deus te saudamos neste dia e nesta hora. Mandámos chamar-te para que regressasses a nós para que te pudéssemos esclarecer tudo, trazer mensagens daqueles que te procuram do nosso lado e ensinar-te a divina e santa vontade de Deus. Ouves-me? *(Oiço. Estou contente por não ter sido deixada fora do redil.)* Deixada, amiga? Nenhum cordeiro que venha a nós, que nos procure no mais alto, que tenha fé em Deus, se afastará de nós nem permitiremos que derivem do redil desprotegidos ou sem guia. Os teus amigos deste lado têm-te procurado frequentemente. *(Amigo?)* Amigos. Têm-te procurado, têm-nos pedido para te procurar, para te descobrir, para te trazer até nós e até eles. Ouves-me? *(Sim.)* Amiga, oh, os de pouca fé não conhecem os desígnios do Sapientíssimo. ... Eu sou Rector, servo de Deus. Trago-te primeiro o teu amigo conhecido como Hiram.

[O meu velho amigo das primeiras sessões, que faleceu em 1885, conhecido nos antigos relatórios como "H.". Houve aqui alguma conversa que entendi ser de Hiram Hart, mas, embora nos primeiros anos ele falasse de forma muito natural, sendo o seu estilo muito diferente do de Rector, nesta altura as duas personalidades eram tão semelhantes que eu não conseguia distinguir claramente quando uma deixava de falar e a outra começava. Pareceu mais tarde, contudo, que Rector trouxe Hiram Hart, e este último veio introduzir o amigo que nunca antes fizera a sua aparição. Pois ele disse:]

Estou a trazer outro amigo que te procura, que te conhece como és. Ele gostaria de falar também, mas o despertar da sua alma foi o mais notável que alguma vez conheci. Procurei-o e encontrei-o. Ele procurou-me. Encontrámo-nos um ao outro. Estamos juntos. Apertamos as mãos, somos amigos. *(Sim.)* Chamam-lhe do nosso lado "General". *(Compreendo.)* Não conheço tão bem o seu outro nome, mas ele é conhecido por este e chamamos-lhe assim, e ele está feliz, mas anseia por encontrar-te. Ouves? *(Sim.)* Agora aqui vem o General. Queres falar com ele? *(Oh, ficaria encantada.)*

[O que se segue imediatamente entendi serem as primeiras palavras que vieram do conhecimento mais recente, que faleceu cerca de vinte e um meses antes da data desta sessão.]

O General

Quero ver-te. Quero que tudo fique entendido entre nós, e enquanto não estiver não me sinto satisfeito. Não me podes ajudar? Não consegues ver os obstáculos no meu caminho?

[Apenas algumas frases breves omitidas aqui.]

Não consegues ver que a vontade de Deus era melhor? Oh, tu não és tão fraca como eu pensava na tua crença. Porque é que eu não sabia mais? Bem, porque eu estava a lutar com o mundo. É isso. *(É o Hiram que está a falar, ou está ele a falar pelo General?)* Não, ele está a falar pelo General. Ele está a citar as palavras do General. Lembras-te do pequeno poema, *Dizei-me, ó ventos alados Que rugis em redor do meu caminho, Não conheceis algum lugar —*

[Palavras não captadas todas corretamente aqui, mas estas são as primeiras linhas da estrofe que ele estava a tentar citar.]

Lembras-te disso? *(Sim.)* Lembras-te, *Algum vale solitário e agradável, Algum vale no Oeste, Onde livre de labor e dor, A alma cansada possa descansar? (General, costumava repetir muita poesia, não costumava?)* Oh, esqueci-me, — sim, costumava. Encontrei essa paz, esse descanso, o belo despertar do espírito. Anseio por uma conversa contigo, mas não compreendia as condições. *(Sim, tenho estado apenas a esperar pacientemente que vinhas.)*

Tens chamado por mim no teu espírito. Eu sabia-o e sentia-o, mas não conseguia chegar cá abaixo até que as condições estivessem arranjadas para isso. Sabes o que tudo isto significa? Talvez saibas melhor do que eu. Mas estes bons sacerdotes [que] abriram o caminho, que me mostraram a Luz, abriram-me a porta e aqui estou.

Prouvera a Deus que me pudesses ver como sou! Sou exatamente o homem que era, só que as minhas ideias mudaram todas. Estão mais agora, creio eu, em harmonia com as tuas. Oh, é belo, é ideal, logo ali do outro lado do rio, levanta o Véu e sabes tudo. Conta-me algo de ti. Mas oh, por que fui eu tão cego? Foi por causa da espessura, da espessura da carne. *(General, sabe o que estou a fazer?)* Sim, sei-o bem. Queres dizer a natureza do trabalho, ou o trabalho privado? *(Quero dizer neste minuto.)* Neste preciso minuto? *(Sim.)*

Ora, não estás a registar algo? *(Sim.)* Consigo ver a tua mão mover-se e consigo ver também o teu espírito, tão claramente, e a mão espiritual guia a mão material, e parece como se estivesse a registar algo. É o que estou a dizer? *(Sim.)* Bem, isso é natural. *(Bem, parece-me que sim.)* Isso é natural, e quão rapidamente trabalhavas com isso para mim. Nunca esquecerei esses dias.

[Isto refere-se, como é óbvio, aos oito anos de associação em cargos públicos, e especialmente aos primeiros cinco, quando eu relatava audiências, conferências, etc., a que ele presidia, e também escrevia muito sob o seu ditado.]

E lembras-te da última vez que te vi no corpo? *(Sim.)* Lembras-te do que me disseste? Lembras-te de dizer "Acho que está a ficar melhor"? *(Acho que disse isso, nessa altura.)*

[Disse-lhe isto muitas vezes durante a sua doença, e provavelmente disse-o na última vez que o vi.]

Sim, disseste. Estavas tão esperançosa e ajudaste-me tanto, mas eu não te conseguia dizer tudo o que sentia. Ouves? *(Sim.)*

[Era geralmente entendido entre aqueles que lhe eram próximos que a minha esperança na sua recuperação era mais forte do que a de qualquer outra pessoa, embora mais ninguém soubesse o motivo da minha esperança. Tinham-me sido feitas fortes afirmações proféticas, relativas a trabalhos futuros, etc., que envolviam a vida dele e que, na altura, me parecia impossível alcançarem o seu cumprimento se ele morresse.]

Não podes falar comigo e contar-me algo de ti? *(Falarei devagar para que possa registar.)*

["Registar" é um termo usado do Outro Lado, que eu adotei.]

Está bem. Lembras-te de vir ter comigo e de me falar sobre a tua crença, e lembras-te de eu dizer que gostava de a aceitar, mas não sabia, não compreendia? *(Eu sabia que era assim que se sentia.)* Mas eu senti isso durante todo o tempo. Não conseguia compreendê-lo. Agora compreendo. Que tolos que somos! Mas aqueles poucos que procuram a luz e a luz lhes é dada são abençoados, não são? *(General, lembra-se das primeiríssimas palavras que me disse?)* As últimas palavras que eu disse foram — acho que disse — não disse que te veria novamente e te pediria para vires lá fora?

["Para vires lá fora" é exatamente a expressão correta. A sua casa era nos subúrbios de Boston, a cerca de seis milhas do centro.]

(Bem, o senhor esperava-me lá fora no dia seguinte.) Oh, eu disse-te adeus. Eu disse "adeus, vem amanhã", "ver-te-ei amanhã", ou algo assim — não me consigo lembrar das palavras exatas, mas a ideia é essa. Quais foram? *(As primeiríssimas palavras que disse foram "boa noite". Disse-o de forma tão [natural] como se estivesse perfeitamente bem.)*

Sim, lembro-me de te dizer adeus. Lembro-me de pensar, de ficar na expectativa de te ver novamente. Depois, qual foi a coisa seguinte? Depois passei para o lado de lá — *(Sim.)* — entre essa altura e a altura em que tu — não voltaste. Conta-me um pouco sobre isso. Isso poderá ajudar-me a vir. *(Lembra-se de que costumava sentar-se numa cadeira?)* Oh, sim.

Lembro-me de uma coisa, lembro-me de estar sentado com um cobertor sobre os joelhos, sobre o meu corpo.

[Ele sentava-se dessa forma quase todo o tempo, dia e noite, durante um ano, não sendo capaz de se deitar durante a maior parte da sua doença, e raramente estava sem um cobertor sobre os joelhos, mesmo no tempo mais quente.]

[Há aqui mais um pouco de conversa sobre as condições da sua doença.]

(General, lembra-se de —) A que distância estás agora daqui? Pareces estar a uma certa distância.

[Eu não estava muito perto da médium. Aproximei-me mais um pouco e coloquei a mão no seu ombro.]

(A minha mão está no ombro da médium.) Suponho que seja porque a carne nos divide. *(Lembra-se de que eu costumava trazer mensagens através deste mesmo canal?)*

Oh, lembro-me de que havia uma amiga tua, uma senhora no corpo — agora não me consigo lembrar do nome dela, mas ela vivia algures numa outra cidade, e tu costumavas ir vê-la e depois vinhas trazer-me mensagens dos sacerdotes que me estão a ajudar agora. Mas não me consigo lembrar de quem ela era, mas lembro-me perfeitamente das mensagens, da natureza das mensagens, e elas ajudaram-me mesmo. Deram-me um grande encorajamento, e tudo o que eu precisava era de encorajamento, até que o tempo me ajudou a fazer a transição.

[Arlington Heights, onde a Sra. Piper vivia na altura, fica a cerca de oito milhas do centro de Boston, numa direção oposta à de onde ficava a casa dele.]

O que é que ias dizer sobre as mensagens? Oh, quem me dera que soubesses como me sinto, como estou leve, como consigo ver, como consigo ler e como me consigo mover, como estou livre de estorvos, como a minha mente está clara, como estou realmente supremamente feliz. Ficarias encantada por minha causa. *(Eu nunca quis chamar-te de volta.)* Boa! Sabias demasiado bem o quanto eu sofria. Mas conta-me sobre as crianças. Gostaria de saber algo sobre as crianças.

[Há aqui uma conversa considerável sobre membros da sua própria família, sobre quem ele parecia ansioso por ouvir dizer algo, e perguntou se eu tinha ido à sua casa desde que ele falecera.]

[Cerca de seis meses após a morte do General, um neto com cerca de dois anos de idade, que tinha o seu nome, faleceu. Outro neto nasceu a 16 de dezembro de 1903, precisamente uma semana antes da data da presente sessão. Eu sabia apenas do facto, não sabia que nome tinham dado à criança, nem se já tinha nome. Mas, ao dar-lhe informações sobre a família em que esta criança nasceu, digo, referindo-me ao pai da criança:]

(E ele tem um bebé novo. Sabia disso?) Sim, o pequenino, eu sabia dele. . . . São apenas os pequenos detalhes da vida material que não consigo apreender e [nos] quais anseio que me ajudes, mas a vida real, e a vida real das crianças, e tudo isso, é bem conhecido por mim, mas os detalhes da vida material eu não consigo ver. *(Lembra-se do pequeno Augustus?)*

Ah, sim. Conta-me sobre ele. *(Sabe onde ele está?)* Bem, eu sei sobre o pequenino que veio para o lado de cá. Conheço-o. Ele está comigo e estamos muito felizes juntos. Mas ele não deu ao outro o nome de — *(Ainda não sei que nome ele lhe deu.)* Não lhe chamou Augustus?

Chamou, tenho a certeza, um dos dois nomes. Mas o primeiro dele está comigo. *(Ora, eu não sei se ele lhe deu o nome de Augustus ou não —)* Bem, deu. *(— por isso isso será um bom teste para mim.)* Esse é um dos nomes dele. *(Vou informar-me sobre isso.)* E um dia destes podes falar comigo sobre isso, mas, entretanto, sei que é verdade. Mas o rapazinho seguiu-me muito cedo, não foi? *(Sim.)* Eu sabia, e fiquei tão feliz por ele vir, e ele está melhor aqui, muito melhor. Na verdade, está tudo bem. Não tenho palavras de queixa a apresentar.

[Apurou mais tarde que o novo bebé se chamava William Everett, mas a mãe dele disse-me que lhe chamavam Augustus quase todo o tempo. Ele parecia ocupar o lugar do pequeno Augustus que tinham perdido.]

Estás a dar-te bem no mundo?

[Não respondo imediatamente.]

(Sabe que quero registar tudo isto, e é por isso que estou um pouco lenta.) Oh, compreendo. Bem, não te presses. Não há pressa neste mundo. Vejo uma luz a arder, e no fim dessa luz estou a falar, e quando a luz

começar a apagar-se, como é óbvio, tenho de ir. Isto é, não posso falar contigo, mas estarei contigo da mesma forma e tu estarás consciente disso. Estás a dar-te tão bem como quando eu estava contigo? *(Ah, mais ou menos tão bem.)* Tens de trabalhar no duro? *(Bem, tenho de trabalhar todos os dias.)* Mas não mais no duro? *(Não.)* Fico feliz. Gostaria de te ver um pouco livre por algumas horas naquilo a que costumávamos chamar dia, e que tivesses um pouco de lazer para descansar e ler sobre assuntos relativos aos progressos de uma vida superior, e seria tão melhor se pudesses, tão mais prestável.

E, no entanto, o corpo tem de ser alimentado, eu sei. Tem de ser vestido. Eu sei disso e não me esqueço dessas coisas na minha experiência, mas ainda assim há uma grande parte além disso. Isso não é nada, isso é apenas a cobertura. *(Bem, disseram-me que eu haveria de estar livre algum dia, mas não vejo grandes perspetivas disso agora.)* Sim, eu vejo. Vejo luz à tua volta, o que indica mais descanso, menos trabalho duro, e essa é a razão pela qual te falei nisso, — se não estivesse muito perto de ti.

Deve estar, consigo vê-lo tão claramente. Queres dizer-me agora se estás realmente a ter algum descanso? *(Um pouco à noite, só isso.)* Trabalhas o dia todo? *(Sim.)* Não é de dia contigo agora? *(Saí mais cedo. Consegui dispensa.)* Mas isso é uma novidade para ti. *(Bem, consegui dar um jeito.)* Quero dizer, não é uma coisa que tu — tu costumavas ser bastante firme. *(Eu não sairia por nada a não ser por si, para vir ver-te. Eu deixaria tudo por isso.)* Oh, sim. Estás realmente bem de saúde? *(Estou bastante bem, e a tentar ficar muito bem.)*

[Menciono uma ligeira indisposição física.]

Bem, não sabes que deves andar muito ao ar livre. Deves ir àquilo a que costumávamos chamar passear, e andar muito ao ar livre também. Tu consegues sair. Não te feches entre as quatro paredes do teu quarto. Ora, esse é o meu conselho. Não podes ir até à biblioteca? Lembras-te da biblioteca. Vai até lá e arranja um pouco de leitura. Faz a caminhada de ida e volta. Volta e lê um pouco, dedica-te a um pequeno estudo. Isso ajudar-nos-á no trabalho e isso é tudo o que precisas de fazer. Come devagar. Não te apresses tanto. Tira bastante tempo e tem cuidado com o que comes. Esse é o meu conselho para ti. Estou um pouco fraco neste momento e os meus pensamentos começam a tremer. *(Está a falar através da médium, ou é o Hiram que está a interpretar por si agora?)*

O Hiram está a fazê-lo por mim. Eu não consegui assumir a posse da médium ainda. *(Poderá fazê-lo algum dia?)* Sim, mas não agora. Estou a tentar compreender as leis e o funcionamento da máquina, e eles puseram-me aqui em cima para que eu pudesse ver. Exatamente como um rapaz da escola que é mandado ao quadro para resolver uma tabuada de multiplicação. Estou colocado aqui em cima, sou segurado aqui, e estão três clérigos, um atrás de mim e um de cada lado meu, a segurar-me aqui em cima e a dizer-me para falar, e estou a falar com o Hiram, e o Hiram está a repetir depois de mim, e estou a tentar fazer uma conta de geometria.

É exatamente isso que estou a tentar fazer. E como não estou totalmente equipado nesse problema, talvez consigas compreender algo da dificuldade. *(Acho que está a sair-se maravilhosamente bem.)* But consigo ouvir-te, e desde que te consiga ouvir e passar os meus pensamentos para o outro lado da linha de forma clara, isso é tudo o que quero. *(General, pelo que tenho ouvido, o senhor tem-se saído maravilhosamente bem para a primeira vez.)* Eles andam a preparar-me há meses e meses para me fazer compreender isto. Puseram-me aqui em cima e levaram-me outra vez.

Seguraram-me e mostraram-me a Luz, e disseram: "faz isto e faz aquilo, e vê isto e vê aquilo", e mostraram-me os detalhes, e as entradas e saídas, e os porquês e os motivos, e por que não haveria eu de aprender algo depois de me ser incutido à força durante todo esse tempo. Depois eu disse: bem, tenho de chegar até ela. É uma impossibilidade absoluta para mim [desistir?] até o conseguir. [Hei de] mover céus e terra, mas tenho de chegar até ela. E eles disseram: "Espera, tens de aprender.

Tens de ir aqui connosco, tens de ficar deste lado, erguer as mãos, inclinar a cabeça, falar desta maneira, falar devagar, articular distintamente", — mas sem a preparação há uma boa dose de confusão. Mas eles são muito, muito bons para mim, e eles sabem — o que eles não sabem sobre os detalhes desta Luz não vale a pena saber-se, garanto-te isso, se me consegues captar. Com a tua mente clara consegues captar isto bastante bem, creio eu.

[Há alguma conversa sobre o trabalho privado e ele expressa-se de forma muito enfática.]

(General, o senhor continua tão assertivo como costumava ser, não continua?)

[A médium pareceu sorrir.]

Talvez não me reconhecesses se eu não o fosse. Bem, mantive a minha individualidade, graças a Deus. Sabes onde fica Poland, Poland [hesitando apenas um momento] Springs? *(Oh, julgo que sim.)* Lembras-te disso? *(Sim, com certeza.)* Bem, acho que ninguém a não ser nós próprios — *(Ora, eles sabem onde fica, com certeza.)* Mas quero dizer que eu tinha um interesse nisso. Quero dizer que eu adorava aquilo. *(Sei que adorava muito.)* Poderias ir lá um dia destes. Sabes que isso me veio à mente o mais depressa possível.

[O local onde a famosa Poland Spring está localizada é o único sítio na terra que ele adorava. Ele nasceu a cerca de três milhas da colina onde o grande hotel se ergue atualmente. Estava sempre abastecido com essa água e achava que era a melhor água do mundo. Não havia qualquer pensamento sobre esse lugar na minha mente quando ele fez referência a isso.]

Aqui está o pequeno Augustus. Não o vês? *(Ele está aqui?)* Sim, tão feliz como uma abelha, igualmente ocupado. É um rapazinho querido. *(Dê-lhe o meu amor, se ele o compreender.)* Bem, dar-lhe-ei. Ele ficará feliz por o receber. Lembras-te de me massajar os braços? *(Sim.)* Bem, já não precisam de massagens, graças a Deus. Agora, antes que fique demasiado fraco — sabes que isto é um esforço considerável para mim pela primeira vez — antes que os meus pensamentos comecem a divagar, tens alguma pergunta especial que me queiras fazer sobre a minha vida, sobre o que quer que seja — *(Bem, General, gostava que tentasse lembrar-se de alguns dos detalhes dos últimos momentos, ou melhor, após ter falecido, dos primeiros dias.)*

[Eu referia-me a detalhes do que se passara comigo, ou na casa dele, mas a minha pergunta não é clara.]

Eu sei o que foi. Quando passei para o lado de lá pela primeira vez, a minha mente estava enevoada, bastante confusa. Senti-me como se estivesse a ir para o espaço, sem saber para onde, flutuando, por assim dizer, durante algumas horas — foi tudo — e depois senti como se uma mão forte me agarrasse e me dissesse: "Está tudo bem, já passou tudo." E eu disse: "O que é que passou?"

Parecia não conseguir compreender o que tudo aquilo significava e, passados uns momentos, talvez uma hora, possivelmente uma hora ou duas,

vi, oh, uma luz assim! Não consegues imaginá-la, não consegues conceber como ela é. É o luar mais brilhante e, ao mesmo tempo, o mais suave que alguma vez viste, e eu pensei: que luz maravilhosa era aquela!

E, de repente, vi pessoas a moverem-se. Vi as suas cabeças, as suas figuras. Depois, pareciam todas vestidas de branco, e eu parecia não conseguir distingui-las. Moviam-se no ar. E eu disse: "Que lugar é este? Onde estou? O que sou? O que aconteceu?" Era tudo um grande quebra-cabeças para mim. Quando estiver forte, contar-te-ei sobre isso. Não te posso contar mais nada.

Agora, o que queres que eu faça, pensar nos poucos dias — *(Antes de eu voltar a vir, quero dizer.)* — e quando eu regressar, contar-te qual foi a minha experiência, digo-te uma coisa, o clérigo que está a falar por mim agora foi o melhor amigo que alguma vez tive, e ele disse: "Vem, está tudo bem, eu mostrar-te-ei o caminho; está tudo bem, vais passar esta confusão num minuto, e eu ajudar-te-ei." E eu disse: "Quem és tu? O que és tu? O que estás aqui a fazer? O que significa tudo isto?" Ele disse: "Não importa, vai ficar tudo claro para ti em poucos minutos. Espera apenas pacientemente e vem comigo."

E ele estava pronto para me acolher. *(Bem, quem era ele?)* Bem, o nome dele é Hart. *(Oh!)* Ele diz: "Eu sei quem tu conheces, tu sabes quem eu conheço, agora seremos amigos juntos, e isto está tudo bem; eu tenho experiência e sei, e explicar-te-ei em poucos minutos." Pensei ter visto o médico debruçado sobre mim e queria que ele se afastasse. Ele parecia estar no meu caminho enquanto eu estava a sair. Queria afastar-me dele, e de repente estava a passar por este caminho enevoado, nublado, e depois passei rápido [ou "velozmente", palavra não captada] até chegar a esta luz, e foi como subir, subir, subir no ar, num balão, por assim dizer.

Não conseguirias conceber nada mais estranho e belo, num sentido — a confusão não era tão bela, mas por ser assim eu parecia não conseguir reter a minha consciência e parecia não conseguir ser libertado do fardo que pendia sobre mim, e de repente, no momento em que me apercebi de que esta mão estava no meu braço, então comecei a ver claramente; e a partir desse momento tenho estado a avançar e a prosseguir, e vi toda a gente que conheci, e tenho tido o momento mais feliz que poderias imaginar.

Tenho uma mansão só minha e vivo nela exatamente da mesma forma que tu vives no teu lugar aí, exatamente igual. Tenho paredes, tenho quadros, tenho música, tenho livros, tenho poesia, tenho tudo. *(Compreendo.)* Não é um fac-símile dessa vida, mas essa vida é uma sombra miserável do que isto realmente é, e quando eu ficar forte, à medida que me for tornando mais forte, e, — isto é, mais acostumado a usar esta linha, poderei falar-te mais claramente sobre isso. Bem, tem sido, oh, não te consigo dizer o que significa para mim ver-te. Não te consigo dizer como me aclaraste a mente. Não te consigo dizer o que fizeste por mim. Agora vou retribuir tudo, voltando-me e trabalhando para ti.

[Era de manhã cedo quando o General faleceu. O seu médico não estava presente. Dois dos seus filhos estavam presentes e deviam estar debruçados sobre ele, pois enquanto o ajudavam a voltar para a cadeira, que ele tinha deixado por alguns momentos, as suas forças falharam por completo e ele faleceu pouco depois. Hiram Hart não foi clérigo nesta vida, mas veio a ser falado nas sessões como tal e disseram-me que se tinha tornado um. Embora tenha falecido nove anos antes de eu conhecer o General, parece ter sido o guia deste último através da passagem nebulosa que separa os dois mundos.]

Acho que vou ter de ir. Há quanto tempo estou aqui? *(Quase uma hora.)* Uma hora no mundo terreno? Bem, não sei quanto tempo é isso, mas estou demasiado fraco para permanecer; isto é, receio não poder usar mais esta Luz.

[Algumas palavras de despedida. Depois, num tom extremamente natural e persuasivo, como se se dirigisse a uma criança:]

Vem, Augustus, tu vens comigo, querido, e vamos procurar alguns brinquedos. Vamos passar um bom bocado juntos. Vem com o avô, vem lá.

[Depois, como se se dirigisse a mim:]

Ele vai-se embora.

Rector regressa

Sou eu, Rector. *(Estou contente por ver-te, Rector.)*

Regressei, amiga, porque o nosso Líder me disse para manter a passagem desimpedida e tudo em ordem. Amiga, tudo está bem no teu mundo connosco hoje. Tens boas condições para nós. Estás ciente disso?

(Fico feliz por sabê-lo.) [Tive uma longa conversa com Rector, durante a qual perguntei:] (O General vem muito aqui através deste médium?) Às vezes vem. Ele tem uma personalidade maravilhosa, uma mente muito clara e um desejo muito sincero de trabalhar para Deus e para a humanidade.

[Deve recordar-se que o espírito conhecido como "Rector", o chamado "controlo", aparece sempre na abertura de uma sessão e novamente no seu encerramento. Por vezes, há longas conversas com ele, são dados muitos conselhos espirituais e ajuda, e com bastante frequência são recebidas pelo assistente mensagens para outras pessoas, ou são entregues pelo assistente às personalidades em transe mensagens de outras pessoas.]

SESSÃO DE 24 DE MAIO DE 1904

[Pouco depois da abertura desta sessão, Rector apresentou-me uma personalidade que pretendia ser um médico, o qual manteve uma longa conversa comigo a respeito da minha saúde. Disse-me que tinha vivido anteriormente em Boston, que estava em Paris quando fez a travessia e que já tinha partido possivelmente há um ano ou dois.

Mais tarde apurei que um médico com o nome indicado, um nome com o qual eu não estava familiarizada, tinha vivido na Beacon St., em Boston, e falecido em Paris no início do mês de setembro precedente. Isto explica a referência ao "médico" nas observações de abertura abaixo.]

O General

[Tosse psíquica]

Bem, pergunto-me se haverá alguém que me queira ver!

(Hiram?)

Não, o meu nome é Martin. Quero ver a Miss Robbins. Ela está presente?

(É você, General?)

Sou... Estou encantado por ver-te, nem preciso de o dizer. Bem, como estás?

(Oh, estou bastante bem.)

Tens um aspeto magnífico. Vi o médico, cruzei-me com ele. Quando entrei, ele estava mesmo a sair. Já agora, quero dar-te um conselho. Faças o que fizeres nesse mundo, não abuses. Sabes que eu era um grande pregador.

(Bem, não, não acho que fosse.)

Bem, isso faz-me rir. Sabes que eu acho que não pregava muito, mas vou pregar agora. Vou dizer-te para cuidares de ti e o Senhor cuidará de ti. O que estás a fazer?

(Agora quero registar cada palavra que disseres e o que eu disser.)

Bem, podes fazê-lo, estás à altura disso. Vou tentar ser o mais lento que conseguir. Bem, estás razoavelmente bem?

(Sim, bastante bem, vou ficar melhor.)

Tens de fazer com que alguns destes amigos daqui te venham buscar. Tenho estado a estudar isto, a estudar as leis da nossa natureza — isto é, os seus problemas do nosso lado — e estou perfeitamente encantado com as condições. Estou perfeitamente encantado com a ideia de regressar. Procuro-te e sigo-te noite e dia. Muitas vezes estou ao teu lado sem que te dês conta, e fico ali a rir-me de mim mesmo ao ver quão totalmente indiferente estás em relação à minha presença; mas digo para comigo: se os olhos espirituais dela se pudessem abrir e ela me pudesse ver como sou, sei que ficaria encantada. Já agora, não tens uma irmã?

(Sim.)

Ela acabou de passar por algum desgosto no mundo terreno?

(Sim.)

O que foi o desgosto dela, a perda dela, foi o ganho de outrem. Porque ela tinha, bem, creio que é um marido —...

[Tenho uma irmã cujo marido faleceu na primeira parte deste ano, apenas alguns meses antes. Tenho outras irmãs, mas não vivo com nenhuma delas. Esta irmã em particular tinha acabado de passar alguns meses comigo. O meu comunicador tinha-se cruzado com ela apenas uma ou duas vezes em vida e não a conhecia de todo bem.]

[Creio ter perguntado neste ponto se ele estava a falar através de Rector, não tendo a minha pergunta ficado registada.]

Oh, Rector está a segurar a Luz. Eu não poderia, eles não me permitiriam fazer isso. Não por agora, mas poderei fazê-lo mais tarde. Mas eles têm de sustentar a Luz, algum amigo tem de cuidar dela.

(Queres que te conte algumas coisas, exatamente como se estivesses aqui?)

Exatamente igual. Já agora, como está o Everett?

[Everett é um dos seus filhos, atualmente vivo.]

(O Everett está bem. Vi-o há uns dias e jantei com ele e com a família dele —)

[Interrompendo]

Eu sei. Sei acerca das crianças. Sabes que há um pequenino aqui deste lado. Somos muito amigos um do outro e estamos tão próximos quanto poderíamos estar.

[Há mais conversa sobre o filho e eu pergunto:]

(Quando achas que seria bom enviar-lhe uma mensagem?)

Acho que seria perfeitamente seguro fazê-lo, — bem, digamos daqui a uns meses.

[Mais conversa na mesma linha]

Não te lembras das conversas que costumávamos ter juntos sobre isto? E na altura eu era um pouco cético, parecia que não conseguia assimilar a ideia. Mas assimilei-a para minha satisfação.

[Relato-lhe uma história sobre algo que transpira durante a sua última doença, da qual ele estava inteiramente ignorante, algo que envolvia uma referência a vários dos seus velhos amigos, a maioria deles homens públicos bem conhecidos.]

(Achas que te lembrarias de algum dos nomes se eu os mencionasse?)

Acho que sim. Muitos nomes sumiram-se de mim, naturalmente, e novos nomes surgiram-me. Nomes de lugares, nomes de pessoas que conheci no mundo mortal, sumiram-se de mim até certo ponto, e à medida

que avanço, afastam-se ainda mais, mas nunca te esquecerei. Lembro-me de quando estava a sofrer tanto, lembro-me dos pequenos conselhos que tivemos juntos, e eles permaneceram na minha memória e permanecerão até ao fim de toda a vida.

(General, parece que te lembras apenas das verdadeiras simpatias espirituais —)

Sim, bem, essas são as vitais, essas são as verdadeiras. E quando compreenderes melhor as condições da vida e as condições da passagem desta vida para esta outra, as mudanças na vida propriamente dita, compreenderás mais claramente o que isso significa. Mas até lá será difícil para ti compreendê-lo plenamente. Tenho de sair um momento — dás-me licença — preciso de sair para mudar um pouco de ares. Os meus pensamentos começam a divagar, e se eu ficasse ficarias desagradada com os meus pensamentos divagantes, por isso vou apenas sair para me revigorar e regressarei num instante.

[Silêncio por talvez um minuto, possivelmente não tanto tempo]

Ainda estás aqui?

(Sim.)

Sinto-me melhor agora. Quero saber sobre a ajuda à minha família. Que ajuda têm eles agora?

[Alguma conversa sobre a família omitida.]

(Lembras-te de que achavas que sabias o nome do novo bebé e disseste que era Augustus; bem, não era Augustus, mas a mãe disse-me que o chamavam Augustus quase o tempo todo —)

Sim, foi isso que me levou — qual é o nome dele?

(É William Everett. Chamam-lhe Augustus quando falam dele.)

Ouvi-o tanto que tive a certeza de que era o nome dele. Agora quero saber como te estás a orientar e o que pensas sobre escrevermos aquele livro.

[Regressa imediatamente à família outra vez.]

(General, queres que te conte mais uma ou duas coisas antes de falares do livro?)

Sim, podes contar.

(Havia um homem na prisão do Estado — tu sabes — costumavas vê-lo às vezes com o teu velho amigo Chase —)

Oh, sim!

(— e quando faleceste ele soube e juntou um dólar ou dois, entregou-os a alguém e pediu-lhe que comprasse uma roseira e a colocasse na tua sepultura. Escrevi-lhe uma carta depois disso sobre o assunto, e agora ele saiu da prisão e veio ver-me para me agradecer a carta e expressar a sua admiração e amor por ti.)

Isso é muito belo, muito belo. Fico muito feliz por ouvir isso. Quem era ele?

(Oh, era um velho assaltante ou algo do género, ninguém com quem te importasses —)

[Peço desculpa hoje, 1909, a quem possa interessar, por esta resposta irrefletida.]

Mas tinha coração?

(Sim, tinha coração. Agora, lembras-te de como costumavas dar palestras sobre Gettysburg?)

Oh, sim, lembro-me, sim, lembro-me muito bem.

(Bem, depois de partires, juntei os teus discursos, reuni-os e fiz uma cópia bem feita e completa, o melhor que consegui, e a tua esposa tem uma delas e eu tenho outra. Sabias de alguma coisa enquanto eu o estava a fazer?)

Bem, sim, conhecia o esboço geral, mas o trabalho em si, o trabalho real à medida que decorria, eu não conseguia decifrar. Mas sabia que o trabalho dizia respeito à minha vida mortal e às coisas que nela transpiraram. Mas a natureza do mesmo eu não conseguia definir. Sabemos geralmente o que acontece de uma forma geral, mas se tivéssemos de o definir, condensá-lo e expressá-lo, seria difícil. Mas tal é a lei desta vida.

Lembra-te, agora, se me pudesses ver dirias que eu era uma mera película, e dirias: "como pareces transparente, peculiar, leve e estranho para mim"; e dirias: "onde está o teu corpo? pareces uma sombra, por assim

dizer", mas ainda assim eu poderia falar contigo, poderíamos conversar um com o outro, e ficarias surpreendida ao ver quão real eu sou. A travessia é realmente bela, logo após passares a fronteira, é perfeitamente bela. Conheces o significado da palavra céu? Bem, é de facto o céu. Mas o regresso é um pouco confuso ao início e temos de aprender.

(Acho que és bom por regressares de um lugar assim.)

Bem, tenho atrações, e tu procuras-me e eu encontro-te. Não fiques nervosa, mantém a calma, teremos tempo para dizer tudo o que há para dizer.

(Soubeste de alguma coisa sobre o teu funeral na altura?)

Sim, soube e vi o corpo e vi as flores. Vi a forma como foi preparado. Vi — não achas que tinha bom aspeto? Parecia que estava a dormir, não achas? E não acho que o rosto mostrasse sofrimento — isto é, o barro não mostrava o sofrimento, o corpo em si — mas eu senti, oh, fiquei tão feliz por estar fora e longe daquela atmosfera, sentia-me tão sufocado e com tanta falta de ar, e no momento em que fui libertado do corpo que me aprisionava, então pude respirar perfeitamente. Senti... não to saberia descrever.

(Bem, tiveste um funeral lindo e grande, e lembras-te do teu velho amigo Horton, o pastor?)

[O Rev. Edward A. Horton, que conduziu o serviço fúnebre. Eram amigos chegados.]

Sim, sim, muito bem.

(Escrevi-lhe e agradeci-lhe por tudo o que disse, e agradeci-lhe por ti também. Esteve bem?)

Belo, isso é belo! O que disse ele?

(Oh, escreveu-me uma carta muito simpática e disse que se eu estava satisfeita, achava que devia ter sido satisfatório para os outros, porque eu era tão próxima de ti e conhecia-te tão bem.)

Isso é belo. A isso só posso dizer, Ámen.

[Apenas uma ou duas observações de natureza pessoal omitidas aqui.]

(Agora vou deixar-te dizer o que quiseres.)

Quero dizer isto: quando estás a trabalhar, às vezes dito-te pensamentos, e é surpreendente para mim ver com que clareza os registas, e acho que às vezes ficas surpreendida por pensares que fizeste o que fizeste, e se parasses um momento e me dedicasses um pensamento, saberias por que razão fizeste essas coisas, registaste esses pensamentos.

Às vezes parece haver uma barreira entre ti e os teus pensamentos, eles não são claros e parecem um pouco obscuros, e depois clarificam-se [maravilhosamente], e tu sempre atribuíste isso ao estado do teu próprio cérebro; ora, se me desses apenas o crédito por uma pequena ajuda, farias o que está correto. Não que eu seja egoísta, mas a questão é que estou realmente contigo. E quero dizer uma coisa: não envelheceste em espírito, nem na carne. Parece-me tão claro, tão livre, tão radioso e tão jovem, e acho que o teu corpo tem o mesmo aspeto. Não consigo ver grande mudança. Sim, acho que estás com o mesmo aspeto. Não consigo ver o corpo tão claramente como consigo ver o espírito.

(Sabes quantos anos tenho?)

[Uma breve conversa sobre a idade omitida. Ele julgava-me mais velha do que eu era na altura. Foi evidentemente a comparação de idades que o transportou de volta às velhas associações, pois seguiu-se imediatamente o que disse:]

Lembras-te de como costumávamos conversar ali no escritório? Onde fica esse escritório agora? Está ali? O edifício desapareceu?

[Referindo-se, presumo, ao escritório do Conselho de Polícia em Pemberton Square.]

(Que eu saiba, não. Queres dizer onde estivemos tanto tempo juntos?)

Vão retirá-lo e colocar outro no seu lugar.

[Este assunto era falado já no tempo em que ele lá estava, e creio que ele tinha planos na sua própria mente para um novo edifício. O edifício em particular onde o antigo escritório estava localizado ainda não (1909) foi substituído por um novo, embora novos edifícios grandes tenham surgido recentemente mesmo ao lado dele.]

(Tiveram de arranjar outra senhora para lá, não conseguiam passar sem as senhoras.)

Sei que sim. Isso é muito engraçado. Alguma vez vês alguma coisa do Hanscom?

(Oh, pois sim, — não o vejo com frequência, mas ele tem um bom lugar lá e está bem e confortável. Fico tão feliz por te lembrares do nome dele.)

Não pude deixar de pensar nele. De repente pensei nele, e já o vi várias vezes desde que fiz a travessia. Vi-o a discutir algo ali com outro homem no escritório, e a minha mente voltou ao escritório e às condições até me lembrar dele. Ele não esteve bem a dada altura, mas está melhor agora — isto é, desde que eu fiz a travessia.

(Talvez gostes mais dele do que gostavas?)

Porque vejo os seus princípios.

(Não creio que o compreendesses lá muito bem.)

Não compreendia.

(Mas eu compreendia-o melhor do que tu.)

Sim... mas eu não compreendia quais eram os seus princípios ativos. Se tiveres oportunidade, gostaria que, de uma forma indireta, se não direta, gostaria que me mencionasses a ele, podes fazê-lo? Diz-lhe que te encontraste comigo.

(Talvez o possa convidar a visitar-me, mas não quero revelar demasiado a teu respeito, és demasiado precioso, mas acho que ele ficaria contente por ouvir o que disseste sobre ele.)

Bem, diz-lhe que aprecio todos os seus esforços e tudo o que ele fez muito melhor talvez agora do que nunca. E gostaria que lhe dissesses isso por mim. Não quero que as pessoas pensem que estás a perder o juízo, mas acho que és muito mais capaz de manter o teu juízo por me encontrares talvez do que outros, do que alguns daqueles que talvez não quisessem ouvir isto. Por isso, manteremos isso em segredo entre nós.

(É melhor deixares isso ao meu critério, sobre o ir ver.)

Deixarei.

[Orinton M. Hanscom foi anteriormente um dos funcionários mais categorizados do departamento de polícia. Em 1888, após uma longa

audiência sobre as acusações formuladas contra ele, e uma divergência declarada entre os membros do conselho relativamente ao caso, foi demitido da força.

Tenho notas em estenografia com a data de dezembro de 1888, no sentido de que o Dr. Phinuit, o antigo controlo da Sra. Piper, me previu que o Sr. Hanscom voltaria um dia à sua antiga posição. Em março de 1889, a previsão foi repetida, de que ele voltaria à sua antiga posição ou ao seu antigo ambiente.

Esteve fora do departamento durante seis anos. Em 1894, após o General Martin se tornar presidente do conselho, o seu caso foi reaberto e ele foi reintegrado no departamento, sendo nomeado para uma posição superior à que ocupava anteriormente, a saber, a de superintendente-adjunto.

Anteriormente, nunca houvera mais do que um superintendente-adjunto, mas agora foi atribuída essa categoria a mais dois homens, sendo o Sr. Hanscom um deles. O General, por conseguinte, tinha-se mostrado muito amigável para com o Sr. Hanscom, mas quando, após a reintegração, passaram a estar ativamente associados, penso que houve um sentimento de desilusão da parte do General em relação ao Sr. Hanscom.

Este último era um homem de perspetivas algo amplas, com ideias de reforma que gostava de discutir, mas as suas ideias nem sempre pareciam ser apreciadas pelos seus pares ou superiores. O General queria que as suas ordens fossem postas em prática rapidamente, mesmo que fossem de difícil execução. Havia, portanto, esta falta de harmonia entre os dois homens, a qual me era perfeitamente aparente na altura.

Por conseguinte, as observações do meu comunicador dadas acima, no sentido de que não compreendia os seus princípios ativos, mas que apreciava todos os seus esforços agora melhor do que alguma vez o fizera antes, desejando ser lembrado ao Sr. Hanscom, são extremamente pertinentes. Algum tempo após a data desta sessão, encontrei o Sr. Hanscom acidentalmente e transmiti-lhe a substância da mensagem, que ele recebeu com a cortesia que lhe era habitual, abstendo-se de críticas. Desde então, ele próprio já fez a travessia. 1]

[1 Desde que o texto acima foi escrito, o Sr. Hanscom pretendeu regressar. Isto ocorreu numa sessão que teve lugar a 16 de dez. de 1908. As

comunicações foram subitamente interrompidas e disseram-me que um amigo queria falar comigo. Não pensei em mais ninguém a não ser em Hiram Hart, que presumi estar a interromper para uma palavra de saudação.

Rector tropeçou um pouco no nome, mas apenas um pouco, chamando-lhe "Hanson". Só nesse momento é que a ideia de Hanscom me passou pela mente. Pedi a Rector para obter o nome exato, e ele soletrou-o facilmente e corretamente: "Hanscom — Orin. Não te lembras do Orin?" Só depois da sessão é que me ocorreu que o nome de batismo deveria ter sido "Orinton" e não "Orin".

Não sei se os seus amigos íntimos lhe chamavam "Orin" em vida ou não, mas é bastante provável que sim. Houve uma conversa muito breve. Ele disse: "Que final feliz para uma carreira destroçada!" A Sra. Piper, no seu estado normal, recordava vagamente o nome como o de alguém de quem tinha ouvido falar, mas disse não saber que ele tinha passado para o Outro Lado. A sua morte ocorreu em novembro de 1907.]

[Em conversa sobre o meu trabalho privado, onde seria melhor passar as minhas férias, etc., eu digo:]

(Greenacre, — não te lembras de que eu costumava ir lá?)

Aprovaria isso imediatamente e sancionaria.

[A referência a Greenacre aparecerá numa sessão posterior.]

Lembras-te de uma mulher de quem costumavas falar-me quando estavas no corpo, a quem costumava... os espíritos costumavam falar através dela?

(Sim.)

[Isto refere-se, como é óbvio, à Sra. Piper.]

Bem, quero que estejas um dia no ambiente dela quando eu não estiver a falar e vejas se consigo chegar até ti, ver se os pensamentos serão mais claros para ti. Acho que valeria a pena tentar, porque muitas vezes estendo-me para lá da linha quando não falo.

(Queres dizer quando a Luz não está a funcionar?)

Quando a Luz não está a funcionar, quando está fechada.

(Estivemos juntos há uns tempos, numa noite, mas nessa altura havia muita gente por perto.)

Quero dizer calmamente, quando não houver ninguém por perto exceto as inteligências espirituais e quando não estivermos realmente a atuar sobre ela, e acho que as ideias te surgiriam muito claramente.

[Não posso dizer que tenha feito qualquer experiência especial da minha parte de acordo com este pedido. As oportunidades para estar com a Sra. Piper a sós, quando não estava em transe, eram raras para mim.]

Tenho de sair para tomar fôlego. Volto já num momento, mas preciso de me revigorar.

[Enquanto o General está aparentemente fora, Hiram Hart entra, falando apressadamente como se tivesse apenas um momento, e dizendo que viu o outro cavalheiro "a sair", pelo que pensou "entrar" e dizer "como está". Como ele parece estar de saída, eu digo: "Oh, tens de ir?" Ele responde: "Oh, eles mantiveram-no tão claro que quero que ele aprenda o que eu sei." O outro cavalheiro regressa então.]

Bem, estou mesmo de volta aqui outra vez. Cruzei-me com o Sr. Hart e ele disse-me que só queria falar contigo um momento enquanto eu me revigorava, por isso eu disse "força, e pergunta a Rector se podes entrar". Ele não era clérigo?

(Ele não o era aqui, mas diz que o é agora.)

Bem, ele anda a pregar, a rezar e a ajudar todas as pessoas que vêm para este lado — ou os espíritos — e ele é um pregador maravilhoso e tem feito imenso por mim, e fico feliz por conhecê-lo porque era teu amigo. Dizem que nem tudo o que reluz é ouro, mas há muito que reluz aqui que é ouro.

(Bem, ele parece admirar-te. Diz que és muito elegante.)

[Rindo]

Bem, suponho que ele pense assim.

(Tu costumavas sê-lo aqui.)

Oh, achas que sim? Não há discussão possível sobre gostos, como sabes. Mas temos de aceitar essas coisas. Ele é uma boa alma e eu gosto

dele. Ele tem feito, como digo, imenso por mim, indicou-me o caminho uma imensidão de vezes.

(Agora, General, vou deixar-te dizer o que quiseres, mas tu ias contar-me algo, — o que aconteceu logo após teres saído, quer deste lado quer do teu lado. Dá-me algumas ideias novas, queres?)

Sim, dar-te-ei. Sabes que a passagem real para fora do corpo, há uma pequena sensação de, uma espécie de depressão, por assim dizer, e depois, quando saí, mesmo ao sair, comecei a sentir-me elevado. Senti como se o ar estivesse cheio de perfume, e estava [a planar], a subir, a subir, a subir acima do meu corpo até passar por detrás de, simplesmente, um véu. É fino. Ofusca-te a visão. Obstrui a visão do mundo terreno por um momento.

Depois, após termos passado para além dele, ora, a música, as flores, as árvores, os pássaros, os lagos, os rios, as colinas, os jardins, os caminhos, são perfeitamente magníficos, perfeitamente magníficos, e quase nada no mundo terreno pode sequer corresponder-lhes. E somos acolhidos por talvez um sacerdote, ou um homem que atua na qualidade daquilo que compreenderias como um clérigo, e eles dizem:

"Este é um estado de transição. Estás agora na vida real, na nova vida. Não verás a face do Pai por muitos, muitos anos, mas Ele dar-te-á força e poder para voltares, se desejares, e veres aqueles que deixaste para trás." E o sentimento de êxtase é indescritível, e nenhum espírito que alguma vez tenha regressado à Terra conseguiria sequer começar a descrevê-lo para a compreensão da mente mortal.

E depois fui cercado por amigos, por conhecidos, por velhos veteranos de guerra, pelos meus amigos íntimos que conheço, membros da minha família e tudo, cercado por eles, a acolherem-me. Ora, senti-me como se fosse ser envolvido por eles, de tão grande que era o deleite, mas quando tentei chamá-los pelo nome, senti-me incapaz de o fazer. Tiveram de me dizer quem eram. Conhecia os rostos deles, nem um só me falhou.

Conhecia-os e compreendia-os bem. Vi-os e reconheci-os, mas chamá-los pelo nome, acredita-me, não consegui. E quando tentei falar, descobri que, em vez de ser um esforço e difícil para mim falar, descobri que os meus pensamentos eram compreendidos, realmente compreendidos, e os pensamentos deles eram-me devolvidos. Havia uma comunhão perfeita entre nós.

E depois fui levado — acreditarias se eu te contasse? Fui levado para um verdadeiro casarão. Seria o que tu chamarias um palácio. Tem um jardim, caminhos ao redor. Está dividido em divisões, verdadeiros aposentos. Fui levado para lá e [eles] disseram: "Aqui está o teu lar; ocupa-o, vive nele; tem os amigos que escolheres contigo, os parentes que escolheres contigo, e à medida que aqueles que deixaste para trás te seguirem, poderás acolhê-los neste lar conforme achares conveniente." Compreendes isto?

(Sim.)

Entreti-me a olhar em volta. Disse: "De onde vem esta música?" Caminhei por um corredor e virei para uma divisão à direita e caminhei realmente sem fadiga, sem esforço; simplesmente deslizei para dentro. Vi quadros belíssimos nas paredes, vi flores belíssimas a que no corpo chamávamos palmeiras, a crescer ao meu redor. Ouvi esta música belíssima. Aproximei-me de uma janela e olhei para fora, e sob a janela havia cinquenta rostos jovens e belos, todos a tocar, — uma orquestra. Esse foi o meu acolhimento, essa foi a minha serenata, por assim dizer. E disseram: "Isto é o céu, isto é o mundo espiritual. Saudamos-te."

Fui até à janela e, ao olhar lá para fora para a orquestra, cada um deles fez uma vénia e acenou com as mãos, e no entanto a música continuava. Estavam a tocar instrumentos, instrumentos reais, todos em harmonia, e nunca ouvi nada parecido no mundo terreno. A música era divina. Disse: "Gostaria de ir a outro lado." Despedi-me deles, por assim dizer, — apenas os saudei e passei ao longo do corredor, de volta pela divisão, atravessei o corredor para o lado oposto.

Disse: "Agora gostaria de ver se é possível, gostaria de ver flores ao meu redor." Fui até à janela, e, se puderes acreditar, as flores apareceram-me em massas, *en masse*, poderia eu dizer, e nunca vi tais flores. Havia lírios, rosas, violetas, gerânios, cravos, azáleas, jacintos, tulipas, papoilas, de todas as descrições imagináveis, não todas misturadas, mas cada uma no seu próprio lugar. O que poderias encontrar, o que poderia alguém desejar de melhor do que isso?

Disse: "Agora, se for sensato e correto que eu o procure, gostaria de ouvir algo que soe como a voz de um pássaro." Disseram: "Vem por aqui." Estava cercado por estes belos amigos e por clérigos — uma boa

quantidade de clérigos ali, e eles disseram algumas coisas belas — e disseram: "Vem a esta janela e vê." Mas eu disse: "Não os poderei ouvir aqui?" Escutei. Num momento, o ar encheu-se com a música dos diferentes pássaros. Bem, não tens conceção de como era essa melodia.

Vi os pássaros. Os pássaros eram perfeitamente distintos, muito mais do que os vossos. As flores são reais, e quando volto à vida mortal e vejo a crueza dela e vejo como vivi, a energia ativa e a vida ativa que eu então levava, a energia que colocava nessa vida, espanto-me por alguma vez ter existido nela de todo. Ora, tu não estás a viver na vida real. Estás a viver num sonho, por assim dizer. Quando acordares do sonho, viverás, na vida eterna.

[Neste ponto, é feito um relato sobre o facto de ele pedir para saber algo sobre Cristo, para saber se teria sido enganado no mundo terreno naquilo que lhe tinha sido ensinado sobre Cristo, e é dada uma descrição de uma certa visão que lhe foi concedida. Achei melhor omitir toda esta passagem, exceto para dizer que, no seu encerramento, ele exclama:]

E eu vivo para to contar!

Caminhei por ali, senti, — era estranho que não sentia fome, nem sede, nem desejo de comer, nem desejo de comida, mas sou sustentado pelas condições dos elementos. A condição dos elementos é tal que somos alimentados, sustentados e vivemos por eles. Podes compreendê-lo talvez vagamente, se não claramente. Tens um poder maravilhoso de compreender, ou costumavas ter. Acho que talvez me possas imaginar, e imaginar o meu lar, e imaginar o meu ambiente. Pelo menos, torno-o tão claro quanto consigo para a tua compreensão. Agora, gostarias de me fazer alguma pergunta? Interrompe-me se quiseres.

(Bem, o que fazes a maior parte do teu tempo?)

Bem, agora vou dizer-te. O que corresponderia à vossa manhã — nós não temos manhã, — isto é, é tudo manhã num sentido, de certa forma, — não há luz do dia e escuridão connosco, é tudo luz do dia — e no que corresponde à vossa manhã — descubro que estão sempre a entrar nesta vida, há espíritos a entrar constantemente a partir da vossa vida, e cada um precisa de ajuda, precisa que lhe seja mostrado o caminho, e eu entro na multidão, na turba fora do meu próprio lar; passo por ela, vejo o véu erguer-se, vejo um espírito a entrar, talvez milhões de espíritos.

E disseram-me quando entrei que eu devia tornar esta vida útil aqui ajudando os outros e reverenciando a Deus, oferecendo gratidão num espírito de prece Àquele que me criou e me deu o privilégio desta vida aqui. E faço isso ao longo do chamado dia, sem fadiga, com perfeito deleite, ajudo algum espírito ou mais que deixaram o corpo e entraram nesta vida. E até que estejam plenamente conscientes e se deem conta de onde estão — alguns são retirados de nós, não nos é permitido vê-los de todo, são levados para outra esfera; esses passaram para além de nós, não temos praticamente nada a ver com eles — mas há espíritos que entram na nossa própria esfera, e cada um de nós dá uma ajuda, mostra-lhes os seus lares, instala-os neles, volta e ajuda outro, e estamos constantemente a fazer isso.

E depois sinto às vezes que gostaria de ajudar em algo que corresponde à vossa escrita. Encontro no meu lar tudo o que peço. Se desejo um lápis, o que corresponde ao vosso lápis, eu tenho-o. Se desejo escrever os meus pensamentos, posso escrevê-los, se desejo falá-los, posso fazê-lo, e cada pensamento é concedido, cada desejo é concedido. E se desejo dar uma palestra, como faço frequentemente, posso fazê-lo sem fadiga, e é útil para aqueles que entram nesta vida. Se desejo escrever, posso escrever, se desejo caminhar, posso caminhar, se desejo cantar, posso cantar, se desejo falar, posso falar.

Isso torna a vida, como tu a compreenderias, perfeita. É uma vida perfeita. E para viver esta vida perfeita, tens de viver nessa vida imperfeita, e quanto mais te propuseres preparar para esta vida, menos tens de passar quando fazes a travessia e mais claros se tornam os teus pensamentos quando entras nela. Apanhaste a ideia? Gostarias de me perguntar alguma coisa? Há instrumentos por todo o lado à minha volta, tudo o que possas pensar — harpas, violinos, cornetas, trompetes, buzinas, pianos, espineta — lembras-te do que é uma espineta? Todos esses instrumentos.

(Eles são exatamente iguais aos nossos instrumentos, apenas melhores?)

Apenas melhores. Tudo é belo, e é, de certa forma, cada artigo, objeto, bem como espírito, é luminífero. Se o olho estivesse aberto para o espiritual e me pudesses ver enquanto aqui estou a falar contigo, poderias ver cada gesto que faço, que é copiado por Rector. Ele imita-me enquanto

falo contigo. Poderias ver-me e ver o meu lar, poderias ver tudo o que tenho nele.

(Então o que fazes à tarde?)

Depois, à tarde, às vezes escrevo uma palestra, saio e olho para as minhas flores, desfruto delas; vou visitar outros, eles visitam-me. Aprendo a tocar nos instrumentos, nos diferentes instrumentos. Estou absorto na música e amo as flores e os pássaros. Depois sinto como se gostasse de retomar alguma ocupação intelectual, e então começo, e estou a estudar com aqueles que estão aqui há mais tempo do que eu as condições reais desta vida e o que concorre para constituir a vida aqui, e à medida que aprendo, transmito-o aos outros, interpreto o meu conhecimento para os outros.

Portanto, a nossa capacidade intelectual é ilimitada, num sentido, e está constantemente a ser instruída. E é uma bela ideia, não é? E depois, ao longo do que chamarias noite, durante a noite, o que corresponderia à vossa noite, há principalmente música a decorrer, entretenimento e música. Depois, após isso passar, o que corresponde à vossa madrugada ou tarde na noite, há palestras e concertos de todos os tipos e descrições a decorrer, de modo que as nossas vidas estão completamente preenchidas.

Mas depois, durante as horas mais tardias da manhã, antes do que seria a vossa luz do dia, cada um dos espíritos do meu lado da vida espiritual onde estou inclina-se em oração durante o que seriam pelo menos duas ou três horas correspondentes ao vosso tempo, perfeita devoção e uma prece.

(Então não precisas de dormir da forma que nós dormimos?)

Não temos sono, não temos descanso. O que corresponde ao vosso descanso é atividade da nossa parte. E depois, após os exercícios devocionais, estamos prontos para o que corresponderia ao vosso dia para o nosso trabalho novamente. Consegues conceber algo mais belo ou mais perfeito, ou mais ao agrado de um homem com os meus gostos e as minhas ideias?

(Não.)

Mas o homem deve viver o tempo que lhe foi estipulado no mundo terreno para se preparar para viver e para viver neste mundo, mas se ele

tirar a sua vida, intencionalmente ou de outra forma, permanece num sentido como uma criancinha aqui, ou um germe, e tem de se desenvolver, desabrochar, dar botão e flor, e deve necessariamente fazê-lo. Pergunta-me o que desejares. Estou tão feliz por te contar isto porque quero que fiques com alguma conceção do que sou e do que estou a fazer. Esta não é uma vida ociosa e inútil aqui, — ah, não, de todo.

(Quanto tempo demoras a vir ter comigo?)

[Eu queria dizer em qualquer altura em que pudesse pensar nele ou chamá-lo, mas evidentemente não tornei claro o meu significado.]

Eu pareceria a alguma distância de ti se me pudesses ver como sou. Quando tens o desejo de falar comigo — há espíritos aqui que conhecem cada mortal na face da terra; isto é, o mesmo não conhece, mas os diferentes conhecem cada mortal — e dizem: "Aqui está uma amiga, creio que ela é tua amiga; ali a Luz está a começar a arder, está aberta; ligámos o cordão etéreo e vamos remover o espírito da Luz, levá-lo para o nosso mundo ou para fora no cordão, ligar o cordão à concha, por assim dizer, enchê-la com a nossa luz etérea, e tu podes entrar nela e ver se é a tua amiga, e, se assim for, segue Rector, segue aqueles que estão habituados ao cordão e vai até ao fim dele e fala por ele a Rector, que está realmente dentro da própria concha, e ele transmitirá as tuas mensagens à tua amiga." Demora ao todo, suponho que do vosso tempo, cinco ou dez minutos talvez para eu chegar até ti.

[Há uma breve conversa sobre relacionamentos e eu digo:]

(Tu escolhes os teus próprios amigos aí, tal como aqui, não é verdade?)

Exatamente igual. Tem sido um prazer perfeito ver-te novamente. Adeus. Deus te abençoe. Vem ver-me outra vez. Que Deus vigie por ti.

SESSÃO DE 20 DE DEZEMBRO DE 1904

[Durante as horas da manhã da data acima indicada, enquanto a minha sessão decorria, outro dos assistentes da Sra. Piper submeteu-se a uma operação cirúrgica de algum tipo. Não me tinham dito que ia realizar-se uma operação, nem sei hoje quem era essa pessoa. Rector explicou-me que Imperator fôra obrigado a ausentar-se da sessão, que tinha deixado Prudens

encarregue enquanto ele, Imperator, estava "sobre e ao redor do leito" de um membro do círculo. Perto do encerramento da sessão, que durou duas horas, foi-me pedido que levasse uma mensagem ao Dr. Hodgson no sentido de que a operação tinha corrido bem.

Notei a hora exata em que isto me foi dito e enviei a mensagem ao Dr. Hodgson por telegrama o mais cedo possível. Mais tarde soube que a operação tinha corrido bem e que a pessoa operada ficara muito gratificada ao ser informada, a uma hora precoce, do que vinha do Outro Lado do Véu a seu respeito, comunicado primeiro a mim, por mim ao Dr. Hodgson, e por este último à pessoa em causa.]

Rector

[Durante o decurso das observações de Rector, eu digo:]

(Rector, espera um momento. Através de quem vai o meu amigo falar agora?)

Ele tentará falar diretamente contigo, se tal for possível; se não, permanecerei, por assim dizer, uma não-entidade, transmitindo as mensagens dele.

(Tu permitiste-lhe fazer isso?)

Sim, permiti, através do conselho e ordem do nosso Líder.

(Ora, Rector, o meu amigo está real e verdadeiramente aqui quase exatamente da mesma forma como se estivesse no seu próprio corpo, não está?)

Quase da mesma forma, e se os teus olhos espirituais se pudessem abrir, vê-lo-ias de pé aqui ao lado do cordão etéreo, à espera da sua vez de entrar na Luz através do cordão.

O General

Estás aqui?

(Sim.)

Estou aqui para me encontrar contigo. Oh, quão feliz estou!

(Quem é? Não ficas ofendido, pois não?)

[Desata a recitar alguns versos de poesia, evidentemente algumas das mesmas palavras que surgiram por ocasião do seu primeiro regresso, a 23 de dezembro de 1903. Mais tarde encontrei a estrofe que ele estava a citar, que é de Charles Mackay e reza assim: —

Dizei-me, ó ventos alados Que rugis em redor do meu caminho, Não conheceis algum lugar Onde os mortais já não chorem; Algum vale isolado e aprazível, Algum vale no Ocidente, Onde livre de labuta e dor, A alma cansada possa descansar?

Este romper por uma linguagem de contornos rítmicos, especialmente quando estava feliz, era o mais característico dele em vida.]

Sim, a resposta chega até mim no espírito, encontrei-o. Encontrei o descanso, a vida, a paz, a esperança, tudo o que esperava encontrar. ... Agora sabes quem é?

(Oh, eu saberia de qualquer maneira, só achei que te ia perguntar isso.)

Bem, se dissesses "General", ficaria feliz por ouvi-lo.

(Quando te conheci, não me conseguia habituar a chamar-te "General", mas depois de me habituar, já não te conseguia chamar outra coisa, porque esse parecia ser o nome certo para ti.)

Achaste-o aplicável?

(Sim.)

Bem, isso é agradável. ... Lembra-te de que as leis da vibração são muito maravilhosas, muito, muito grandes, e o meu pensamento chega até ti e vice-versa. Portanto, por que mais poderia eu pedir? [Algo sobre a sua família estar a passar bem] Os meus amigos são leais e eu estou feliz, e o mero facto de eu regressar e falar contigo é uma inspiração indescritível.

(Bem, ajuda-me mais do que qualquer outra coisa que faça.)

Estes bons santos ajudaram-me a compreender as leis da comunicação, e não sou assim tão idiota para me rir disso ou para desdenhar mais do assunto.

(Bem, é bom que não o faças.)

Como posso? A realidade, é uma realidade severa, e uma realidade tal que é a única coisa que Deus nos deu para nos permitir compreender as leis da vida eterna. Não é belo?

(Sim.)

Não é belo? E é o único caminho. Portanto, o despojamento do mero corpo, a concha, não é nada, não é nada; vai para o lixo, mas o meu espírito vive para falar.

(General —)

Sem os fios eu não conseguiria comunicar tão facilmente, mas com os fios os meus pensamentos são registados claramente, não são?

(Sim. General —)

Sim?

(Hoje estás a ocupar o lugar de Rector, não estás?)

Pela primeira vez estou, sim. Criatura querida, ele está aqui para me ajudar, está ao meu lado a observar-me para garantir que nenhum dano advenha ao instrumento através do qual falo.

(Bem, não é assim tão difícil, pois não?)

Não, não é difícil, mas se me fizesses uma pergunta atrás da outra isso poderia confundir-me; mas tu fazes as tuas perguntas tão claramente, tão lentamente e com moderação, que consigo compreendê-las e responder. Mas se me disparasses perguntas, por assim dizer, rajada após rajada, isso confundir-me-ia de tal forma que seria obrigado a sair. Compreendes?

(Sim.)

Tens tão bom aspeto... Vejo o teu espírito tão claramente. Vejo o que não costumava ver. Eu via o físico e não tanto o espírito. Vejo o espírito e o físico, ambos combinados. Ambos me parecem claros e belos. Fico feliz por teres seguido as minhas instruções. Vi-te no lugar que designei.

(Sabes onde é isso agora? O que queres dizer?)

Vi-te num lugar com uma senhora, um caráter muito belo, um caráter muito interessante.

(Sabes quem é, ou quando foi?)

É aquilo a que costumávamos chamar verão, e foi num lugar verde, num lugar verde, e tudo tão belo, tão pacífico.

[Passei várias semanas durante o verão precedente num lugar chamado "Greenacre", na cidade de Eliot, estado do Maine. É por vezes chamado "Greenacre-on-the-Piscataqua". Ali se realizam conferências de verão há já vários anos; uma grande tenda de assembleia é erguida no relvado indicado pelo nome, e representantes de todas as religiões são acolhidos na plataforma aberta.]

Vi-te a assistir a algo que pareciam palestras. Vi-te a conversar ocasionalmente com um cavalheiro, e vi-te sentada — parecia uma tenda —

(Sim.)

— e vi-te a caminhar por ali.

(Sim.)

Vi-te, — foi numa rede? Algo a baloiçar.

(Sim, uma ou duas vezes.)

E vi-te ali sentada a pensar, por assim dizer, sozinha, e parecia que as sombras da noite tinham caído, e era à noite.

(Oh, sim.)

[Creio que foi neste ponto que me recordei de uma noite especial. Ver explicação mais adiante.]

E eu vim, coloquei-me ao teu lado e pus a minha mão no teu ombro, e ouvi-te dizer: "que pacífico, que perfeitamente delicioso isto é." Lembras-te?

(Sim.)

Lembras-te de ver a lua? Os céus pareciam escuros e depois a lua apareceu. Foi ao início da noite. E depois vi-te a levantar, alguém veio e falou contigo e tu levantaste-te, caminhaste um pouco e foste para o interior de um edifício.

(Estive nessa rede, creio que duas vezes, mas numa das noites durante muito tempo, e até adormeci lá.)

Sim, essa foi a altura em que pus a minha mão no teu ombro e recebi as belas mensagens de paz do teu espírito.

(Bem, adormeci, oh, muito fácil e belamente, e acordei e pensei como era belo dormir ali sob as estrelas —)

Sim, estrelas, é a isso que me refiro.

(— e até fiquei trancada fora de casa.)

Sim, sim, sei que houve alguma dificuldade em entrares. Eu sei disso. E depois lembro-me da surpresa que se apoderou de ti quando [recuperaste].

(Sim, fiquei surpreendida.)

E estive contigo ao longo de todo esse pequeno sono, a falar com o teu espírito. Lembras-te de que vaga de paz te atravessou?

(Sim.)

Fui eu que a enviei, que a trouxe.

(Quando durmo assim parece que estou noutro lugar qualquer; fico perfeitamente inconsciente deste mundo, e onde estou eu então?)

O espírito, o teu espírito, sai através de um cordão etéreo, exatamente da mesma forma que o espírito da Luz aqui se afasta. Agora vejo o espírito de uma mulher a sair, e é o mesmo no sono, e falo com o teu espírito exatamente da mesma forma que estou a falar contigo agora. Às vezes quase sinto que te vais lembrar, mas quando o espírito se torna ativo e toma plena posse do corpo e da mente, então esquece.

(Sim. Queres dizer que é assim sempre no sono, ou apenas nesses sonos ocasionais?)

Apenas sob certas condições. O sono poderia ser perturbado se o espírito comunicasse sempre com ele, mas em certas ocasiões e sob certas condições somos capazes de falar com o espírito muito, muito claramente. O espírito compreende e responde —

(Queres dizer o espírito terreno?)

Sim, exatamente da mesma forma que me respondes quando falo contigo agora. Ora, saber que posso seguir-te, saber que posso ver-te em certos locais e sob certas condições — e lembras-te da tenda?

(Sim, sim!)

Bem, vi-te sob a tenda e sentei-me ao teu lado várias vezes, e havia outra senhora contigo. Quem era essa senhora? Era um espírito belo, uma mulher de aspeto radioso e belo, uma mente muito clara e um espírito belo. O nome dela é Sarah?

(Espera um momento. Tu sabes que estou a registar isto tudo, não sabes, General?)

Não vejo o que estás efetivamente a fazer. Vejo que os teus pensamentos estão ocupados, muito ocupados.

(Quero preservar cada palavra. E é tão delicioso pensar que posso escrever em estenografia exatamente o que dizes, tal e qual como costumava fazer quando estavas aqui.)

Oh, sim, lembro-me, é isso que estás a fazer. Bem, não vejo efetivamente a escrita a acontecer, ou o movimento da tua mão, ou o — papel, é papel? Mas vejo-te, o teu contorno geral, e vejo-te, por assim dizer, na luz. Pareces envolta por uma luz em teu redor.

(Bem, agora vamos devagar.)

Esse é o reflexo do espírito à tua volta.

(Do meu espírito?)

Sim, do teu próprio espírito. Há um reflexo, por assim dizer, em todo o teu redor. É muito claro e muito belo para mim.

(Queres dizer Sarah Farmer?)

Não me admiraria. Soa um pouco como o nome pelo qual a ouvi ser chamada. Ela não estava propriamente contigo, mas vi-te com ela e vi-te a falar com ela, e ela tem um espírito muito grande, um espírito muito amplo, e uma mente muito grande e bela. Não era assim?

(A Miss Farmer é a pessoa que fundou esse lugar, que está encarregue dele e que conseguiu trazer para lá todos os excelentes oradores, etc., e ela é considerada um espírito muito avançado. Achas que era ela?)

Sim, era ela quem eu via.

(Sabes que ela não era uma amiga especial minha, embora a conheça.)

Mas vi outra senhora, vi outra senhora contigo —

(Bem, General, espera um minuto, espera um minuto. Como sabias que o nome dela era Sarah?)

Ouvi várias senhoras numa sala grande, numa — chamarias noite outra vez — a chamar — uma falou com ela muito intimamente e chamou-lhe Sarah, e eu estava a — estava talvez — deixa-me ver — onde está a tua mão?

[A psíquica pega na minha mão e segura-a a cerca de trinta centímetros do meu rosto.]

Eu estava a essa distância dela, a distância a que a tua mão está do teu rosto, quando o nome foi chamado, e nós conseguimos ouvir, e conseguimos ver e compreender os nomes conforme são falados no corpo, se formos atraídos por alguém individualmente.

(Compreendo.)

E muitas vezes os nomes, se estivermos interessados, registam-se nas nossas memórias e nunca os esquecemos. Mas para voltar a esta noite. Depois entraste, não foi —

(Sim.)

— tudo bem, mas essa foi a altura em que te vi muito claramente.

(Sim.)

[Todos os incidentes referidos na conversa precedente sobre Greenacre são quase literalmente verdadeiros, embora eu tenha consciência de que alguns deles são simplesmente coisas que alguém faria naturalmente durante uma estadia de verão. O sono na rede, contudo, foi invulgar, e raramente ou nunca tive outro igual. O facto é que não gosto do movimento de uma rede de baloiço e raramente me deito numa. A noite em questão era uma daquelas noites calmas e amenas em que parece um pecado dormir sob outra cobertura que não o azul estrelado.

Não me lembro da lua, creio que não havia, ou não antes de muito tarde. Encontrei uma rede vazia a escassos metros da estalagem e apropriei-

me dela. Lembro-me de pensar como era delicioso deitar-me ali de frente para as estrelas, inteiramente livre do contacto com a terra, fazendo parte da atmosfera ao meu redor. Creio que até senti que tinha estado em erro toda a minha vida até então por não vencer a minha aversão ao movimento de uma rede. Adormeci facilmente num sono que deve ter sido profundo, e acordei surpreendida por verificar, pelo aspeto geral da estalagem, que era tarde. Falei com um cavalheiro que passava e, pelo que me lembro, dirigi-me a ele primeiro.

Fomos para a varanda, onde estava outra pessoa, e descobrimos que a estalagem estava fechada para a noite e que estávamos trancados do lado de fora. Felizmente, uma janela da sala abria-se facilmente e depois a porta foi destrancada por dentro. Não me lembro de ter sonhado, e creio que não sonhei, nada nesse sono de que me pudesse recordar mais tarde. Raramente ouvia chamar Sarah à Miss Farmer, embora esse seja o seu nome. Não estive especialmente com ela, mas provavelmente falei com ela uma ou duas vezes durante a minha estadia.

Lembro-me de ir a Greenacre num verão, vários anos antes de o General falecer, de regressar e de lhe falar sobre o lugar. Que ele alguma vez tenha ouvido o nome de batismo da Miss Farmer ser falado é muito duvidoso. Ele sabia muito pouco sobre ela em vida.]

(Agora, General, por que não posso aprender a sair dessa forma no sono à minha vontade, quase?)

Bem, por vezes não é sensato, por vezes não é saudável, e cabe ao poder divino decidir quando essas condições são adequadas. Talvez consigas compreender melhor isso. Aprendi imenso sobre as condições desde que estou aqui, e tem sido o meu único pensamento estudar as condições e compreendê-las por tua causa, para que eu possa ser capaz de te ajudar. Vejo agora que mente clara e bela tinhas e por que estavas tão interessada em coisas que a mim me pareciam algo absurdas.

(Bem, fico feliz por te ouvir dizer isso. Tudo chega a quem sabe esperar.)

Sim, isso é muito verdade, mas na vida material, na vida mortal, parecia que eu era incapaz, com a minha estrutura peculiar, de apreender qualquer coisa que não pudesse ver.

(Sim.)

Portanto, talvez me desculpes por não aceitar as tuas teorias, mas vivi para aprender e compreender por mim próprio. Foi um dia feliz quando vim. O despertar foi algo para além de qualquer descrição. Nunca poderei contar-te como me senti quando acordei e quando o meu espírito subiu daquele corpo aprisionador, através do éter fresco, e o véu etéreo se abriu e o meu espírito passou através dele para este belo mundo; a sensação e o deleite de tudo isto estão além do meu poder de explicar, e se eu o pudesse explicar em palavras terrenas a tua mente não conseguiria realmente captá-lo ou compreendê-lo.

(Sim. General, dizes que não conseguias aceitar as coisas a menos que as pudesses ver, mas eu achava que tinhas um espírito muito fino e altamente desenvolvido, caso contrário não terias ido tão rapidamente para as condições certas aí e compreendido como voltar aqui, e ser acolhido por Imperator e Rector, etc., pois não?)

Tu percebias, creio eu, que o meu desejo era o adiantamento da mente, e lembras-te de como eu costumava amar a poesia, e de que tinha uma veia de sentimentalismo, como costumavas expressar. Bem, tudo isso é fina perceção espiritual; e é realmente belo para mim, agora que me dou conta de que possuía isso de todo quando estava no corpo físico, e tem sido um grande benfeitor para mim nesta vida. Compreendes o que quero dizer.

(Sim.)

Tem sido uma grande ajuda, uma grande ajuda para mim, o mero facto de o meu espírito crescer no corpo, e eu amava realmente o belo.

(General, não te lembras de como uma mulher bonita costumava impressionar-te? Espera um momento — um amigo teu disse uma vez, o velho Sr. Clapp, que não conhecia homem nenhum que captasse a alma de uma mulher bonita mais rapidamente do que tu. Nós rimo-nos disso, mas eu sabia que era assim.)

Tu compreendias?

(Sim.)

Bem, isso é muito belo, muito amável da parte dele ter dito isso. Mas acho realmente que sim, e sei agora que sim, sei que compreendia as mulheres e o lado belo como poucos homens faziam no meu ambiente ou

entre os meus associados. E todas essas coisas me atraíam, e era isso que era mais elevado e melhor. Tudo isso era o que mais me atraía. E fui muito feliz na minha vida terrena, de certa forma. Amava a vida pelo que a vida dava, e amava os prazeres, e amava o físico e tudo o que o físico dava, mas ainda assim era suficientemente grande de coração, sinto, e em espírito para não permitir que as tentações físicas afogassem a minha alma.

(Sim.)

[Esta é uma caracterização muito boa de si mesmo.]

(Estou, como é óbvio, grandemente abençoada e privilegiada por ter a tua amizade contínua e por me ser permitido vir aqui e falar contigo.)

Bem, há tantas restrições. Este grande espírito, este homem aqui que lidera, ele é o espírito mais nobre que conheço, e há tantas restrições, — ele compreende tão bem as condições, e tem o seu olho eterno aberto, a vigiar constantemente para que nenhum mal aconteça a nada ou a ninguém ligado ou associado com a Luz ou com as influências espirituais que trabalham através dela. Ora, é realmente maravilhoso.

(Queres dizer Imperator?)

Sim. Ele não está presente no momento porque está fora numa missão, mas todos aqueles a quem ele chama, lembra-te, são realmente privilegiados.

[Ver nota na abertura desta sessão.]

(Sim, de facto são. Agora quero pedir-te que vigies, e se achares que não vais ter mais oportunidades de vir ter comigo através desta Luz, então quero que consigas uma oportunidade final, se possível, e me digas que não podes vir mais. Vais tentar fazê-lo?)

Podes repetir isso mais uma vez para mim? Queres dizer que devo regressar aqui — e dizer-te antes —

[Creio que respondi que sim.]

Oh, sim, — bem, vou dizer-te uma coisa. Nós chamamos-lhes os santos; eles disseram-me antes de eu vir aqui, antes de eu lhes perguntar se podia falar contigo, eles disseram-me que — o líder, o espírito chefe — ele disse que as condições estavam baixas, mas disse: "Não entrarei em explicações, mas atém-te ao que digo; as condições são tais que devo

exercer toda a minha influência e poder para manter as condições num estado de clareza suficiente para te permitir, de todo, regressar aos teus amigos do lado terreno." Estás a ouvir?

(Sim.)

E ele disse também: "Ao fazeres isso, ao fazeres isto, serás capacitado a regressar através da Luz ocasionalmente por um tempo sem restrições —"

(Bem, bem, bem, isso é belo.)

"— e apenas sob essas condições te será permitido, de todo, regressar através da presente Luz." Portanto, ele tomou a seu cargo a Luz e está a administrar especialmente em prol dela para a manter para aqueles que realmente precisam de luz e de ajuda. Compreendes?

(Sim.)

Bem, se não compreenderes, talvez Rector possa tornar isso mais claro para ti.

(Compreendo.)

Esta foi uma conversa privada entre Imperator e eu, e ele notificou todos os comunicadores que regressam através desta Luz acerca das condições, e se não fosse por ele e pelo seu maravilhoso poder eu talvez não fosse capaz de regressar, mas estamos-lhe tão gratos que lhe oferecemos as nossas bênçãos diariamente e quase de hora a hora pela sua orientação e ajuda. Quem me dera que o pudesses ver.

[Apenas algumas frases breves omitidas aqui.]

Sei de uma coisa, sei que todos do nosso lado conseguem ver e previram a ausência da Luz do outro lado da água.

[Deve recordar-se que foi após a data desta sessão que o Dr. Hodgson faleceu. A Sra. Piper passou o inverno de 1906-7 no estrangeiro.]

[Ao falar de uma previsão feita a meu respeito, ele diz:]

Talvez seja melhor perguntares a Rector sobre isso, já que ele é muito claro e compreende isso muito bem; ou, melhor ainda, a George Pelham. Talvez o conheças? Ele tem sido uma grande ajuda para mim, uma grande ajuda para mim; embora ele não esteja tão perto da Terra e das condições

que rodeiam a Luz como eu estou neste momento, ele é realmente uma grande ajuda.

(Ele está noutra esfera, por assim dizer?)

Sim, ele está na última esfera, aquilo a que chamarias o céu; a última, a sétima esfera.

(Em que esfera estás tu?)

Estou na terceira agora. Temos de passar pela terceira esfera para poder regressar, poder-se-ia dizer, e por isso não pude regressar imediatamente a seguir a ter saído do meu corpo.

(Oh, essa é a razão, é?)

Sim. É exatamente como ir de uma divisão para outra. [Ilustrado por uma mudança de local no mundo material] Nós avançamos até sentirmos que nos aperfeiçoámos de acordo com a vontade e a ideia de Deus, e então ficamos satisfeitos connosco próprios, e não antes disso.

(Bem, quando fizeste a travessia pela primeira vez, foste para a primeira esfera, ou chamas a isto onde eu estou a primeira esfera?)

Entrar na vida material é uma esfera de vida; essa é a primeira, porque a vida vem com a criação do corpo mortal; a vida vem, é o sopro de Deus, e tu és um ramo da Sua grande árvore, compreendes, e depois o espírito cresce, avança. Às vezes não avança no mortal porque está bloqueado pela doença física, etc. Se não for o caso, é removido após algum tempo, entra na nossa vida e começa então a desenvolver-se e a crescer.

(Bem, então achas que toda a gente parte daqui exatamente quando é o momento certo para ir, seja jovem ou velha?)

Sim, sim, sim, isso está tudo nas mãos de Deus, e embora nunca vejamos Deus — eu nunca O vi e nunca espero ver —, Ele governa-nos a todos e reina sobre todos nós, e nós somos uma parte, um ramo d'Ele, e a tua pergunta tornará isso claro para mim.

(Quando alguém morre, como lhe chamamos, quer tenha trinta ou oitenta anos, é o momento certo para essa pessoa, achas tu, ou a morte é apenas um acidente, o momento da morte?)

Oh, não é um acidente. É ordenado por Deus. Eu não conseguia compreender quando estava no corpo por que razão certas coisas [aconteciam], por que razão certas mortes ocorriam, e assim por diante, mas Deus sabe o que são as vidas delas e o que seriam caso vivessem.

Portanto, Ele remove-as talvez através de um desastre, talvez através de um acidente, talvez através de um incêndio, talvez através da perda de um navio, e todo esse tipo de coisas, e Ele remove muitas de uma só vez. Mas para cada espírito que entra nesta vida, há um lar preparado para ele e um lugar preparado para ele. Talvez saibas que na Bíblia terrena, a Bíblia material, diz: "*Na casa de meu Pai há muitas moradas*"; lembras-te disso?

(Sim.)

Isso tem um significado literal. ... O espírito na verdade nunca sofre, nunca conhece um momento de dor ou angústia de qualquer espécie. Sei isto a partir da — pura experiência e estudo.

(Mas, General, vocês aí nem sempre estão perfeitamente desenvolvidos, e a vossa felicidade não depende do vosso desenvolvimento interior aí, tal como aqui, o vosso grau de felicidade?)

Bem, sim, até certo ponto, mas nunca sofremos da forma que o sofrimento é expresso e compreendido por vós.

(Sim, compreendo, compreendo. E quanto à idade aí? Que idade tens em comparação com Imperator? Qual é o padrão de medida?)

Bem, Imperator é — na verdade, nenhum espírito é alguma vez velho, não existe tal coisa como a idade connosco. Entramos nesta vida de acordo com os nossos atos na vida mortal. Se avançámos e crescemos, ganhámos muito ao entrar nesta vida, mas se estamos bloqueados por males físicos ou enfermidades físicas, ou talvez alguns possam herdar a imbecilidade ou algo desse género, quando o espírito deixa o corpo, entra nesta vida e cresce, num sentido, como uma criança.

Descansa, é libertado. No momento em que é libertado do seu corpo, assume uma condição de felicidade, por assim dizer. Há uma pacificação que permeia todo o espírito, e um certo poder de compreensão, e depois avança e cresce até estarmos — poderíamos fixar a idade, para a tua compreensão, nos cinquenta anos, e nunca somos mais velhos do que isso em espírito.

(Queres dizer nunca mais velhos do que aquilo em que pensamos como sendo os cinquenta anos?)

Sim. O corpo simplesmente envelhece, mas o espírito nunca envelhece. O espírito permanece sempre jovem e belo. Não importa se o homem passou da vida terrena através da decadência senil ou através de um acidente na juventude, isso não faz diferença; o espírito é sempre jovem. Mas as condições do espírito e a sua felicidade dependem, sim, um pouco do seu adiantamento, crescimento, compreensão e desejos do que é correto e errado na vida física.

(Bem, supondo que eu tenha um amigo agora que vá para aí, que não tenha pensado muito no desenvolvimento espiritual aqui, ele poderia estar onde pudesse ver-te e falar contigo, por exemplo, ou estaria num plano inferior?)

Bem, ele estaria — para a tua compreensão — estaria num plano um pouco inferior ao entrar nesta vida, mas se ele tiver um grande desejo de chegar até mim, há certas condições pelas quais deve passar para que esse desejo seja realizado, e se ele viver de acordo com a restrição e as leis que estão traçadas para ele aqui, então poderá ser capaz de me ver no que poderias designar por uns dias. Então o seu desejo seria realizado e ele seria mais feliz em consequência disso.

(Agora, General —)

Sim, oiço cada palavra que dizes, e tens a faculdade de falar devagar e distintamente.

(Sim. Quando partiste, antes de o teu corpo ser depositado na terra, fui chamada pela Luz conhecida como Sra. S. Fui lá depois de o teu corpo ter sido recolhido, mas ela disse-me — isto é, o controlo dela, o seu guia espiritual disse-me — que no dia em que morreste — fizeste a travessia de manhã no nosso dia aqui, e ela disse que tu poderias ter andado por lá nesse dia, mas ela estava tão ocupada que não reparou em ti, mas à noite estavas lá e tinhas um rosto tão ansioso que ela teve de te escutar, e tu continuavas a dizer: "*Mandem chamar a Anne, mandem chamar a Anne*". Depois, quando fui lá uns dias mais tarde e falei com ela, ela falou como se tu estivesses realmente lá. Bem, ela disse, como é óbvio, que não o puseste em palavras, mas expressou o sentimento. Ora, sabes de alguma coisa sobre isso, ou andaste por lá, ou poderias ter andado por lá, ou poderias ter-me

chamado dessa forma? Esta é uma Luz à qual foste uma vez comigo quando estavas no corpo físico.)

[A psíquica conhecida como Sra. S. mandou chamar-me conforme explicado acima, perguntando se eu gostaria de uma sessão, sentindo que devia aceder ao pedido do seu controlo, embora nunca antes me tivesse oferecido uma sessão simplesmente porque o seu controlo o desejava, e nunca mais o fez desde então. Embora tivesse visto nos jornais o anúncio da morte do meu amigo, assegurou-me que até àquela altura não sabia que eu estivera associada a ele em negócios, tendo a impressão de que o meu trabalho especial era ajudar o Dr. Hodgson. Na ocasião em que o General me acompanhou a uma sessão com ela, vários anos antes da sua morte, não lhe foi dito quem ele era e ela não o conhecia.]

Bem, lembro-me de que após deixar o meu corpo, a primeira coisa em que pensei após deixar o corpo, após passar por este éter que descrevi e para além do véu — isto é, do nosso lado do véu, para este mundo —, a primeira coisa em que pensei foi: "Onde está a Anne? Vou procurá-la."

Voltei-me imediatamente e olhei para trás, para o mundo físico, para o mundo material, olhei para o corpo físico, vi-o como se fosse apenas terra, e vi-te terrivelmente angustiada, conforme me pareceu, e o teu espírito parecia muito abatido e deprimido, e tentei chegar até ti e estava muito ansioso por fazê-lo e muito ansioso por me fazer compreender por ti, e se ela me viu, provavelmente foi verdadeira ao dizê-lo, porque essa foi a primeira coisa de que me lembro de fazer; e o primeiro pensamento que me passou pela mente foi: "Vou procurar a Anne onde quer que ela esteja e dizer-lhe que ainda estou vivo e a caminho da vida eterna." Portanto, não posso contradizer ou rejeitar a veracidade dela.

[Não era hábito dele chamar-me "Anne" em vida, embora seja hábito dos espíritos que regressam chamar os seus amigos pelos nomes próprios.]

(Agora, virás ter comigo o melhor que puderes sempre que eu a for ver, e achas que seria bom eu ir lá ocasionalmente?)

Sim, de vez em quando, mas aprendi com Imperator, que sabe tudo o que há para saber e prepara os seus mensageiros para darem a luz que ele considera que estão aptos a dar, — ele diz que a comunicação demasiado frequente do nosso lado não é sensata, e é mais sensato para o espírito armazenar o seu conhecimento e aprender todas as condições da sua vida e

depois regressar ocasionalmente, transmitindo esse conhecimento ao seu amigo do lado terreno ocasionalmente, mas não com demasiada frequência, já que o espírito perde com a comunicação demasiado frequente.

(Compreendo.)

E não é bom para o seu melhor desenvolvimento.

[Conto-lhe algo sobre o seu antigo lar.]

(Vou lá na noite que antecede o quarto sábado a contar de agora, se puder. Vou ouvir o som da tua voz através do fonógrafo —)

Um discurso?

(Sim. Lembras-te do fonógrafo?)

Sim, lembro-me.

(Houve algumas das tuas conversas que foram preservadas. Havia as observações do Coronel Ingersoll no enterro do irmão, havia o "*Choir Invisible*" de George Eliot, havia o "*Flood of Years*" de Bryant. Ora, vou ouvir isso pela primeira vez desde que partiste, e quero que te coloques mesmo ao meu lado o tempo todo, e depois, quando eu voltar aqui, podes falar-me sobre isso.)

Ficarei encantado. Isso dar-me-á maior felicidade do que qualquer outra coisa que me pudesses pedir.

[Infelizmente, o fonógrafo estava avariado quando fiz a minha visita.]

(Podes ficar mais um pouco?)

Sim, estou a escutar.

[Há uma pequena conversa aqui sobre uma irmã no corpo.]

Tens uma irmã aqui neste mundo que eu conheci.

(Qual é o nome dela, sabes?)

Não, — o Hiram sabe; no momento não te saberia dizer, mas ele sabe, e talvez Rector te diga qual é o nome dela. Lembro-me de que me foi apresentada há algum tempo, e ela é um belo espírito.

[Isto refere-se a uma irmã mais velha, chamada Laura, que faleceu em 1881, treze anos antes de eu conhecer o meu comunicador.]

Também conheci o teu pai. Ele era um homem peculiar, não era?

[Breve conversa sobre a minha própria família]

Gosto do teu pai. Ele é uma individualidade muito forte e cometeu os seus erros como outros homens no mundo terreno, mas é um espírito verdadeiro e ama-vos carinhosamente a todos.

[O meu pai era "peculiar", uma "individualidade forte" e "cometeu erros". Ele fez a travessia quatro anos antes de eu conhecer o meu comunicador.]

(A tua mãe foi o teu espírito guia ao longo de toda a tua vida aqui?)

Sim, e bem querida ela era.

(Reconheceste-a assim que a viste?)

Ela ajudou-me, mostrou-me o caminho, colocou-se junto à minha cadeira, a cadeira em que eu costumava sentar-me, colocou-se ao meu lado quando fiz a travessia.

(Ela conhece-me?)

Sim, podes ter a certeza de que, se eu tive alguma coisa a ver com o assunto, ela conhece-te.

[Ao falar do meu trabalho privado, eu digo:]

(Não podes ficar descoroçoado se eu ficar descoroçoada, pois não?)

De todo. Isso não é próprio de mim, pois não? Não tive coragem até ao fim? Pergunta-me tudo o que desejares. Os meus pensamentos mantêm-se claros, já que fazes as tuas perguntas de forma tão clara e bela que não me confundem. Se dissesses: "Agora, General, quero que me encontres um nome, consegue-o agora se puderes", — ao procurar esse nome, ou ao desviar os meus pensamentos da linha em que estão a fluir no momento presente, pela qual estão a fluir, isso confundir-me-ia de tal forma que eu perderia todo o fio da minha individualidade e do meu pensamento.

No momento em que entrei nesta vida, foi-me dito por Imperator: "Acabaste de abrir a tua vida e a tua vida está no início. Tens muito a fazer com uma amiga que, num sentido, deixaste para trás." ... Então deu-se o clique em mim sobre o que ele queria dizer. Disse: "Sei o que queres dizer; referes-te à verdade real de uma ideia vaga; vai ser uma realidade", — uma

ideia que me passara pela mente antes da minha doença. Passou-me pela mente, o pensamento, antes da minha doença, já que eu amava a poesia, ler livros, como tu própria, tudo —, passou-me pela mente muitas vezes, e o desejo de poder estar qualificado para escrever. Quando entrei nesta vida, Imperator apontou-me essas coisas. Tornou claro para mim que era possível eu regressar e ajudar-te e que poderíamos fazer esta coisa juntos.

Agora, como é óbvio, não posso dizer quanto tempo a Luz permanecerá no corpo, ou quais são as condições que rodeiam a Luz, mas sei isto, que conjuntamente e juntos na Terra eles oraram e estão a orar e a dar paz e restrição à Luz para alguns que são privilegiados para a usar e receber mensagens através dela. Portanto, eu sou um dos que são privilegiados, pelo que estou extremamente grato.

(Como é óbvio, não quero isto inteiramente para meu prazer egoísta. Quero que tenha alguma utilidade para o mundo, a minha vinda aqui para te ver.)

Deve tê-la, e se outros pensassem da mesma forma não haveria um mistério tão vago em torno de tudo isto, como eu costumava pensar quando estava no corpo; havia uma espécie de mistério vago e incognoscível.

(O tempo está a passar. Não te devo reter por muito tempo.)

Não devo permanecer demasiado tempo, mas Rector está aqui pronto para me levar, para me ajudar a sair, para que nenhum mal aconteça ao instrumento através do qual trabalho. Fala-me do pequeno Augustus.

(Augustus? Qual deles?)

Quero dizer o rapazinho, aquele a quem chamavam — não é realmente o nome dele.

(Oh, ele está bem, muito bonito.)

Mas estão a chamar-me agora e tenho de ir. Não devo abusar dos meus privilégios. Deus te abençoe e esteja contigo.

(Adeus.)

Sabes que eu sou o Martin?

(Oh, sim!)

Fim

SESSÃO DE 13 DE MARÇO DE 1905

[Há muito pouco que possa ser citado desta sessão. É uma mistura de conselhos, profecia, encorajamento e reprovação, da parte tanto de Rector como do meu comunicador, relativos à prossecução do meu trabalho e ao meu estado de espírito em geral. Algumas das observações do meu comunicador são, contudo, tão caracteristicamente vigorosas que não posso deixar de apresentar algumas delas como extratos desconexos.]

O General

Bem, bem, bem! As maravilhas nunca vão acabar! És tu?

(Ora, sim, não me conheces?)

Bem, parece-me que sim.

(És tu, General?)

Sim, está certo. Parece-me ver às vezes os teus acessos de descoroçoamento.

(Sim.)

Não gosto disso. Passei pela vida, creio eu, com um coração bravo e forte. Muitas desilusões e provações surgiram na minha vida, mas nunca larguei a minha mão, a mão sobre a minha fé, confiança e esperança, ao longo de toda a minha vida, pois não?

(Não, creio que não.)

[Ele tinha uma fé de algum tipo, que o levou até ao fim sem queixumes.]

Ora, apelei a estes ajudantes e a estes santos padres para te trazerem aqui para que pudéssemos limpar algumas destas pequenas teias de aranha no teu cérebro.

(Bem, limpa-as, quem me dera que o fizesses.)

Não gosto desse tipo de pensamentos descontentes. Não gosto da sensação de que não há tempo, e de um desperdício de energia, um desperdício de vida, um desperdício de material, um desperdício de tudo. Ora, isso não é verdade de todo. Eu pensava que eras uma idiota, num

sentido, porque acreditavas na vida eterna, mas quão denso era o meu espírito, quão fraco, quão pouco caritativo! Mas tu vais perdoar-me, tu perdoas-me?

(Sim.)

Tu compreendes, mas eras tu que eras sábia e eu era fraco, e no entanto eu era teu amigo.

(Eu sei disso, General.)

Sou teu amigo hoje. Estou com o mesmo aspeto, e se os teus olhos espirituais se pudessem abrir ver-me-ias aqui de pé a registar os meus pensamentos através do éter com que este recetáculo está preenchido. Não posso ter nenhuns pensamentos de descoroçoamento. A vida é demasiado séria, é demasiado bela, demasiado forte, uma coisa demasiado grande para permitir que os pensamentos de descoroçoamento entrem num cérebro como o teu. Estou espantado! Estou espantado! "Oh", disse eu, "se eu lhe puser as mãos em cima outra vez vou pintar-lhe a vida como ela realmente é e não como ela pensa." Para que supões que foste criada? Para que supões que foste colocada na vida terrena? Não cumpriste nem metade da tua missão. Está apenas no início, e é um desperdício inútil de pensamento pensares o contrário. Vais tirar proveito do que te estou a dizer?

(Sim, com certeza.)

Não sei se eu era um bom pregador ou não, mas de qualquer forma sei uma coisa, tu costumavas tirar proveito dos meus conselhos, e creio que o vais fazer agora. Em todo o caso, vou vigiar-te e vou chegar até ti agora enviando-te uma mensagem e tu saberás como as coisas estão a mudar.

[Na parte omitida, ele fala da sua intenção de enviar uma mensagem ocasionalmente "através daquele cavalheiro que vem aqui", significando, como é óbvio, o Dr. Hodgson.]

Ora, a ideia de uma... mulher fisicamente bem, com os teus anos e experiência, entrar num estado de espírito desses! Ora, é terrível, e se não houvesse caridade no mundo não haveria amor, e se não houvesse amor não haveria vida, sabes disso? E sem — lembras-te de algures no livro a que costumávamos chamar Bíblia dizer *se não tiver caridade*?

(Sim.)

(Consegues citá-lo? "*Se não tiverdes caridade, sereis como o bronze que soa ou como os címbalos que tine*", creio eu.)

Sim, agora regista isso na tua mente.

(Julgas que serás capaz de vir aqui outra vez esta temporada?)

Oh, sim, creio que sim. O momento, isso já não sei. Terás de lhes perguntar a eles, e eles dar-te-ão uma ideia definida. Isso não está nas minhas mãos. Só sei que quando a Luz está a arder e eu vejo a Luz, e o éter do nosso mundo está suficientemente claro, sei que posso entrar nela e falar contigo, o que é um deleite perfeito. Isso torna a nossa vida deste lado completa e perfeita. Tu compreendes isso. Agora quero que fales comigo, mas eu sentia, oh, se eu ao menos conseguisse chegar até ti mais uma vez.

(Sim. Espera um minuto. Sabes que o tempo tem de ser curto esta manhã, não sabes?)

Curto? O que queres dizer?

(Ora, só podemos ter cerca de metade do tempo que costumamos ter, porque a Luz não tem estado em boas condições no físico, e — o Rector está aí ao teu lado?)

Sim, o que queres que lhe diga? Podes ver que as mãos estão sempre a estender-se para nós no toque. Nunca somos deixados sozinhos, eu nunca sou deixado sozinho quando estou a falar contigo. Imperator vem e vai, continua a vir e a ir, para ver se tudo está a correr bem, e Rector ou Prudens, alguns deles colocam-se aqui e observam-me para ver como me vou orientando, e se me faltam as palavras ou a luz, eles fornecem-nas. Vem através de uma linha. Diz o que quiseres. Acho que é uma pena estares angustiada com o tempo, mas eu não sei tanto sobre estas condições, sobre o lado terreno, mas terás de lhes perguntar a eles, creio eu.

(Bem, agora fui incumbida de dizer a Rector que três quartos do tempo já passaram e que ele terá apenas mais dezasseis minutos e depois terei de me ir embora, e se não o fizer não me será permitido voltar. Compreendes isso?)

Queres dizer com isso que me tenho de ir embora agora?

(Não, mas quero que digas a Rector, que está aí, exatamente o que acabei de dizer, podes fazê-lo?)

Vou falar com ele — só um minuto.

[Pausa muito breve. Efetivamente a falar com Rector. Lábios a moverem-se ligeiramente.]

Bem, o que achas que ele diz?

(Não sei.)

Ora, ele diz que não vê como pode abrir e fechar la Luz num espaço de tempo tão curto como esse.

[Explico um pouco mais a necessidade de ser breve, e há mais um pouco de conversa.]

(Bem, agora, General, receio que te vais ter de ir embora.)

[Ainda mais conversa]

(Agora vais ter de ir, vais ter de ir, — adeus.)

Não me digas adeus! Vou sair e vou encostar-me para o lado mesmo aqui.

[Rector regressa por alguns momentos.]

Fim

SESSÃO DE 19 DE ABRIL DE 1905

[Esta sessão foi em grande parte preenchida com assuntos relativos à minha própria família, estando um membro da minha família muito doente na altura. Tive comunicações claras do meu pai e da minha irmã Laura, mencionada na sessão de 20 de dezembro de 1904. Pareceu-me que a Laura, pela primeira e única vez, falou diretamente através da máquina, por assim dizer, — isto é, falou diretamente a Rector, que repetiu as suas palavras. Pois ela parecia surpreendida com a facilidade com que a comunicação podia ser levada a cabo, e disse: "Quero dizer-te como estou clara, e sobre que linha perfeitamente clara estou a trabalhar. Consigo ver muito melhor do que alguma vez vi." Perante isto, Rector interveio imediatamente com a seguinte observação: "Vou dizer isto, que nunca, creio eu, vi a Luz mais clara do que está no dia de hoje." Quando me dirigi à minha irmã dizendo: "Agora, Laura", ela interrompeu com: "Oiço a tua voz como uma trombeta." Quando lhe pedi para levar uma mensagem ao meu pai, ela disse: "Não sei, — se eu pudesse voltar-me e sair apenas a

uma curta distância neste cordão, poderia trazê-lo aqui. Vou ver." E depois o meu próprio pai pareceu dizer algumas palavras diretamente. Outros comunicadores foram um pouco afastados pelos parentes nesta ocasião.]

O General

[Ao falar sobre as minhas próximas férias de verão, eu digo:]

(Que tal Poland Spring?)

Oh! [aparentemente a rir] Bem, poderias ir lá?

(Poderia ir lá por um curto período de tempo. Acho que vou tentar organizar as coisas para ir a Greenacre um curto período de tempo e depois ir para o teu antigo poiso, Poland Spring, onde está a água e os bosques.)

E a Poland Spring House, lembras-te?

(Sim.)

Oh, sei-o tão bem. Estes antigos refúgios permanecem na minha memória mesmo no mundo espiritual. A única coisa de que me arrependo é da absoluta imbecilidade da minha parte quanto à verdade de uma vida eterna, mas às vezes não temos a perceção espiritual mais aguçada para as coisas mais elevadas enquanto estamos no corpo mortal, especialmente quando a mente está atribulada e perturbada com tudo o que o mundo terreno coloca diante de nós, e enquanto a vida [dura] não temos tempo, talvez, ou o apreço aguçado, e posso dizer apreensão, das possibilidades do futuro. Portanto, cometi os meus erros nessa linha, — não exatamente erros, mas perdi imenso.

(Sim.)

Mas a minha vida foi ocupada, como sabes. Fala-me sobre — como está o pequeno Gus, e o Everett, e as crianças e tudo? Estão a passar lindamente, não estão?

(Bem, creio que sim.)

(Achas que não serei capaz de vir outra vez esta temporada?)

Bem, não tenho tanta certeza. Eles disseram: "Agora, se quiseres falar com a tua amiga outra vez, dar-te-emos o privilégio de o fazer e a oportunidade apresentar-se-á imediatamente", e depois disseram: "Designaremos o terceiro dia", e assim por diante, e depois fizeram-no

saber a alguém no corpo, e disseram: "Porque não conseguimos no momento ver a probabilidade de isso acontecer outra vez." Mas se for possível e fores chamada, sabes que tens de vir.

(Abri mão de muita coisa desta vez para vir.)

Sim, eu sei, mas não pôde ser evitado, e foi melhor assim, como podes ver. E não os achaste muito claros hoje?

(Sim, muito.)

E eu próprio, a única coisa de que me arrependo é de ter de cessar de falar. ... Agora vou-me embora. Não vou dizer adeus, porque odeio a palavra.

SESSÃO DE 21 DE JUNHO DE 1905

O que é vida é amor, e o que é amor é vida, e o que é vida e amor é espírito. Chamei-te aqui outra vez. Senti que não podia permitir que a Luz se fechasse sem me encontrar contigo mais uma vez. ... Tu libertaste-me, sabias? Nada do lado terreno me prende ou incomoda minimamente. Sou tão livre quanto é possível para um espírito ser.

O teu pai envia-te muito amor, e também a tua irmã. Ela está tanto mais livre desde a última conversa contigo aqui que é a rapariga mais feliz que alguma vez viste. Ajudaste-os imenso ao vires aqui. Não tens ideia do alívio para o espírito que estas comunicações dão.

(Dá o meu amor a ambos.)

Tenho a informação de que eles vão providenciar melhores condições após regressarem.

["Eles" significa os espíritos encarregues. "Após regressarem" significa após a temporada de férias.]

Tenho a informação de que Imperator fez preparativos especiais — sabes ao que eles chamam uma hora?

(Sim.)

Eles vão prolongá-la em uma hora e um quarto, no mínimo, e vão fazer com que o amigo terreno assine os preparativos deles —

["Amigo terreno" é a expressão que era comummente usada pelas personalidades em transe para se referirem especificamente ao Dr. Hodgson.]

— porque mesmo a meio da conversa, às vezes quando os melhores sentimentos estão para ser transmitidos, a Luz é desligada, e isto não está muito correto. Eu perco a contagem do tempo, exceto que o homem que está encarregue —

(Hodgson?)

— Hodgson, ele continua a falar sobre horas e quinze minutos, horas e três quartos, e assim por diante, e isso mantém a coisa fresca na memória dos controlos.

(Diz a Rector que faltam quinze minutos — a regra.)

Quem diz isso?

(O Hodgson diz isso.)

[Significando que eu tinha recebido instruções para encerrar a sessão a uma determinada hora.]

Diz ele? Bem, ele é um bom rapaz. Recebe muita ajuda. Vou contar-te um segredo — ele tem tendência a ser ciumento, um bocadinho hostil se não conseguir fazer as coisas à sua maneira, mas eles controlam-no aqui deste lado belissimamente. Ele sabe que tudo o que eles dizem está certo e que deve obedecer, se nós regressarmos. Sabes que sinto às vezes que é possível que não consigamos aceder a esta Luz, e então o que faremos?

Imperator tem estado a tentar fazer regras e regulamentos para que, quando a Luz estiver fraca e insatisfatória, ele veja apenas aqueles que realmente merecem e deixe o teste de lado, temendo que a Luz possa ceder inteiramente. Mas presentemente, através das suas preces, ele tem-na mantido muito bem e correu bem. Não mostra isso por si só o poder do espírito?

SESSÃO DE 20 DE DEZEMBRO DE 1905

O General

Bem, estás realmente aqui outra vez? Vejo, oiço, compreendo. O teu espírito parece-me mais claro. Não estás mais feliz?

(Este é o General, não é?)

Sim, e mais ninguém.

(Quero que compreendas, e Rector e todos eles, que aprecio total e profundamente o privilégio de vir aqui ver-te.)

A Divina Providência governa bem todas as coisas, e como devo dizer, em harmonia com estes bons amigos aqui, que se tiveres fé e confiança, todas as coisas estão traçadas para o bem e verás por ti própria que são geridas pelo Invisível, no essencial.

(Sim.)

Compreendes?

(Sim.)

And o que for a vontade de Deus, será feito. Portanto, a tua vinda aqui é um privilégio para nós, bem como para ti própria, e é em obediência à Sua vontade.

["Obediência", de forma hesitante primeiro, depois "*obeyance*" ou "*abeyance*"]

(Sim.)

Como poderíamos nós geri-lo de outra forma? O que podemos fazer quando és convocada?

(Podes ter a certeza de que estarei presente.)

E o caminho ser-te-á aberto. Deixa-me continuar a falar, porque estamos limitados na nossa Luz. Isto é, o poder esgota-se. ... Estou muito ansioso, desde que aprendi tanto sobre esta bela vida e me dou conta da verdade e realidade dela por ter a experiência real, que o mundo seja, através da tua mão e do teu cérebro, alertado em parte para o desabrochar, para o verdadeiro desenvolvimento da alma após deixar o seu ambiente; que é uma consciência ativa, que está num estado de desenvolvimento mais elevado, que é capaz de atingir o plano físico e atuar através de vozes como

a tua própria, diríamos nós, para dar expressão e voz à verdade e realidade de parte do que esta vida contém. Isso está claro para ti?

(Sim. Bem, como é óbvio, não posso saber sobre a vossa vida exceto conforme ma transmitires.)

Mas através do teu próprio desabrochar, como dizes, recebes constantemente ajuda e impressões minhas nesta vida.

(Sim.)

Não podes trabalhar sozinha sem esta ajuda que recebes, talvez inconscientemente para ti própria, mas não inconscientemente para — a tua mente subconsciente recebe as impressões que te dou e elas são desabrochadas através da mente consciente. Portanto, dás expressão precisamente às coisas com que eu impressiono a tua mente. Fala-me do rapaz.

(Bem, o que vês sobre ele?)

[Tenho em mente um sobrinho meu, que vive na Califórnia, a respeito de quem tenho tido muitas comunicações, mas a resposta dele indica que está a perguntar pelo seu próprio rapaz, e eu digo:]

(Queres dizer o meu rapaz ou o teu?)

Quero dizer o meu. ... Em relação ao teu rapaz, ele está a uma longa distância no mundo terreno, não está?

[Este pensamento foi evidentemente sugerido por algo que foi dito sobre o próprio rapaz dele estar mais perto de mim.]

E não é esse o filho dele?

(Que filho?)

Ele não tem um filho ou dois?

(Tem um, ou teve um.)

Não é este o dele?

(Onde está?)

Ora, não está aqui? Não é este o rapaz do Max? O nome dele é Plumb.

[O nome do meu sobrinho]

(Bem, esse é o filho dele, sim.)

Bem, eu queria falar-te sobre ele, porque ele veio ter comigo, e quando o encontrei disse: "Ora, esta criança certamente pertence à minha amiga no corpo", porque ele estava tão constantemente — lembras-te de um espírito chamado Laura?

(Sim, a minha irmã.)

Sim, com ela.

(Bem, é a minha irmã, ou outra pessoa chamada Laura?)

Sim, é outra, é outra pessoa, mas eu falei-te sobre ela, não falei?

(Acho que deve ser algum parente. Quem me dera que pudesses ver.)

Bem, estão ambos aqui, a senhora e a criança. E a criança deixar o corpo foi uma grande desilusão para ele, mas foi melhor para a criança e infinitamente melhor para ele e para a mãe.

(Porquê?)

Porque os desenvolvimentos teriam sido muito dolorosos. Deus sabe o que é melhor, e desabrochar as Suas verdades demorar-me-ia muito tempo.

(Bem, não vamos tentar agora. É a minha avó que tem o bebé?)

Sim, é a avó da tua irmã — essa seria a tua, como é óbvio, certamente — bem, tu sabes que nós olhamos para as ligações aqui. Ela é uma senhora idosa, uma senhora idosa, mas no espírito ninguém é idoso. Talvez consigas compreender afirmações contraditórias, se possível. O nome dela era Laura.

(Sim, é isso mesmo.)

Ela é muito apegada a essa criança.

(Bem, ouvi através de outra Luz que esta minha avó tinha esta criança. Ora, tens-me visto com essa Luz ultimamente de todo?)

Sim, sim — [com bastante entusiasmo] — que Luz era essa? Tenho estado a tentar dar-te uma palavra-passe.

(Nessa altura?)

Sim. Pareceu que não a compreendeste de certa forma.

[Esta criança, um bebé de nove meses que eu nunca vira, faleceu a 25 de set. de 1905, três meses antes da data desta sessão, não tendo ocorrido nenhuma sessão com a Sra. Piper no intervalo, e esta é a primeira referência por parte dela ao assunto.

A 8 de dez. deste mesmo mês, menos de duas semanas antes da data desta sessão, tive uma sessão com la psíquica conhecida como Sra. S., que me disse que esta criança estava com a minha avó, e que a minha avó e o meu comunicador eram conhecidos e amigos. Deduzi que seria a mãe da minha mãe, já que a mãe do meu pai faleceu quando eu era uma mera criança. A mãe da minha mãe conhecia-a bem, já que ela não fez a travessia senão quando eu já tinha crescido e era uma jovem mulher. Ela era leitora de livros sobre Espiritismo e estava muito interessada no assunto, embora tivesse poucos simpatizantes entre os seus próprios amigos. Ela é a avó que teria mais probabilidades de ter a criança, e o seu nome era Laura.

Ver-se-á que quando o meu comunicador pergunta: "Lembras-te de um espírito chamado Laura", eu respondo imediatamente: "Sim, a minha irmã", sendo a irmã o primeiro pensamento na minha mente. Esta resposta positiva bem poderia ter desviado as ideias do meu comunicador da linha certa, mas quando digo: "É a minha irmã, ou outra pessoa chamada Laura", ele responde: "Sim, é outra, é outra pessoa, mas eu falei-te sobre ela, não falei?"

Não sei a que se pode possivelmente referir este "eu falei-te sobre ela", a menos que signifique que o meu comunicador estava efetivamente presente na minha sessão com a Sra. S. duas semanas antes, e que foi ele quem incutiu na psíquica a garantia de que a criança estava com a minha avó.]

Mas queria dizer-te que esta criancinha está muito feliz e está num lar próprio com estas pessoas e que elas estão a cuidar bem dela, e que não há nada perdido.

(Diz a ambas as Lauras que fico muito satisfeita por saber que a criança está com elas e transmitirei isso aos pais.)

Está certo. Ora, o espírito, o espírito viaja, permanece consciente, estende-se para os seus amigos, alcança-os no lado terreno, mas há algumas coisas que a sua memória não consegue e não deseja reter. Há páginas em

cada livro da vida que o espírito, quando parte, fecha esse livro na vida mortal, gostaria de esquecer, e assim faz. Portanto, é mais feliz.

(General, estás numa espécie de zona em redor da atmosfera desta terra e podes ir para outros planetas e estrelas se desejares?)

Sim, certamente, e agora há aqui um caso que tem sido muito peculiar e que talvez tenha sido comentado no corpo mortal — sem dúvida que sim, porque vi este homem a debater-se aqui e depois vi-o partir subitamente. Ele vinha à Luz e a Luz não estava aberta, e ele retirava-se e ia-se embora para outro país. O nome dele é Myers, ou Myer.

[Creio que o meu comunicador em vida nada sabia sobre F. W. H. Myers, de Inglaterra, que faleceu em 1901, no ano anterior àquele em que o meu comunicador faleceu.]

E ele vem aqui, encontra a Luz fechada — um homem muito ativo, brilhante, excelente, de perceções aguçadas, o tipo mais fino de mente — e vem aqui, encontra a Luz apagada, retira-se, vai cuidar da sua família — ele tem uma família no corpo mortal —, vai procurá-los e permanece com eles, e muitas vezes, quando a Luz está a arder, ele não aparece, mas tu consegues compreender isso devido à sua ausência da Luz e por estar entre aqueles que ama.

(Bem, ele vai para outros mundos?)

Vai para outros mundos e outros planetas. Está constantemente a estudar — ele é um grande estudante —, está a estudar as condições e as mudanças e os porquês e os paraquês da comunicação, e as leis da vida no espírito, no corpo, e os caminhos de Deus e os caminhos do homem e do espírito em geral.

(Agora receio que te vais ter de ir embora.)

Terei de me ir embora? —

(Diz a Rector —)

— mas contigo eu estarei —

(Diz a Rector —)

— o caminho estará aberto quando eu puder regressar novamente em breve e terminar a minha conversa, pois tenho muito para te contar que não posso proferir hoje.

Nota. Esta sessão teve lugar na manhã do dia em que Richard Hodgson faleceu. A sua morte ocorreu no final da tarde ou início da noite.

SESSÃO DE 17 DE ABRIL DE 1906

[Esta sessão teve lugar no meu próprio quarto privado, perto de Copley Square, Boston. O "amigo terreno" significa o Dr. Hodgson.]

O General

Olá, olá, olá! Bem, bem, bem! O que tens para me dizer?

(Quem fala?)

Bem, bem, bem! Olá, Anne! De onde é que surgiste? De onde é que surgiste? Gostaria de saber onde estamos, onde estás, onde estamos todos, onde estou eu. Bem, bem, bem! Sou o General. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! E não me conhecias, pois não? Bem, nunca pensei que chegasse o momento em que não me conhecerias.

(Bem, espera um momento, General.)

O que estás a fazer, a escrever?

(Sim.)

Oh, compreendo. Bem, bem, bem, tu estavas sempre a escrever. Alguma vez fizeste outra coisa?

(Agora, General —)

Sim, sim!

Não me digas em contos tristes, Que a vida é só um sonho vão, Pois morta está a alma que dorme, E as coisas não são o que parecem.

A vida é real, a vida é séria, E a sepultura não é o seu fim; Nem o prazer e nem a dor, Não foi — não —

És pó e ao pó voltarás, Não foi falado da alma.

(Não te esqueceste da tua poesia, pois não?)

Não, e nunca esquecerei.

(General —)

Sim?

Não importa quão estreito seja o portão, Quão carregada de castigos a sentença; Eu sou o dono do meu destino, Eu sou o capitão da minha alma.

Isto não é original, mas eu adoro-o.

(Ora, General, sabes que falaste de forma tão parecida com o amigo terreno quando chegaste primeiro —)

Bem, ele estava mesmo ao meu lado, e estava tão determinado em falar primeiro, eu estava a tentar ver se o conseguia convencer a dar o seu consentimento para me deixar, sem ele, e ele entrou primeiro e depois afastou-se e deixou-me entrar, e foi assim que isso aconteceu.

(Então essa é a razão por que não te reconheci muito bem ao início.)

Bem, eu perdoei-te há muito tempo. Não guardo rancor por isso. Sei que é difícil porque não me podes ver. Como vês, sendo um espírito, sou tão fino, o meu corpo etéreo é fino e tão finamente construído e tudo, que não o consegues ver com o teu olho mortal, mas com o teu olho espiritual poderias ver-me claramente. As crianças estão todas bem? Tu estás bem? Ocupada? Ocupada como uma abelha.

(Bem, espera um momento, General. Lamento não conseguir falar mais depressa —)

Falar e escrever também? Bem, o corpo tem as suas limitações, como sabes.

(Sim, creio que sim. Ora, tu disseste, "onde estamos todos". Agora quero saber se sabes onde estás, onde estás efetivamente, neste local neste momento.)

No momento presente?

(Sim.)

Bem, posso olhar um pouco em redor e ver?

(Sim.)

Bem, agora dá-me só tempo.

[Os dedos da mão tocam no meu rosto, descansam um momento sobre a minha própria mão, depois encontram uma fotografia do tamanho de um retrato de armário do meu comunicador numa moldura dourada que está em cima da mesa de fácil alcance. Isto ocupa apenas um minuto ou dois. Depois, enfaticamente:]

Ah! ah. Não me consegues enganar! Estou no teu quarto! Esse sou eu, esse sou eu!

(Sim.)

Estou no teu quarto. Bem, estou mais contente do que sei dizer. Este é um prazer inesperado e um deleite perfeito para mim. Bem, devo dizer que estou mais feliz por causa disso. Como é que isto acontece? Talvez não precises de perder tempo a explicar, talvez outra pessoa o faça por mim, mas estou apenas com uma pequena dúvida para saber como aconteceu. Oh, que tolo eu fui! Não sabia, não me dava conta de que viveria novamente e, de todas as coisas, a que menos esperava era regressar.

(As filhas da Luz estavam doentes, e por isso a Luz tem permanecido longe delas, e os encontros têm sido neste meu quarto já há algum tempo.)

Essa é a razão por que fui tão atraído para aqui, que roguei a Rector para providenciar que eu falasse contigo.

(Compreendo.)

Tive imenso trabalho para me conter e não interromper de cada uma das últimas vezes.

(Sim.)

Bem, isso explica tudo. Como vês, isso ajuda-me a compreender. Muito obrigado.

[Esta foi a primeira sessão privada minha que teve lugar após a travessia do Dr. Hodgson, embora eu tivesse assistido a muitas sessões durante o inverno como assistente e registadora, e tivesse sido reconhecida pela personalidade de Hodgson, pois deve entender-se que o Dr. Hodgson pretendeu regressar através da Sra. Piper muito pouco tempo após a sua morte.

Esse é um assunto, contudo, que estou a deixar para outros apresentarem. Mas a sua forma de saudação foi algo semelhante ao que

aparece nas observações de abertura desta sessão. De facto, as duas personalidades parecem fundidas, provavelmente de forma indistinguível para o leitor para quem ambos os homens eram estranhos em vida, embora as características peculiares de cada um me sejam perfeitamente aparentes. A profusão de saudações exclamativas é hodgsoniana, enquanto o incontível romper em ritmo é martiniano.]

Ora, não tens nada para me dizer? Quero que me digas carradas de coisas.

(Vais deixar o Hodgson vir uns momentos antes —)

Oh, ele vem, não te livras dele assim tão facilmente. Sabes que isto é um grande telefone e eu estou a falar para dentro dele.

(Explica isso melhor, queres?)

Sim, explicarei. O telefone está preenchido com éter do nosso mundo, e é um recetáculo, um vaso, e nós sopramos para dentro dele exatamente como tu soprarias um fole, o ar através de um fole para um lume aceso, para um lume aceso, e depois ligamos um cordão, um cordão etéreo, a isso e falamos através desse cordão diretamente para a máquina, e fazemos esta máquina proferir os nossos pensamentos.

(Compreendo.) .....

(Agora, General, —)

O Hodgson está a vir!

(Diz-lhe para esperar um momento.)

Sim, bom rapaz, — fico feliz por conhecê-lo.

[O Dr. Hodgson e o meu comunicador não se conheciam em vida, embora cada um soubesse algo sobre o outro.]

Havia muito mais que eu queria dizer, mas receio que não terei as forças.

(Bem, o tempo está quase a esgotar-se, e suponho que tenho de falar com o Hodgson. De qualquer forma, quero fazê-lo.)

Bem, ele vai fazê-lo, mas eu vou ver-te novamente um dia destes. ... Suponho que tenho de me afastar. ... Isto é a coisa mais maravilhosa do

mundo hoje em dia. Tenho de me afastar e deixar este cavalheiro falar. Adeus. É um *au revoir*, não um adeus.

(Adeus, General.)

["Este cavalheiro" significa o Dr. Hodgson, com quem mantenho uma breve conversa, a qual achei melhor não inserir.]

Subliminar

[Quando a Sra. Piper está a sair do transe, há observações breves e palavras entrecortadas, algumas delas muito claras, algumas num sussurro, algumas bastante indistintas e totalmente ininteligíveis. O aspeto é como se ela estivesse a lançar um último olhar aos espíritos que se encontram por perto, e como se estes espíritos, enquanto ela regressa ao seu corpo, estivessem a incutir na sua mente palavras e mensagens para ela repetir ao assistente. Algumas das suas palavras entrecortadas indicam também a sua perceção de regresso ao ambiente da sala onde a sessão teve lugar.]

A ficar escuro. Estão todos a ir-se embora.

[A resmungar algo ininteligível]

Pergunto-me que mão tem o Martin nisso — o General Martin é — não a conheço —

[A olhar para cima com ar interrogativo]

Não consigo ouvi-la —

[Fazendo um grande esforço para ouvir]

O quê? Estou mais feliz por causa disso. Ela compreenderá. Está tudo bem comigo. Espero que esteja com ela.

[Notar-se-á que "Estou mais feliz por causa disso" é a mesma frase usada pelo meu comunicador através do transe, como se ele estivesse a repetir ao espírito de regresso da Sra. Piper um pouco da mesma linguagem usada comigo enquanto ela estava inconsciente daquilo que estava a ser transmitido através do seu organismo.]

SESSÃO DE 6 DE JUNHO DE 1906

[Tinha sido dada autorização para que a minha irmã Grace, a Sra. Moore, me acompanhasse nesta ocasião. Ela esteve presente na abertura da sessão e no seu encerramento.]

O General

(Tenho cópias de tudo o que me disseste aqui, e não creio que venha a ser tudo publicado pela Sociedade, por isso fica o caminho livre para eu publicar algo no meu livro, e proponho-me fazer isso, e falar da tua vida em Boston.)

Muito bem. Gostaria imenso disso, porque agora já não me importo. Vivi para conhecer a verdade, para compreender a verdade e para falar a verdade, e a verdade viverá, e não me envergonho do meu nome ou de nada que lhe esteja associado ou ligado, e la verdade terá o seu peso por todo o universo, e acho que é melhor ser franco, aberto e honesto com o nome. Ouvi um pouco de música no teu quarto na outra noite e ouvi um instrumento a ser tocado, e sentei-me numa cadeira grande bem perto da mesa. Tu estavas aparentemente reclinada.

(Havia outra pessoa a fazer a música?)

Sim, sim. Era a tua irmã, creio eu. E tu estavas reclinada, e eu estava sentado na cadeira grande a escutar.

(Isso foi adorável.)

E ouvi tudo. E depois ouvi —

(Queres que a minha irmã entre no quarto agora?)

Receio que isso me vá interromper. Ouvi "*Old Oaken Bucket*" claramente.

(A minha irmã estava a tocar isso ou era eu?)

Tu estavas a tocar.

(Bem, esse é um dos meus favoritos.)

Bem, eu não o conheço de todo. Sei que o ouvi. Ouvi-te tocá-lo. Apanhei a melodia. Depois ouvi-a tocar uma coisa religiosa, uma peça religiosa.

(Agora, General, espera um momento. A minha irmã está mesmo lá fora. Acho que a vou chamar para entrar, mas não precisas de falar com ela a menos que queiras.)

Receio que isso me vá interromper. Achei que poderia interromper os meus pensamentos.

(Quando estou sozinha no meu quarto às vezes sento-me e toco um bocadinho, e muitas vezes toco "*The Old Oaken Bucket*".)

Sim, sim, oiço isso. Bem, ouvi isso. Depois ouvi outra pequenina que soava como "*The Suwanee River*".

(Eu não a toquei.)

Não, a tua irmã. Ela tocou alguns compassos. E depois ouvi uma valsa, uma valsa a ser tocada. Acho que ela tem um toque muito bonito, e acho que canta um pouco, não canta?

(Oh, sim.)

Mas por que não canta ela? Ouvi-a a trautear, mas não muito canto.

(Bem, a garganta dela incomoda-a um bocadinho agora.)

Ela não está bem, mas o espírito melhorará a carne.

[Eu não toco muito, e não toco com frequência, mas provavelmente toco "*The Old Oaken Bucket*" mais frequentemente do que qualquer outra peça. Não a toquei na noite referida. Esta sessão teve lugar numa quarta-feira. Na sexta-feira à noite precedente eu estava no meu quarto com a minha irmã, a Sra. Moore, que me visitava na altura, embora não estivesse comigo há quase um ano antes desta visita. Um amigo dela apareceu e, durante a noite, a minha irmã, que é muito musical, sentou-se ao piano; eu recolhi-me num divã, decididamente reclinada.

O amigo sentou-se numa pequena cadeira de baloiço, e a cadeira Morris, a maior cadeira da sala, que ficava perto da mesa central, estava desocupada. O tocar da minha irmã é notado entre os seus amigos pelo seu toque notavelmente bonito, e ela tem o hábito de trautear às vezes quando não se sente capaz de cantar. Pelo que me lembro desta noite, ela cantou num tom baixo ao início e finalmente cantou uma ou duas canções na sua maneira natural. Ela diz-me que tocou apenas alguns acordes de "*The*

Suwanee River" na noite em questão, embora eu não me lembrasse e não soubesse dizer se ela realmente o tinha tocado.]

SESSÃO DE 26 DE SETEMBRO DE 1906

[Há nesta ocasião uma conversa bastante longa com o Dr. Hodgson. Esta e a conversa de Rector ocupam a maior parte da hora.]

O General

Aqui estou. Estou encantado por ver-te. Como estás?

(Estou ótima. Não achas?)

Bom. Isso não é esplêndido! Sim, acho que sim. Nunca te vi melhor. Perguntaste à tua irmã sobre aquela música?

(Sim.)

Bem, não tinha eu razão?

(Sim, tinhas. Ela tocou "*The Suwanee River*" naquela noite, mas eu não sabia.)

Sim, e tu tocas muitas vezes "*The Old Oaken Bucket*"?

(Sim.)

Sabes que estou contigo quando o teu corpo está em repouso e o teu espírito anda a flutuar por aí a conversar comigo? Lembras-te disso quando acordas? O que estás a fazer? Estás a escrever?

(General, tenho de escrever cada palavra. Quem me dera não ter.)

Por que não divides a diferença e divides a tua mente?

(Bem, dividirei. Isso atrapalha-me. Acho que vou deixar de o fazer agora.)

Quem me dera que o fizesses. Perdes a personalidade.

[O que significa que ponho de lado o papel e a caneta, sento-me perto da Sra. Piper e mantenho uma conversa fácil e natural com o meu comunicador.]

SESSÃO DE 5 DE AGOSTO DE 1907

[A data desta sessão está um pouco fora de época. A Sra. Piper tinha acabado de regressar de Inglaterra e deu algumas sessões antes de deixar Boston novamente para passar o resto do verão no campo.]

O General

Pequenos riachos fazem regatos mais largos, Os regatos avolumam-se, os rios crescem; E juntam-se às vagas do oceano, Avante, avante, à medida que vão.

Isso soa natural?

(Sim. Queres dizer isso mais uma vez?)

[Estrofe repetida]

(Tudo bem, isso é natural. Como vais, General?)

Bem, como vais tu? Eu faço o que me dá na gana a maior parte do tempo. Dá-te conta de que, mesmo que eu avance na vida, progredindo nesta vida e caminhando passo a passo, o meu espírito a melhorar, continuo a olhar para trás, e nunca dou um passo em frente sem olhar para trás e viver em recordações agradáveis sempre dos velhos, antigos dias. ... Tenho sentimentalismo suficiente na minha natureza, o qual se tornou parte de mim próprio e do meu espírito aqui, que se eu soar ou parecer sentimental tens de fechar os olhos a isso, porque é uma parte do espírito.

(Tu não podes ser demasiado sentimental para mim.)

Conheço a tua natureza, mas digo que o sentimento é uma parte, e uma parte mais fina, mais elevada, da vida espiritual e da sua existência. E a vida é amor e o amor é vida, e a vida é amor, portanto é universal.

[Ao falar sobre o poder mediúnico de outra psíquica, ele conclui dizendo:]

Bem, pergunta ao Hodgson. Ele dir-te-á.

Ele tem sido uma grande ajuda para mim aqui, e tem ajudado Myers durante todo o tempo da queima da Luz. Talvez não saiba o que tem acontecido?

(Pouco.)

Bem, talvez seja melhor que não saiba. Eu próprio não sei muito sobre isso, apenas sei que estamos muito satisfeitos deste lado.

[Isto refere-se, sem dúvida, ao trabalho da temporada que acabou de encerrar. Veja-se Proc. S.P.R. Parte LVII, Vol. XXII, Outubro de 1908.]

[Perto do fim da hora, o meu comunicador diz:]

Mas vou perguntar a Hodgson que parte dos seus relatórios ele quer que você tenha e ele dir-lhe-á.

(O tempo acabou.)

Tenho de o deixar vir.

(O tempo acabou.)

Bem, ele tem de falar consigo, não posso evitá-lo. Não é um adeus, é apenas um até à vista.

[Segue-se uma breve conversa com o Dr. Hodgson, no final da qual ele diz: "Deus o abençoe, e mantenha-se firme. Esse é o conselho do seu velho amigo R. H."]

SESSÃO DE 20 DE NOVEMBRO DE 1907

[Há muito pouco que se possa transcrever desta sessão. Mantive conversas com três comunicadores, e o meu velho amigo Hiram Hart enviou uma breve mensagem de recordação. Passaram mais de vinte e quatro anos desde que ele partiu. Esta é a ocasião em que o meu comunicador diz que "os atrasos são perigosos" e que agora deseja que eu prossiga o meu trabalho tão rapidamente quanto possível. Ao aconselhar-me e instar comigo, ele diz:]

O General

Você é um pouco teimoso, sabia? Você tem uma ideia e quer levar essa ideia adiante, analisa-a, repete-a na sua mente, e tende a voltar à ideia inicial. Por vezes, as mentes mais amplas e mais razoáveis estão dispostas a acrescentar uma ideia à sua ideia mais antiga, e a ter duas ideias em vez de uma.

(Bem, espero que sim.)

[Mais adiante ele diz:]

Imperator chama-lhe um dos seus filhos. Suponho que deve ser.

(Alegra-me saber isso.)

Bem, ele vigia-o com o seu olho que tudo vê e não quer que você falhe nem caia em erro.

SESSÃO DE 17 DE JUNHO DE 1908

O General

Ouviu falar de portas de pérola e ruas de pérola? Essas eram tão reais como qualquer expressão que possa usar na vida física. Mais reais. É um facto — há ruas de pérola, portas de pérola.

(Como as nossas pérolas?)

É semelhante. Sim, a comparação é tão aproximada que não a poderia confundir por um momento. E os nossos castelos, os nossos lares, são reais. São tão reais para nós como os seus o são para si. O seu é simplesmente a imitação, o nosso é o real. Temos ruas, temos jardins, temos lares, temos rios, temos lagos. Se nos banharmos no rio, as nossas vestes não se molham, mas ainda assim somos purificados, somos limpos. Mas o cabelo natural — mas entrar na água não satura as nossas vestes, e não molha o que chama de cabelo.

Saímos e fica leve e seco, as vestes ficam secas, mas a alma é purificada ao banhar-se nas águas. Isto está claro para si? Andamos à volta dos lagos, andamos nos jardins, encontramos amigos, conversamos com

amigos, ouvimos música, ouvimos sermões, e passamos o tempo a glorificar Deus e a viver na Sua presença, num certo sentido — compreendendo o que a Sua mão criou e com que Ele nos abençoou, a vida eterna.

(Quando sai da sua mansão e olha para cima, na direção do que seria o nosso céu, o que vê?)

Vemos acima de nós, vemos o nosso mundo radiante, cheio de luz, uma bela e suave luz de lua, difícil de compreender para si porque é tão clara, tão bela, tão luminosa. Não vemos o que você vê — estrelas — mas vemos esta bela luz de lua acima de nós, à nossa volta. O ar está perfumado com o mais delicioso aroma. É tão requintadamente delicado que parece quase parte da nossa própria existência, é tão belo, tão delicado e tão real. E vemos acima de nós esta bela luz, e é o que chamaria no seu mundo de céus. Está acima de nós, muito acima de nós, e vemos por vezes, vemos — um rosto aparece. Torna-se mais claro por vezes, especialmente quando estamos num estado particularmente feliz. O rosto aparece sobre nós e sabemos que é o rosto de Cristo. Ouvimos o roçar da veste, por assim dizer, e depois isso passa e outra pessoa recebe a visão.

(Vê alguma vez outro rosto assim nos céus, além do de Cristo?)

Vemos o que você chamaria — há santos a administrar àqueles que precisam de ajuda, ou que talvez tenham acabado de passar, não tenham compreendido as condições, e esses santos aparecem para lhes dar coragem e para lhes dar fé e para lhes mostrar que isto é a vida eterna e perpétua. Não sou muito bom a pregar.

(Então não tem o nosso belo firmamento de estrelas durante a noite?)

Temos o que corresponde às suas estrelas. Há raios, por assim dizer, pequenos raios cintilantes por todo o firmamento, por todo o céu. Vemos estes pequenos raios à nossa volta, esta bela figura a passar, vemos outro rosto e depois outro a passar. Porque é que não nos aproximamos mais deles, como dizemos? Porque são superiores até a nós próprios, progrediram, avançaram para uma esfera ainda mais elevada do que a nossa. Isto é, são as forças que controlam, que governam, e regem a nossa própria vida e o nosso próprio mundo. Compreende?

(Sim.)

Uma palavra de comando, simplesmente uma mão erguida — nós sabemos o seu significado, compreendemo-lo, sentimo-lo como uma criancinha sentiria o perigo, ou um animal sensível sentiria o perigo.

Subliminar

[Não tenho notas exatas do que a Sra. Piper disse nesta ocasião ao sair do transe, mas tenho um memorando de que ela mencionou os nomes de quase todos os meus amigos especiais do Outro Lado, como se os estivesse a ver: Hiram Hart, o General, minha irmã Laura, meu pai, o bebé, minha avó, Pickett. Minha avó segura o bebé ao alto e o bebé envia amor à sua mãe, e nesse momento o General colheu uma rosa e entregou-a ao bebé, e o bebé estava a despedaçá-la. A médium, voltando gradualmente à consciência, chama a esta uma das mais belas visões que já viu.]

E o Fim Ainda Não Chegou. Setembro de 1909.

PARTE III

PENSAMENTOS SUGESTIVOS SOBRE

A CONQUISTA DA ESPIRITUALIDADE

Como já disse anteriormente, não tenho nenhum Sistema de Filosofia para apresentar, e possivelmente nada que mereça ser dignificado com o nome de Filosofia. No entanto, não fui capaz de separar a minha investigação psíquica do meu sentimento religioso, nem vejo como pode haver religião que mereça esse nome se não entrar como uma inspiração contínua na vida quotidiana. Entre as muitas definições de religião que vi, prefiro aquela que a faz significar a correta relação da mente e do coração para com os nossos semelhantes e o nosso ambiente, e a correta atitude da alma para com o Incompreensível e o Desconhecido. Não precisa de ter nenhum nome específico, nem é muito importante que alguém se identifique com alguma seita religiosa particular, mas incumbe a cada pessoa determinar, o melhor que puder, que atitudes e relações são corretas, e iluminar constantemente o seu entendimento sobre estas matérias à medida que avança pelo caminho entre o nascimento e o túmulo. Amamos o homem que caminha entre nós com a cabeça entre as estrelas, mas sorrimos um pouco da sua falta de equilíbrio mental se ele não se certificar de que os seus pés pisam terreno sólido. Creio que podemos pisar terreno

sólido e ao mesmo tempo elevar o olhar à estrela mais distante sempre que desejarmos.

Atrevi-me a oferecer algumas ideias sobre as variadas relações da vida. Se se revelarem antigas, isso terá pouca importância, pois todos têm o privilégio de se apropriar do tesouro do Passado, de refundir velhas ideias em novos moldes do seu próprio pensamento, e de se nutrirem com elas. Pode ser que muitos dos meus leitores prefiram passar ao largo destas páginas, mas no fundo do meu coração estou seguro de que, entre aqueles que as percorrerem, haverá pelo menos alguns outros corações nos quais elas despertarão um pensamento de resposta e um sentimento de eco.

DISCIPLINA PESSOAL

O melhor está perto, já é nosso,
Se usarmos sabiamente os poderes
Da mente e do coração
E cumprirmos a nossa parte.
Completa e bela será a terra
Para aquele cuja majestade interior
Coroa cada visão
Com a sua própria luz.
Em qualquer lugar encontramos a coisa
Que no nosso coração o poder trazemos
Para ver e usar,
Tudo o mais perdemos.

— Victor E. Southworth.

DISCIPLINA PESSOAL

IGNORAR facilmente a própria personalidade é uma conquista que deve ser almejada, um poder que deve ser ganho, mas é, afinal, uma mera preparação para o que se segue, uma mera abertura da porta para a Vastidão que está fora da personalidade.

A MORTE do inferior significa o nascimento do superior. A supressão de um vício significa o alimento de uma virtude. O morrer do egoísta significa o viver do caridoso. A extinção do ignóbil significa o florescimento da nobreza.

A CULTURA da alma certamente não vem da leitura de muitos livros nem da formação de um grande círculo de conhecidos, nem se mede por isso. No entanto, pode depender um pouco do alimento que se consegue extrair da leitura e da convivência com aqueles dos nossos conhecidos que são eles próprios cultos.

AQUELE que é extremamente sensível e ao mesmo tempo reprimido em si mesmo — sendo a primeira condição geralmente a causa da segunda — possui um temperamento suficientemente em guerra consigo mesmo para causar uma quantidade enorme de angústia mental até que o temperamento seja compreendido e a infelicidade que dele resulta seja superada. No entanto, essa mesma sensibilidade, quando uma vez compreendida, quando serve e não domina, traz ao seu possuidor a perceção e o gozo de inúmeras coisas que a pessoa que dela carece ou a possui em pequeno grau não consegue apreciar. Lentamente, no início da vida, começamos a apreender a grande verdade de que, assim como a causa da nossa infelicidade está dentro de nós, assim também possuímos dentro de nós o poder de remediar os males, de nos despojarmos da miséria e de tomarmos posse da bem-aventurança.

COMPREENDER a filosofia de Spinoza é fazer uma distinção entre necessidade e compulsão externa. Por necessidade, pela natureza das coisas, estamos obrigados a realizar certas ações, a seguir certas linhas de conduta. Isto é, não precisamos, a menos que escolhamos, mas devemos, para alcançar o nosso bem supremo. É tudo.

O ABANDONO da busca egoísta da felicidade dignifica e enobrece tanto a alma que a pessoa deixa de tatear com os olhos baixos; levanta a cabeça, toma a mão de Deus e caminha com Ele como companheiro, como amigo. Então há trabalho em abundância para fazer, porque se é cooperador com Deus. Tal como uma filha já crescida pega no braço do seu pai terreno e caminha alegremente, confiantemente, como companheira, partilhando os seus planos e a sua perspetiva, mas reconhecendo sempre a idade superior, o conhecimento superior, o poder superior.

A PESSOA que é delicadamente sensível às influências espirituais recebe impressões de muitas maneiras e é mais ou menos influenciada por elas, e é particularmente desejável, na verdade imperativo, que tal pessoa cultive a força e o domínio de si.

A MINHA própria natureza é a minha lei. Essa lei, no seu significado mais puro, deve ser obedecida.

NUNCA nos esqueçamos, na análise de nós mesmos, de que o grande desiderato é o poder de voltar o rosto imediata e totalmente na direção oposta à das nossas sensações, das nossas emoções, dos nossos desejos pessoais; de ser e de agir como se eles não existissem; de lançar para longe de nós o fardo da própria análise de nós mesmos, e de nos erguermos como espírito livre e puro.

QUANDO alguém aceita a teoria de que os acasos e os contratempos no seu ambiente particular ocorrem com o propósito de desenvolver o caráter nele, compreender o seu significado e a sua especial incidência sobre o fim em vista torna-se um fascinante jogo intelectual.

CONTROLAR os nervos ou ser dominado por eles — eis a questão. Uma coisa leva à vida, a outra à morte. " Firme em si mesmo, sereno e elevado ", diz o poeta. Parece uma inversão da ordem natural das coisas que meros nervos dominem o campo, assustando tudo o mais. No entanto, os nervos são como a mais fina agulha magnética, indicando a mais ligeira mudança na atmosfera, o menor desvio no nosso percurso. Devem ser de grande auxílio para o espírito, tal como os servidores delicados e requintados que são.

O EQUILÍBRIO interior é uma coisa maravilhosa. A sua influência ramifica-se por todas as partes da mente e do corpo, afetando cada pequena célula. Uma nova clivagem foi, por assim dizer, feita e todos os elementos primordiais da natureza assumem uma nova atitude em relação ao centro de controlo.

REPRIMIR as "vagarias do pensamento", relaxar as tensões do corpo, respirar profundamente o ar puro de Deus, ignorar a importância do Ego, impulsionar firmemente a atividade de todo o ser na direção em que se deseja que ele se mova, são regras que, quando seguidas rigorosamente e quando funcionam harmoniosamente, são suficientes para introduzir alguém num mundo novo; sim, um mundo tão vasto, comparado com a estreiteza de uma vida pequena e de um pensamento sem propósito, que bem pode ser chamado de universo. Este mundo glorificado aguarda aquele que o procura.

O DESÂNIMO é um insulto ao Criador. Aleija todas as faculdades que Ele concedeu. Deve ser arrancado da natureza de alguém como qualquer outro vício. Deve ser sublimado em alegria.

A ALMA avançará penosamente em certas direções cegamente, se for necessário, mas quando a lâmpada da inteligência se acende, ela caminha com ousadia, sem vacilar nem cair.

OUVIMOS falar da arte de esquecer. É mais do que uma arte. É um elemento positivo e essencial no equipamento mental de alguém, se quiser progredir na vida espiritual.

A ARTE de esquecer uma coisa é a arte de lembrar outra. A coisa que desejamos esquecer deve ser suplantada na nossa mente pela coisa definida em que desejamos concentrar a atenção. Assim acontece que o domínio das fraquezas físicas e dos defeitos temperamentais e o ganho em poder mental são, afinal, provocados pelo cultivo das qualidades espirituais. É apenas quando as qualidades espirituais, positivas e fortes, suplantam as coisas em nós próprios que desejamos esquecer que o desiderato é alcançado, nomeadamente, o controlo de todas as nossas forças e o gozo das nossas vidas.

O SEGREDO de trabalhar com facilidade, sem se cansar, é uma compreensão inteligente e um ajuste da relação mútua entre espírito, mente, nervo e músculo. Estes são todos separados e distintos e no entanto são um. O corpo deve estar numa posição tal que os fluidos vitais possam fluir através dele sem obstrução. Nenhum músculo deve estar tenso, exceto os necessários para o trabalho particular que está a ser realizado. Os nervos devem estar firmes, não a saltar erraticamente por causa da agitação na mente. As faculdades mentais devem estar concentradas no trabalho em mãos, e a alma deve estar sem rebelião.

ALGUÉM pode viajar pelo mundo inteiro à procura de paz e nunca a conhecer até a fazer. Que ele use o poderoso cetro que Deus lhe deu e comande os elementos em guerra dentro do seu próprio peito.

O DERRAME de água dos céus é essencial para a vida das árvores. A chuva de tristeza nas nossas vidas deve ser absorvida pelo nosso sangue vital, senão também nós murcharemos e pereceremos e falharemos o crescimento que nascemos para realizar. Vivendo de acordo com as leis da

natureza, expandimo-nos dia após dia tão inevitável e inconscientemente como as árvores.

AQUILO no seu temperamento que reconhece como a sua maior fraqueza pode tornar-se não apenas a sua maior força, mas a fonte do seu maior prazer, uma vez que, ao dominar uma fraqueza, aprende a lei que lhe traz o bem oposto.

A VERDADEIRA bondade não é uma coisa tão comum neste mundo. Pode até dizer-se que é rara. Não é um refúgio para onde alguém foge por lhe faltar capacidade ou vontade. Antes é a capacidade e a vontade que podem adquirir o bem real.

A LEI prevalece no chamado inferior tanto como no superior. Cabe-nos a nós escolher se viveremos sob a influência preponderante de leis que trazem um menor grau de felicidade, ou sob leis que nos moldam em criaturas de fibra mais fina, capazes de ver no nosso ambiente aquilo a que antes éramos cegos, capazes de gozar aquilo que antes não nos transmitia significado.

O ALÍVIO indescritível que chega a uma pessoa que luta com um temperamento infeliz quando, um dia, ela volta subitamente as costas a tudo isso, só pode ser compreendido por aqueles que sofrem as misérias de tal existência e em cujos corações, por fim, as torrentes da luz espiritual são derramadas. No instante em que o espírito é assim libertado, a leveza de espírito nasce de um salto, involuntariamente, necessariamente, pois é a própria luta que faz o coração pesaroso. A alegria que acompanha a ação vigorosa e enérgica suplanta então o peso da luta indolente e paralisante.

A VONTADE Divina revela aos seus devotos seguidores cada vez mais do seu significado e sabedoria. Não siga a Vontade e poderá tornar-se cego.

NINGUÉM deve sentir que, por estar fechado no seu próprio quarto durante uma hora, pode dar livre curso a pensamentos indignos e sentimentos ignóbeis, pode entregar-se impunemente à melancolia ou ao desespero. Isto não significa que não possa ocasionalmente estar "desprevenido", por assim dizer. Se significasse, a privacidade pouco contribuiria para a recuperação das nossas forças. Mas quando está sozinho, alguém pode entreter o anjo do seu melhor eu talvez ainda mais encantadoramente do que na presença de outros.

A VIDA pode ser gloriosa todos os dias. O espírito pode envolver-se numa leveza de nuvem, tão leve, tão bela, tão penetrante, que tudo o que é feio é suavizado por ela e desaparece da nossa vista.

A DISCIPLINA salutar que vem do trabalho diário, quando alguém sente prazer nele, é valiosa além de qualquer cálculo. O poder de dirigir as faculdades mentais sem ser perturbado pela agitação do ambiente é do maior bem imaginável, e este poder adquirido na disciplina diária será útil onde quer que se vá. O contacto com a nossa espécie em geral, altos e baixos, superiores e inferiores, refinados e grosseiros, traz à superfície a beleza brilhante do verdadeiro caráter, assim como pedras atritadas umas nas outras apenas polem e tornam mais brilhante a beleza da pedra preciosa. Porque haveria então o trabalhador de queixar-se da sua sorte? Antes, que se glorie nela. O trabalho diário é a salvação de muitas almas. O trabalho diário pode fazer crescer para nós asas em vez de forjar grilhões.

"ABATIMENTO do pensamento" exprime de forma concisa um processo mental que deveria estar ao alcance de todos. Antes, exprime uma ação do espírito sobre a mente, fazendo com que esta se abstenha de funcionar à vontade. Quem não adquiriu a capacidade de abater o pensamento em maior ou menor grau não conhece a mais elevada paz espiritual que é capaz de alcançar. Pode ser que o pensamento nunca cesse completamente enquanto a vida durar, assim como o corpo não pode parar de respirar. Mas certamente que, quando o pensamento tumultuoso se abate, a paz e a alegria rolam sobre o reino. Lembro-me das belas palavras de P. Ramanathan — não sei se ele próprio estava a citar — de que " Os pensamentos são a trama e o urdidura do véu que nos esconde o rosto de Deus. Levante o véu e Deus está lá ".

FELICIDADE

Se conhecesses a verdade, não rezarías:
Senhor, envia alegria ao teu filho neste dia.
Estás enganado: a alegria está dentro,
E nem a dor, nem a tristeza, nem o pecado
A podem tirar. Deus colocou-a lá.
Nem se aproxima mais de ti com a oração.
A alegria é parte do teu verdadeiro eu —
Porque haverias de pedir o que já és?

— Mary Putnam Gilmore.

A garganta cheia do mundo está carregada de canto,
O crepúsculo e a aurora derretem-se em êxtase
No alto calor do meio-dia. Simplesmente ser,
Palpitante onde as forças verdes da primavera se aglomeram,
Ávido de vida, vida sem vergonha e forte —
Isto é desejo realizado. Exaltado, livre,
O espírito alcança o seu éter, desdenhosamente
Nega a existência que é escura ou errada.
Isto basta, ver o canto começado
Que se completará nalgum campo distante.
Ri, para que a noite ainda contenha uma estrela,
Nem gemas ociosamente a tua impotência de graça.
A vida é um canto, levanta o rosto despreocupado
Alegre e agradecidamente para o sol.

— Helen Hay Whitney.

FELICIDADE

APRENDAMOS a habitar nos aposentos superiores do nosso ser. Lá, a atmosfera mental é sempre clara, o horizonte moral não está manchado por nuvens, apenas distâncias encantadoras e espaço misterioso encontram o olhar do Ego através das janelas da alma purificada.

SER intensamente sensível ao feio e ao mau é ser delicadamente sensível ao belo e ao bom. Ser dolorosamente sensível às desarmonias humanas é estar alegremente vivo à legalidade iluminada. Tão próximas são a alegria e a tristeza que, enquanto uma mão pode estar a pressionar um coração pesado, a outra pode estar a estender-se para cima, em direção às estrelas.

QUANDO alguém chega à posse virtual da riqueza do universo através de uma afinidade consciente com ele, a pobreza em coisas materiais já não é de temer. Quem nos pode roubar o solo que pisamos ligeiramente? Quem nos pode privar do ar que respiramos livre e profundamente? Quem pode vedar à nossa visão a beleza do céu e da estrela? Quem pode alterar, nem que seja pelo mais leve tom, a gloriosa coloração da paisagem ou a magnificência do pôr do sol?

DESEJAMOS a liberdade de viver, de agir, dentro das leis perfeitas de Deus, mas independentes das leis dos homens, que têm de estar sempre a mudar, nunca são perfeitas. Isto não significa ilegalidade, mas legalidade plena. As leis dos homens são apenas uma aproximação das da natureza, uma cópia imperfeita delas. Aquele que vê a lei da natureza por trás da lei feita pelo homem não desobedecerá a esta e ela não será uma escravidão para ele. A sua própria lei natural é a mais elevada.

UM toque de verdadeira tristeza vale mil dias daquilo que é habitualmente considerado felicidade sem mistura. E o que é a tristeza senão o contacto com as realidades da vida, com a seriedade da morte, com as maravilhas dos caminhos de Deus? Porque haveríamos então de desejar que a tristeza nunca entrasse no nosso caminho? Tristeza? Não é tristeza — esse é apenas o nosso nome para ela. É a abertura das nuvens diante de nós, dando-nos um vislumbre da vastidão do Céu. É a mão de Deus a surgir da bruma, apontando para uma glória nunca antes concebida nos nossos dias de felicidade simples e complacente.

COM o tempo, toda a Natureza assume para nós um caráter de inteligência, de vida, e as suas leis tornam-se criaturas amigas. Podemos conversar com elas, render-nos a elas, confiar nelas, sentir-nos protegidos e amparados por elas. Até a escuridão da noite é amiga. Acalma-nos para o repouso, suaviza-nos para o sono. Porque haveria alguém de ficar inquietamente acordado quando assim tão intimamente acompanhado? O espaço e o silêncio estão cheios de criaturas em movimento, os nossos muitos amigos.

A ILUMINAÇÃO interior transfigura tudo sobre o que incide. Assim, de novo, podemos criar um mundo novo à nossa volta. É da natureza da luz transfigurar, e o objeto visto assume uma tonalidade especial do caráter da luz que incide sobre ele.

O DESTINO é a minha missão, o meu trabalho amado, o trabalho particular que posso fazer melhor do que outras coisas, o trabalho que posso fazer melhor do que outra pessoa o faria. O destino é um poderoso amigo disfarçado.

QUE ninguém diga que não pode viver uma vida bem-sucedida e feliz no local onde o seu nascimento o coloca ou nos lugares para onde a corrente dos acontecimentos o leva. A vida interior, a vida de força,

nobreza, paciência, esforço, dignidade, beleza, não depende da sua localização no mundo material, não depende das circunstâncias exteriores, mas sim, pela sua própria força inerente, atrai para si, da terra e do céu, as fortes correntes vitais que, ao se misturarem, criam para essa vida uma nova atmosfera, criam para essa vida quase um novo ambiente.

Tão translúcida pode essa atmosfera tornar-se com o tempo que a alma, sem mover o corpo de um lugar, pode ter uma visão que excede em agudeza e alcance a visão do viajante insaciável, ainda que as suas viagens sejam mundiais.

O ORGULHO da conquista em coisas espirituais é inconsistente com essa conquista. Antes, devemos ser gratos por teremos sido colocados sob a lei.

PORQUE não repousar na bondade protetora dos Poderes que São? Certamente não pode ser que o Criador de majestosos orbes que viajam todas as noites o seu curso pelos céus, sugerindo-nos uma lei infalível e lançando sobre nós o seu brilho estelar, deixe os seus filhos humanos desamparados e à deriva.

UM GOLPE como a morte tira-nos de nós mesmos mesquinhos.

O TEMPERAMENTO mercurial sofre mais do que o fleumático. Deve-se lembrar, no entanto, que o temperamento mercurial sente vários graus de calor e frio no seu ambiente atmosférico, e quando Mercúrio cultiva o seu intelecto, é capaz de escolher o clima em que habitará diariamente.

É UMA coisa abençoada dar do nosso sustento e não sentir que isso nos falta, não porque tenhamos muito, mas porque desejamos dar o que temos.

A VIDA é séria, ou deveria ser. No entanto, é o homem aparentemente mais sério que mais facilmente irrompe no riso feliz do coração leve. O homem profundamente sério olha para os princípios do ser, para as leis da vida, compreende os segredos do Altíssimo. É ele, então, que pode, por vezes, ser elevado à leveza radiante das terras de fadas de Deus.

ENCONTRAMO-NOS, por vezes, em estados de espírito que parecem ser de transição. Não compreendemos bem o que se passa dentro

de nós. Coisas que antes nos teriam dado prazer perderam a sua atração. Ocorrências que antes nos teriam causado emoção excessiva já não têm esse poder. A própria afeição parece diminuir e a dependência dos nossos amigos é menos vinculativa.

Temos um pouco de receio de que, de algum modo para além da nossa compreensão e do nosso controlo, a nossa ligação à vida se esteja a enfraquecer e o nosso interesse a definhar. No entanto, não precisamos de nos inquietar. Estados de transição como estes são gloriosos arautos de coisas melhores que virão. A escravidão incómoda da carne está a cair e a liberdade está a ser adquirida. Recebamos sempre o avanço, estejamos vigilantes, confiantes e calmos. As leis irresistíveis da natureza estão a arrastar-nos.

A MORTE entristece? Deve ser doce depor os fardos da vida e adormecer nos braços de Deus, assim como depomos os fardos de um dia e adormecemos nos braços da noite. E assim como Deus nos fala na escuridão da noite, ordenando-nos que deponhamos os fardos do dia, assim Ele nos chama pela nebulosidade da morte para depormos os fardos da vida. Respeitemos e acolhamos tanto a escuridão da noite como a nebulosidade da morte, pois Deus está em ambas.

ALGUÉM está sempre feliz no poder consciente quando exercido para o bem. O espírito sem entraves é forte. Portanto, na medida em que libertamos o espírito, damos jogo e exercício aos seus atributos, nessa mesma medida nos tornamos conscientemente poderosos, nessa mesma medida nos tornamos semelhantes aos deuses.

APEGUEMO-NOS a uma amizade que se mostre persistente através de diferenças de opinião, divergência de interesses e separação de vidas. Tal amizade prova que o coração é mais forte do que a cabeça e que as necessidades do coração são de importância primordial.

SE alguém ouvir, ouvir com concentrada atenção do espírito, tal como ouviria com o ouvido físico se estivesse a tentar captar um som, ouvirá muitas coisas belas que passam despercebidas ao intrometido e ao indolente.

A RENOVAÇÃO da consagração à santidade de vida e à nobreza de conduta levantar-nos-á sempre e imediatamente do atoleiro do desespero.

EM QUE é que a profundidade difere da altura? Bem pode ser invejado pelo seu semelhante, e não desprezado por aquele que está no cume da montanha, aquele que consegue olhar para as profundezas do Comum e arrancar-lhe o seu significado. A delicada cortesia obriga-nos, e as mais comuns relações da vida nunca deixam de ser objetos de beleza quando as vemos como as maravilhas que são.

O TERMO que usamos com leviandade, "Rosto da Natureza", é ele próprio sugestivo de vida, pois num rosto humano há a expressão de todas as qualidades que compõem a alma. Chamemos-lhe, então, rosto da natureza, ou rosto de Deus. Se formos aparentados com ele, estará muito vivo. Então veremos nas nuvens mutáveis, nas árvores ondulantes, nas águas mais vastas, apenas a expressão da vida invisível por trás, respondendo a cada sentimento nosso, correspondendo a cada apelo.

Não precisamos da linguagem das palavras quando o amor brilha sobre nós de um semblante radiante. Então porque somos tão surdos a esta mensagem tão eloquente que nos vem do rosto da Natureza, revelando a Alma Todo-Poderosa por trás?

INEXPRIMÍVEL é a alegria de ter encontrado uma confiança que substitui o medo, uma fé que ocupa o lugar da dúvida, uma serenidade forjada a partir da agitação, luz que dissipa as trevas, e uma liberdade que derruba todos os muros da prisão.

VÁRIAS INTIMAÇÕES

É um mistério do desconhecido
Que nos fascina; somos ainda crianças,
Volúveis e ansiosas; com uma mão agarramo-nos
Às coisas familiares que chamamos nossas,
E com a outra, resolutas de vontade,
Tateamos no escuro pelo que o dia trará.

— Henry Wadsworth Longfellow.

Louvado seja o universo insondável,
Pela vida e pela alegria, e pelos objetos e conhecimento curiosos,
E pelo amor, doce amor — mas

QUANDO era criança, olhava para o verde pálido do céu ocidental, tingido aqui e ali de rosa, e algo dentro de mim respondia a esta beleza que

contemplava à distância. Despertava em mim um desejo inexprimível de poder expressar na minha própria natureza uma pureza como aquela que via ali emblematizada. Certamente a obra de Deus apela ao olho interior, ao órgão do eu mais profundo.

A MINHA vida real, aquela que sinto a agitar-se através do meu corpo, a brotar nas minhas emoções e a irromper do meu cérebro, é independente do tempo e do espaço todos os dias. A morte, portanto, marca apenas o fim de certas ações e de uma certa linha de conduta, assim como a hora do crepúsculo marca o fim das ações do dia.

A DIGNIDADE é mais adequada do que a timidez. A dignidade é a timidez tornada divina.

ESTA luta por argumentos para provar que o Ego sobrevive à morte do corpo parece desnecessária, parece por vezes loucura para a alma que tem consciência de que, onde quer que se mova, caminha entre coisas vivas, que em nenhum lugar há realmente morte, mas apenas transformação.

ANSEIO por aquilo que satisfaz o meu ideal de dignidade e beleza espirituais, assim como alguém procura constantemente no material a beleza da forma e da cor.

O BRILHO que se sente pela proximidade do Grande Impessoal pode ser tão vívido como aquele que flui do contacto corporal com um amigo humano — mais ainda. A alma humana pode tocar o Eterno, e a alma humana, quando ligada à Super-Alma, gera poderes novos e maravilhosos.

A SUAVIDADE no rosto humano é mais bela do que a afirmação. O olhar suave é mais agradável do que o penetrante, e pode cintilar com uma luz mais amável. O homem santo parece exalar suavidade de cada parte do seu corpo.

O EGO tem muitos parentes e afins no Universo com quem pode deleitar-se ao encontrar, quando a bainha da personalidade é posta de lado.

O AMOR e o desapego tornam a visão clara.

É VERDADE que há, aqui e ali no nosso próprio meio, indivíduos que afirmam ser depositários do que é conhecido como "Filosofia Hermética", cujo conhecimento não se encontra em livros impressos, mas foi transmitido por meios seguros a partir da sabedoria do passado. É bem

sabido que muitas verdades relativas ao universo material, apenas recentemente estabelecidas pela ciência, eram conhecidas por sábios orientais há muitos anos, segredos do Cosmos arrancados a ele por não sei que tipo de perspicácia espiritual.

Este saber oculto é tão vasto no seu alcance que compreende, como é natural, a vida em mais do que um plano, e, entre os seus iniciados privilegiados, falar da morte como se tudo terminasse parece um insulto à sua inteligência e também à sua fé. Não obstante, as massas, os milhões, enterram na terra negra os queridos corpos dos seus amigos e afastam-se com aquele terrível aperto no coração que significa que a alegria se foi das suas vidas.

Só têm consciência de que o monstro Destino, a que todos os homens devem curvar-se, os atingiu por fim. Em tais corações, aquele que vê a luz adiante deseja derramar um raio de esperança.

NEM a mente nem o corpo podem estar serenos se houver agitação no centro. E a calma não é abatimento, não é inatividade. É poder exercido, é controlo de forças, é intensa ação mental, é energia espiritual.

QUANDO a morte chega a um de dois que estiveram inseparáveis nos laços do amor, um nasce para uma nova vida do outro lado do Véu, um nasce para uma nova vida deste lado. Eles continuam juntos como antes, exceto que a ténue partição entre o Visível e o Invisível divide os seus corpos, mas não as suas almas. Mais ainda, o laço que os unia torna-se mais doce e mais forte. Com o grande acontecimento chamado morte entre eles, ambos abrem novos olhos para as maravilhas de Deus ao mesmo tempo. "A carne não une, mas separa; embora através da sua própria separação sugira uma sombra da união que não pode conceder." [1]

DAR-NOS-Á prazer confiar na bondade do Universo, sim, na sua amizade, como se fosse um ser pessoal. Estas qualidades impessoais podem tornar-se reais para nós, como se encarnadas em forma humana, e a nossa confiança nelas aumentar.

[1] F. W. H. Myers, Human Personality, Vol. I, p. 112.

NINGUÉM é grande se não puder sacrificar-se sempre e onde quer que seja realmente chamado a fazê-lo. O sacrifício desnecessário é uma degradação para a alma.

AMAMOS pessoas imperfeitas. Amamos pessoas menos perfeitas do que nós. Façamos o que pudermos, por palavra, por ato ou por força silenciosa, para elevar os nossos entes queridos, mas nunca desçamos ao nível deles se estiver abaixo do nosso, por mais que os amemos.

EM breves momentos de inconsciência ou em horas mais longas de absorção, o tempo para nós não existe. Parece, então, que não há tal coisa como o tempo, mas apenas ocorrências na consciência. No entanto, quando recordamos uma época definida da penumbra do passado, o tempo estende-se longamente. Porquê? Porque nós próprios avançámos, porque muito se passou dentro de nós.

PARA a mente finamente desenvolvida da pessoa naturalmente sensível, deve ser apenas o mais fino dos véus que a separa dos habitantes de outro mundo mais elevado, pois ela própria respira naqueles elementos que aparentemente são os sustentadores da vida nesse mundo superior.

QUANDO era criança, concebia a alma como uma massa de névoa branca ou perolada, de forma oval, localizada algures no tronco do corpo. Agora, por vezes, imagino o corpo espiritual como uma expansão de algo muito mais delicado do que a névoa; não confinado ao tronco do corpo, mas permeando-o e irradiando dele; não branco ou perolado, mas incandescente com cores delicadas e variadas, aproximando-se do branco na proporção em que o Ego é puro; com centros de pensamento ou luz dispersos através dele como núcleos; mantendo em geral a forma corporal, mas lançando a partir desses núcleos os seus raios de busca, que penetram mais profundamente no abismo do Desconhecido, conforme a alma é grande.

HÁ uma dignidade da consciência espiritual e uma maneira digna de viver que não é obrigada a estar constantemente a perguntar a si mesma como se vestirá, como agirá, como falará. Todas estas pequenas coisas entram em relação harmoniosa com a criatura superior interior que realizou este feito de viver com dignidade. A grande dignidade de caráter faz com que alguém se envergonhe de perguntar como o seu possuidor está vestido, na verdade quase o cega completamente para o facto de estar vestido. No entanto, se repararmos nos pormenores, será evidente que a veste é adequada e ajustada. Alguma essência subtil emana da alma culta, integrando a vestimenta exterior na harmonia do todo.

HÁ mais coisas nas possibilidades do buscador do que sonha a filosofia do dogmático.

PODE causar dano àqueles que já partiram desejar que eles mantenham contacto com as tristezas desta vida, mas não lhes pode causar dano manter contacto com os seus amores. A tristeza egoísta da nossa parte pode retê-los na sua carreira, mas o verdadeiro amor, neste mundo ou em qualquer outro, só pode abençoar.

O amor ama o que é amável, e o próprio amor, embora seja longânimo, pode por fim arrefecer se o objeto que outrora o atraiu estiver constantemente banhado em tristeza. Creio que podemos julgá-los como julgamos a nós próprios, quando fazemos a pergunta: é errado esperar que eles mantenham contacto com as nossas vidas?

AQUELE que aprende a arte de viver facilmente aqui está a tornar-se apto a entrar naturalmente na vida além. É apenas a vida espiritual que é fácil. Que conceção pode a toupeira ter da glória dos céus iluminados pelo sol? No entanto, o melro empoleira-se no ramo que oscila, a cotovia eleva-se em direção ao azul, e a águia percorre o cimo da montanha. Quando olhamos para a terra, a negrura barra a nossa visão. Quando olhamos para os céus, não há limite para a glória, a não ser a fraqueza do olho físico.

QUANTO mais devotadamente alguém ama uma única pessoa, mais o seu coração está aberto a graus menores de relação amigável.

PARECERIA que cada grau de matéria é permeável por um mais fino que é a sua vida, e que quando o mais fino é retirado do mais grosseiro, este morre. Em relação aos nossos corpos mais grosseiros, o ar é espírito, é o sopro da vida. Não é nada difícil conceber, analogamente, que aqueles a quem chamamos mortos habitam uma forma mais fina do que a carnal, que deve, pela natureza das coisas, ser invisível ao nosso sentido externo, tal como o ar puro.

A ALMA simples e devota tem fé; a alma inteligente e conhecedora tem uma fé maior. A confiança pode ser acompanhada pela ignorância; uma confiança maior é acompanhada pela sabedoria.

O RECÉM-ENLUTADO permanece de luto junto à sepultura aberta. A imobilidade mortal que prevalece simboliza fracamente a inação mortal do seu coração. O homem tenta de inúmeras maneiras manter diante dos

olhos, em bronze e mármore duradouros, uma lembrança da morte. No entanto, acima de todos estes silenciosos testemunhos, ondula o verde da folhagem e brilha o azul do éter, ambos palpitantes de vida. Que o enlutado apenas levante os olhos, e com o olhar firme o coração sucumbe gradualmente à persuasão da natureza, e o bronze e o mármore perdem o seu terror.

DEUS fala-nos na flor e na estrela e no céu, no amor e na ternura e no sofrimento. A palavra "linguagem" significa aquilo que pode ser proferido pela língua, mas muitas milhares de coisas nos são comunicadas por outros meios. Chamemos-lhe fala, por falta de um termo mais exato. Consegue ouvir a fala que Deus profere a cada hora em cada lugar? Uma fala mais eloquente do que a linguagem, assim como a fala do olho é mais eloquente do que a palavra proferida. Deus fala através da perfeição da beleza humana noutro, através da graça, através da serenidade da alma. Estas coisas estão à nossa volta todos os dias. Ouçamos a música da sua voz.

APÓS o desencanto, a vida torna-se cada vez mais maravilhosa, interessante e convidativa. Não o mundo exterior dos sentidos, mas os significados interiores das coisas; a tremenda significação de tudo e as suas profundezas insondáveis. Estas são as coisas que agora atraem.

SE um amor profundo por uma pessoa possui o nosso coração, deve, sem perder nada da sua força individual, ser gradualmente sublimado na qualidade impessoal, semelhante àquela que existe no seio do Infinito.

SEMPRE foi um dos mistérios da vida que devemos renunciar para possuir, que devemos sacrificar para ter, que devemos morrer diariamente para nós mesmos para realizar o eu maior. Uma boa ação à beira do caminho tem, portanto, um significado muito mais profundo do que o mero ganho de um pouco de felicidade ao passar. É parte da complicada rede de relações que liga todos os seres humanos e nos leva a todos em direção à posse de uma vida melhor. É, na linguagem de um Myers, "aquele esquema universal pelo qual o superior ajuda o inferior, e o mais forte o mais fraco, através de todas as relações ideais do mundo da vida."

DIZEMOS que o espírito é uma centelha de Deus, mas desde o nascimento deve ser constantemente avivado para um brilho maior até que a sua cintilação se torne uma luz divina.

COM uma pessoa que tem consciência da vida universal, para quem a estrela distante e toda a hoste estelar parecem amigas, é totalmente contrário ao que se tornou o seu pensamento normal relegar para a categoria dos mortos um ente querido inteligente ou um amante intenso. A harmonia do plano em que tal pessoa habita habitualmente seria destruída pela descrença.

O MÍSTICO busca Deus em todos os departamentos da vida. Ser místico não é necessariamente ser recluso.

LEMBRE-SE de que há pessoas que são mais finamente construídas, mais delicadamente sensíveis, mais espiritualmente sublimadas do que nós próprios. E convém-nos ouvir com respeito quando elas nos falam da existência em condições superiores e em planos de matéria mais fina do que aqueles que nós conhecemos.

A VIDA espiritual, o que é, seja aqui ou além? A pessoa que se esforça diariamente por viver o máximo dessa vida que lhe é possível, o melhor que se revela ao seu entendimento, acaba por realizar força, vitalidade, bondade, alegria, todas as coisas satisfatórias em si mesmas, em tal grau que as suas perguntas são todas respondidas dentro de si mesma. Este novo e forte desabrochar dentro de si, esta coisa que ela percebe a crescer diariamente, é a própria vida, e chamar à vida morte é um absurdo.

INVENTEMOS um novo termo para a despedida do corpo pelo espírito. Que seja um ao qual não se apega o mais leve toque de tristeza. O mistério e a beleza da morte ofuscam a sua tristeza.

ATÉ sabermos o que é a morte, não sabemos o que é a vida; até sabermos o que é a perda, não sabemos o que é o amor.

EXCERTOS DO

LIVRO PASSADO E PRESENTE COM A SRA. PIPER

Anne Manning Robbins

EXCERTOS DE RELATÓRIOS DE SESSÕES

SESSÃO DE 23 DE DEZEMBRO DE 1903

Rector a controlar

Estás aqui? Estás presente?

(Estou.)

Em santo nome de Deus saudamos-te neste dia e nesta hora. Enviámos por ti para que voltasses a nós, para que te pudéssemos tornar tudo claro, trazer mensagens daqueles que te procuram do nosso lado e ensinar-te a divina e santa vontade de Deus. Ouviste-me?

(Ouço. Alegra-me não ter sido afastado do rebanho.)

Afastado, amigo? Nenhum cordeiro que venha até nós, que nos procure no mais alto, que tenha fé em Deus, se afastará de nós, nem permitiremos que se desvie do rebanho sem proteção ou sem orientação. Os teus amigos deste lado têm-te procurado frequentemente.

(Amigos?)

Amigos. Têm-te procurado, chamaram-nos para te procurarmos, para te encontrarmos, para te trazermos a nós e a eles. Ouviste-me?

(Sim.)

Amigo, oh, aqueles de pouca fé não conhecem os mecanismos do Todo-Sábio... Sou Rector, servo de Deus. Trago-te primeiro o teu amigo conhecido por Hiram.

[Meu velho amigo das primeiras sessões, que faleceu em 1885, conhecido nos antigos relatórios como "H." Houve aqui uma conversa que entendi ser de Hiram Hart, mas, enquanto nos primeiros anos ele falava de forma muito natural, com um estilo muito diferente do de Rector, nesta altura as duas personalidades eram tão semelhantes que não conseguia distinguir claramente quando um deixava de falar e o outro começava. No entanto, mais tarde pareceu que Rector trouxera Hiram Hart, e este viera para apresentar o amigo que nunca antes aparecera. Pois ele disse:]

Estou a trazer outro amigo que te procura, que te conhece como és. Ele também gostaria de falar, mas o despertar da sua alma foi o mais notável que já conheci. Procurei-o e encontrei-o. Ele procurou-me.

Encontrámo-nos um ao outro. Estamos juntos. Apertamos as mãos, somos amigos.

(Sim.)

Chamam-lhe do nosso lado "General".

(Compreendo.)

Não conheço tão bem o seu outro nome, mas ele é conhecido por este e chamamo-lo assim, e está feliz, mas deseja encontrar-te. Ouviste?

(Sim.)

Agora aqui vem o General. Queres falar com ele?

(Oh, ficarei encantado.)

[O que se segue imediatamente entendi serem as primeiras palavras que vieram do conhecido mais recente, que partiu cerca de vinte e um meses antes da data desta sessão.]

O General

Quero ver-te. Quero que tudo seja compreendido entre nós, e até que o seja não fico satisfeito. Não podes ajudar-me? Não vês os obstáculos no meu caminho?

[Apenas algumas frases breves omitidas aqui.]

Não vês que a vontade de Deus era melhor? Oh, não és tão fraco como eu pensava na tua crença. Porque não soube melhor? Bem, porque estava a lutar com o mundo. É isso.

(É o Hiram que está a falar, ou está a falar pelo General?)

Não, ele está a falar pelo General. Está a citar as palavras do General. Lembras-te do pequeno poema,

Dizei-me, ventos alados
Que rodeais o meu caminho a rugir,
Não conheceis algum lugar—

[Palavras não totalmente captadas aqui, mas estes são os primeiros versos do poema que ele tentava citar.]

Lembras-te disso?

(Sim.)

Lembras-te,

Algum vale solitário e aprazível,
Algum vale no Oeste,
Onde, livre de trabalho e dor,
A alma cansada possa descansar?

(General, costumavas recitar muita poesia, não era?)

Oh, esqueci-me — sim, recitava. Encontrei essa paz, esse descanso, o belo despertar do espírito.

Desejei muito conversar contigo, mas não compreendia as condições.

(Sim, tenho esperado pacientemente que viesses.)

Chamaste por mim no teu espírito. Eu soube-o e senti-o, mas não conseguia alcançar-te até que as condições fossem preparadas para isso. Sabes o que tudo isto significa? Talvez saibas melhor do que eu. Mas estes bons sacerdotes [que] abriram o caminho, que me mostraram a Luz, abriram-me a porta e aqui estou. Quisera Deus que me pudesses ver como sou! Sou bastante o homem que era, apenas as minhas ideias estão todas mudadas. Estão agora, creio, mais em harmonia com as tuas... Oh, é belo, é ideal, mesmo do outro lado do rio, levanta o Véu e saberás tudo. Diz-me algo de ti.

Mas oh, porque era tão cego? Era por causa da espessura, da espessura da carne.

(General, sabes o que estou a fazer?)

Sim, sei bem. Referes-te à natureza do trabalho, ou ao trabalho privado?

(Refiro-me a este minuto.)

A este exato minuto?

(Sim.)

Ora, não estás a registar alguma coisa?

(Estou.)

Posso ver a tua mão a mover-se e posso ver também o teu espírito, tão claramente, e a mão espiritual guia a mão material, e parece que está a registar alguma coisa. É o que estou a dizer?

(Sim.)

Bem, isso é natural.

(Bem, suponho que sim.)

Isso é natural, e com que rapidez trabalhaste comigo nisso. Nunca esquecerei aqueles dias.

[Isto refere-se, claro, aos oito anos de associação num cargo público, e especialmente aos primeiros cinco, em que eu relatava audiências, conferências, etc., que ele presidia, e também escrevia muito ao seu ditado.]

E lembras-te da última vez que te vi no corpo?

(Sim.)

Lembras-te do que me disseste? Lembras-te de teres dito "Acho que estás a melhorar?"

(Creio que disse isso, nessa ocasião.)

[Eu dizia-lhe isto muitas vezes durante a sua doença, e provavelmente disse-o na última vez que o vi.]

Sim, disseste. Estavas tão esperançoso e ajudaste-me tanto, mas não pude dizer-te tudo o que sentia. Ouviste?

(Sim.)

[Era geralmente entendido entre aqueles que lhe estavam próximos que a minha esperança na sua recuperação era mais forte do que a de qualquer outra pessoa, embora ninguém soubesse a razão da minha esperança. Tinham-me sido feitas afirmações proféticas fortes, sobre trabalho futuro, etc., que envolviam a sua vida, e que, me parecia então, não poderiam de modo algum cumprir-se se ele morresse.]

Não podes falar-me e dizer-me algo de ti?

(Falarei devagar para poder registá-lo.)

["Registar" é um termo usado do Outro Lado, que adotei.]

Está bem. Lembras-te de vires ter comigo e me falares sobre a tua crença, e lembras-te de eu ter dito que gostaria de a aceitar, mas que não sabia, não compreendia?

(Eu sabia que era assim que te sentias.)

Mas senti isso durante todo o tempo. Não conseguia compreendê-lo. Agora compreendo. Que tolos somos! Mas aqueles poucos que procuram a luz, e a luz lhes é dada, são abençoados, não são?

(General, lembras-te das últimas palavras que me disseste?)

As últimas palavras que disse foram — penso que disse — não disse que te veria novamente e te pediria para vires?

["Vir" é exatamente a expressão correta. A sua casa ficava nos subúrbios de Boston, a cerca de dez quilómetros do centro.]

(Bem, esperavas que eu fosse no dia seguinte.)

Oh, despedi-me de ti. Disse "adeus, vem amanhã", "ver-te-ei amanhã", ou algo assim — não me lembro das palavras exatas, mas essa é a ideia. Quais foram?

(As últimas palavras que disseste foram "boa noite". Disseste isso tão naturalmente como se estivesses perfeitamente bem.)

Sim, lembro-me de me despedir de ti. Lembro-me de pensar, de esperar ver-te novamente. Então o que aconteceu a seguir? Depois passei para o outro lado—

(Sim.)

—entre esse momento e a altura em que tu — não voltaste a vir. Diz-me um pouco sobre isso. Isso pode ajudar-me a vir.

(Lembras-te de que costumavas sentar-te numa cadeira?)

Oh, sim. Lembro-me de uma coisa, lembro-me de estar sentado com uma manta sobre os joelhos, sobre o corpo.

[Ele esteve assim sentado quase todo o tempo, dia e noite, durante um ano, não conseguindo deitar-se durante a maior parte da sua doença, e raramente ficava sem uma manta sobre os joelhos, mesmo no tempo mais quente.]

[Há aqui mais uma breve conversa sobre as condições da sua doença.]

(General, lembras-te—)

Quão longe estás agora daqui? Pareces estar a uma certa distância.

[Eu não estivera muito perto da médium. Aproximei-me um pouco e coloquei a mão no ombro dela.]

(A minha mão está no ombro da médium.) Suponho que é porque a carne nos separa.

(Lembras-te de que eu costumava trazer mensagens através deste mesmo canal?)

Oh, lembro-me de que havia uma tua amiga, uma senhora no corpo — agora quem era ela? Não me lembro do nome dela, mas morava nalguma outra cidade, e tu costumavas ir vê-la e depois vinhas trazer-me mensagens dos padres que me estão a ajudar agora. Mas não me lembro de quem era, mas lembro-me perfeitamente das mensagens, da natureza das mensagens, e elas realmente ajudaram-me. Deram-me grande encorajamento, e tudo de que precisava era de encorajamento, até que o tempo me ajudasse a ultrapassar.

[Arlington Heights, onde a Sra. Piper vivia então, fica a cerca de treze quilómetros do centro de Boston, na direção oposta à da casa dele.]

O que ias dizer sobre as mensagens? Oh, quem me dera que soubesses como me sinto, como sou leve, como posso ver, como posso ler e como me posso mover, como estou livre de impedimentos, como a minha mente é clara, como sou realmente supremamente feliz. Ficarias contente por mim.

(Nunca quis chamar-te de volta.)

Bem! Sabias demasiado bem como eu sofria. Mas fala-me das crianças. Gostaria de saber um pouco sobre as crianças.

[Há aqui uma breve conversa sobre membros da sua própria família, sobre os quais ele parecia ansioso por ouvir, e perguntou se eu tinha ido à sua casa desde que ele partiu.]

[Cerca de seis meses depois da morte do General, um neto de cerca de dois anos, que tinha o seu nome, faleceu. Outro neto nasceu a 16 de dezembro de 1903, apenas uma semana antes da data da presente sessão. Eu só sabia do facto, não sabia como a criança se chamava, ou sequer se já tinha nome. Mas ao dar-lhe informações sobre a família em que esta criança nasceu, digo, referindo-me ao pai da criança:]

(E ele tem um novo bebé. Sabias disso?)

Sim, o pequenino de que eu sabia... São apenas os pequenos pormenores da vida material que não consigo apreender e nos quais desejo que me ajudes, mas a vida real, e a vida real das crianças, e tudo isso, é-me bem conhecido, mas os pormenores da vida material não os consigo ver.

(Lembras-te do pequeno Augustus?)

Oh, sim. Fala-me dele.

(Sabes onde ele está?)

Bem, sei sobre o pequenino que veio para cá. Conheço-o. Está comigo e somos muito felizes juntos. Mas ele não deu ao outro o nome—

(Não sei ainda que nome lhe deu.)

Não lhe chamou Augustus? De certeza que lhe chamou, um dos dois nomes. Mas o primeiro está comigo.

(Ora, não sei se lhe chamou Augustus ou não—)

Bem, chamou.

(—portanto, isso será um bom teste para mim.)

Esse é um dos seus nomes.

(Vou descobrir isso.)

E algum dia poderás falar comigo sobre isso, mas entretanto sei que é verdade. Mas o pequenino seguiu-me muito cedo, não foi?

(Sim.)

Eu sabia, e fiquei tão contente por ele ter vindo, e ele está melhor aqui, muito melhor. Na verdade, está tudo bem. Não tenho palavras de queixa para oferecer.

[Averiguei depois que o novo bebé se chamava William Everett, mas a mãe disse-me que lhe chamavam Augustus quase todo o tempo. Parecia ocupar o lugar do pequeno Augustus que perderam.]

Estás a dar-te bem no mundo?

[Não respondo imediatamente.]

(Sabes que quero registar tudo isto, e é por isso que estou um pouco lenta.)

Oh, já vejo. Bem, não te apresses. Não há pressa neste mundo. Vejo uma luz a arder, e no fim dessa luz estou a falar, e quando a luz começar a apagar-se, claro, tenho de ir. Isto é, não posso falar contigo, mas estarei contigo da mesma maneira e tu terás consciência disso. Estás a dar-te tão bem como quando eu estava contigo?

(Oh, mais ou menos.)

Tens de trabalhar muito?

(Bem, tenho de trabalhar todos os dias.)

Mas não mais dificilmente?

(Não.)

Alegra-me. Gostaria de te ver um pouco livre durante algumas horas daquilo a que costumávamos chamar dia, e ter um pouco de lazer para descansar e ler sobre assuntos relativos aos avanços de uma vida superior, e seria tão melhor se pudesses, tão mais útil. E no entanto o corpo tem de ser alimentado, sei disso. Tem de ser vestido. Sei isso e não esqueço essas coisas na minha experiência, mas ainda há muito mais além disso. Isso não é nada, é apenas o revestimento.

(Bem, disseram-me que deveria ficar livre algum dia, mas não vejo grande perspetiva disso agora.)

Sim, vejo. Vejo luz à tua volta, que indica mais descanso, menos trabalho duro, e foi por isso que te falei — se não estivesse muito perto de ti. Deve estar, pois vejo-o tão claramente.

Podes dizer-me agora se estás realmente a ter algum descanso?

(Um pouco ao fim da tarde, é só isso.)

Trabalhas todo o dia?

(Sim.)

Não é agora dia para ti?

(Consegui uma folga. Fui dispensado.)

Mas isso é novidade para ti.

(Bem, consegui.)

Quero dizer, não é uma coisa que tu — tu costumavas cumprir bem.

(Não me dispensaria por nada a não ser por ti, para vir ver-te. Eu daria tudo por isso.)

Oh, sim. Estás realmente bem de saúde?

(Estou bastante bem, e a tentar estar muito bem.)

[Menciono uma ligeira doença física.]

Bem, não sabes que deves estar muito ao ar livre? Deves fazer o que costumávamos chamar de caminhadas, e estar muito ao ar livre também. Podes sair. Não te confines às quatro paredes do teu quarto. Esse é o meu conselho. Não podes ir à biblioteca? Lembras-te da biblioteca. Vai lá buscar alguma leitura. Faz a caminhada de ida e volta. Volta e lê um pouco, estuda um pouco. Isso ajudar-nos-á no trabalho e é tudo o que precisas de fazer. Come devagar. Não te apresses tanto. Toma o teu tempo e tem

cuidado com o que comes. Esse é o meu conselho para ti. Estou um pouco fraco agora e os meus pensamentos começam a tremer.

(Estás a falar através da médium, ou é o Hiram que está a interpretar por ti agora?)

O Hiram está a fazê-lo por mim. Eu ainda não consegui tomar posse da médium.

(Podes fazê-lo algum dia?)

Sim, mas não agora. Estou a tentar compreender as leis e o funcionamento da máquina, e eles colocaram-me aqui para que eu pudesse ver. Tal como um rapazinho enviado ao quadro para calcular a tabuada. Estou colocado aqui, sou mantido aqui, e há três clérigos, um atrás de mim e um de cada lado, a segurar-me aqui e a dizer-me para falar, e estou a falar com o Hiram, e o Hiram está a repetir depois de mim, e estou a tentar fazer um problema de geometria. É exatamente o que estou a tentar fazer. E uma vez que não estou totalmente equipado para esse problema, talvez possas compreender algo da dificuldade.

(Creio que estás a fazer maravilhosamente bem.)

Mas posso ouvir-te, e enquanto puder ouvir-te e passar os meus pensamentos pela linha claramente, é tudo o que quero.

(General, pelo que ouvi, fizeste maravilhosamente bem para a primeira vez.)

Têm-me preparado durante meses e meses para me fazer compreender isto. Colocaram-me aqui e tiraram-me de novo. Seguraram-me e mostraram-me a Luz, e disseram "faz isto e faz aquilo, e vê isto e vê aquilo", e mostraram-me os pormenores, e os prós e contras e os porquês e os comos, e porque não havia eu de aprender alguma coisa depois de mo terem martelado todo esse tempo. Então disse, bem, tenho de a alcançar. É uma impossibilidade total para mim [desistir?] até o fazer. [Vou] mover céus e terra, mas tenho de a alcançar. E eles disseram: "Espera, tens de aprender.

Tens de vir connosco aqui, deves ficar deste lado, levantar as mãos, inclinar a cabeça, falar desta maneira, falar devagar, articular distintamente" — mas sem a preparação há muita confusão. Mas eles são muito, muito bons para mim, e sabem — o que eles não sabem sobre os pormenores desta Luz não vale a pena saber, garanto-te, se me conseguires compreender. Com a tua mente clara, podes compreender bastante bem, creio.

[Há uma conversa sobre o trabalho privado e ele expressa-se de forma muito enfática.]

(General, és tão positivo como costumavas ser, não és?)

[A médium pareceu sorrir.]

Talvez não me reconhecesses se não o fosse. Bem, mantive a minha individualidade, graças a Deus. Sabes onde fica a Polónia, Polónia [hesitando apenas um momento] Springs?

(Oh, creio que sei.)

Lembras-te disso?

(Sim, claro.)

Bem, creio que ninguém além de nós—

(Ora, eles sabem onde fica, claro.)

Mas quero dizer que eu tinha um interesse nisso. Quero dizer que amava aquele lugar.

(Sei que o amavas muito.)

Poderias ir lá um dia. Sabes, veio-me à mente assim que pude.

[O local onde se situa a famosa Poland Spring é o único lugar na terra que ele amava. Nasceu a cerca de cinco quilómetros da colina onde agora se ergue o grande hotel. Tinha sempre água de lá e achava que era a melhor água do mundo. Não havia nenhum pensamento do lugar na minha mente quando ele o referiu.]

Aqui está o pequeno Augustus. Não o vês?

(Está aqui?)

Sim, tão feliz como uma abelha, tão ativo. É um querido pequenino.

(Dá-lhe o meu amor, se ele o compreender.)

Bem, darei. Ele ficará contente por isso. Lembras-te de massajar os meus braços?

(Sim.)

Bem, já não precisam de massagens, graças a Deus.

Agora, antes de ficar demasiado fraco — sabes, isto é um grande esforço para mim pela primeira vez — antes de os meus pensamentos começarem a divagar, tens alguma pergunta especial que queiras fazer-me sobre a minha vida, sobre alguma coisa—

(Bem, General, quero que tentes lembrar-te de alguns pormenores dos últimos momentos, ou melhor, depois de teres partido, dos primeiros dias.)

[Referi-me a pormenores do que aconteceu comigo, ou na casa dele, mas a minha pergunta não está clara.]

Sei o que foi. Quando parti, a minha mente estava nublada, bastante confusa. Senti como se estivesse a ir para o espaço, sem saber para onde, a flutuar, por assim dizer, durante algumas horas — foi tudo — e depois senti como se uma mão forte me agarrasse e me dissesse: "Está tudo bem, já passou." E eu disse: "O que é que passou?" Não conseguia perceber o que tudo aquilo significava, e depois de algum tempo, talvez uma hora, possivelmente uma ou duas horas, vi uma luz tão... Não podes imaginar, não podes conceber como é. É a mais brilhante e ao mesmo tempo a mais suave luz de lua que alguma vez viste, e pensei, que bela luz era! E de repente vi pessoas a moverem-se. Vi as suas cabeças, as suas figuras. Depois pareciam todas vestidas de branco, e não conseguia distingui-las bem. Moviam-se no ar.

E eu disse: "Que lugar é este? Onde estou? O que sou? O que aconteceu?" Tudo era um enigma para mim. Quando estiver mais forte, contar-te-ei isso. Não posso dizer mais nada. Agora, o que queres que eu faça, pensar nos primeiros dias—

(Antes de eu voltar, quero dizer.)

— e quando voltar, contar-te qual foi a minha experiência. Digo-te uma coisa, o clérigo que está a falar por mim agora foi o melhor amigo que alguma vez tive, e disse: "Vem, está tudo bem, eu mostrarei o caminho; está tudo bem, vais ultrapassar esta confusão num instante, e eu ajudar-te-ei." E eu disse: "Quem és tu? O que és? O que fazes aqui? Onde estou? Para onde vou? O que estou a fazer? O que significa tudo isto?" Ele disse: "Não te preocupes, tudo te será claro em poucos minutos. Espera pacientemente e vem comigo." E ele estava pronto a acolher-me.

(Bem, quem era ele?)

Bem, o nome dele é Hart.

(Oh!)

Ele diz: "Eu sei quem tu conheces, tu sabes quem eu conheço, agora seremos amigos juntos, e isto está certo; eu tenho experiência e sei, e explicar-te-ei isso em poucos minutos." Pensei que via o médico debruçado sobre mim e queria que ele se afastasse. Parecia estar no meu caminho enquanto eu saía. Queria afastar-me dele, e de repente estava a atravessar este caminho enevoado e nublado, e depois passei [possivelmente "rápido", palavra não captada] até chegar a esta luz, e foi como subir, subir, subir no ar, num balão, por assim dizer.

Não poderias conceber nada mais estranho e belo, num certo sentido — a confusão não era tão bela, mas por ser assim não conseguia manter a minha consciência e não conseguia libertar-me do fardo que pairava sobre mim, e de repente, no momento em que percebi que esta mão estava no meu braço, comecei a ver claramente; e a partir desse momento tenho avançado e prosseguido, e vi todas as pessoas que alguma vez conheci, e tenho tido o tempo mais feliz que possas imaginar. Tenho uma mansão só minha e vivo nela tal como vives no teu lugar aí, exatamente igual. Tenho paredes, tenho quadros, tenho música, tenho livros, tenho poesia, tenho tudo.

(Compreendo.)

Não é uma cópia exata dessa vida, mas essa vida é uma sombra miserável do que esta realmente é, e quando estiver mais forte, à medida que me for tornando mais forte, e— isto é, mais habituado a usar esta linha, poderei contar-te mais claramente sobre isso.

Bem, tem sido, oh, não posso dizer-te o que significa para mim ver-te. Não posso dizer-te como me esclareceste a mente. Não posso dizer-te o que fizeste por mim. Agora vou pagar-te tudo isso, voltando-me e trabalhando para ti.

[Era de manhã cedo quando o General morreu. O seu médico não estava presente. Dois dos seus filhos estavam presentes e devem ter-se debruçado sobre ele, pois quando o ajudavam a voltar para a cadeira que ele deixara por alguns momentos, as suas forças falharam completamente e ele partiu pouco depois.

Hiram Hart não era clérigo nesta vida, mas acabou por ser referido como tal nas sessões e disseram-me que se tinha tornado um. Embora tenha partido nove anos antes de eu conhecer o General, parece ter sido o guia deste último através da passagem enevoada que separa os dois mundos.]

Creio que terei de ir. Há quanto tempo estou aqui?

(Quase uma hora.)

Uma hora no mundo terreno? Bem, não sei quanto tempo é isso, mas estou demasiado fraco para ficar; isto é, receio não poder usar mais esta Luz.

[Algumas palavras de despedida. Depois, num tom muito natural e persuasivo, como se se dirigisse a uma criança:]

Vem, Augustus, vem comigo, querido, e iremos procurar alguns brinquedos. Vamos divertir-nos juntos. Vem com o avô, vem.

[Depois, como se se dirigisse a mim:]

Ele vai-se embora.

Rector regressa

Sou eu, Rector.

(Alegra-me ver-te, Rector.)

Regressei, amigo, porque o nosso Líder me disse para manter a passagem livre e para manter tudo em ordem. Amigo, está tudo bem no teu mundo connosco neste dia. Tens boas condições para nós. Tens consciência disso?

(Alegra-me saber isso.)

[Tive uma longa conversa com Rector, durante a qual perguntei:]

(O General vem muito aqui através desta médium?)

Por vezes vem. É uma personalidade maravilhosa e tem uma mente muito clara, e tem um desejo muito sincero de trabalhar para Deus e para a humanidade.

[Deve recordar-se que o espírito conhecido como "Rector", o chamado "controlo", aparece sempre no início de uma sessão e novamente no seu fim. Por vezes há longas conversas com ele, muito conselho espiritual é dado, e com frequência são recebidas mensagens para outras pessoas pelo participante, ou mensagens de outras pessoas são transmitidas pelo participante às personalidade em transe.]

SESSÃO DE 24 DE MAIO DE 1904

[Pouco depois do início desta sessão, Rector apresentou-me uma personalidade que se dizia ser um médico, que manteve uma longa conversa comigo sobre a minha saúde. Disse-me que viveu em Boston, que estava em Paris quando partiu, e que já tinha partido possivelmente há um ou dois anos. Averiguei depois que um médico com o nome dado, que me era desconhecido, tinha vivido na Beacon St., em Boston, e morrera em Paris no início do setembro anterior. Isto explica a referência ao "médico" nas observações iniciais abaixo.]

O General

[A médica a tossir.]

Bem, pergunto se há alguém que queira ver-me—

(Hiram?)

Não, o meu nome é Martin. Quero ver a Srta. Robbins. Está presente?

(És tu, General?)

Sou... Estou encantado por te ver, isso é óbvio. Bem, como estás?

(Oh, estou bastante bem.)

Pareces esplêndida. Vi o médico, encontrei-me com ele. Quando entrei, ele estava a sair. Já agora, quero dar-te um conselho. Faças o que fizeres nesse mundo, não exageres. Sabes que eu era um grande pregador.

(Bem, não, não creio que fosses.)

Bem, isso faz-me rir. Sabes, não creio que tenha pregado muito, mas vou pregar agora. Vou dizer-te para cuidares de ti e o Senhor cuidará de ti. O que estás a fazer?

(Agora quero registar cada palavra que dizes e o que eu digo.)

Bem, podes fazê-lo, és capaz disso. Tentarei ser o mais lento que puder. Bem, estás razoavelmente bem?

(Sim, bastante bem, vou melhorar.)

Queres que alguns destes amigos venham ter contigo depois de ti. Tenho estudado esta questão, estudado as leis da nossa natureza — isto é, os seus problemas do nosso lado — e estou perfeitamente encantado com as condições. Estou perfeitamente encantado com a ideia de regressar. Procuro-te e sigo-te noite e dia. Estou muitas vezes ao teu lado quando não te apercebes, e fico ali a rir-me de mim mesmo ao ver como estás completamente alheia à minha presença, mas digo para comigo: se os seus

olhos espirituais se abrissem e ela me pudesse ver como sou, sei que ficaria encantada. Já agora, não tens uma irmã?

(Sim.)

Ela acabou de passar por alguma tristeza no mundo terreno?

(Sim.)

Qual foi a sua tristeza, a sua perda, foi o ganho de outra pessoa. Porque ela teve, bem, creio que é um marido—...

[Tenho uma irmã cujo marido partiu no início deste ano, apenas alguns meses antes. Tenho outras irmãs, mas não vivo com nenhuma delas. Esta irmã em particular tinha acabado de passar alguns meses comigo. O meu comunicador tinha-a encontrado apenas uma ou duas vezes em vida, e não era nada familiarizado com ela.]

[Creio que perguntei neste ponto se ele estava a falar através de Rector, mas a minha pergunta não foi registada.]

Oh, Rector está a segurar a Luz. Eu não podia, eles não me permitiriam fazer isso. Não por agora, mas talvez possa mais tarde. Mas eles têm de sustentar a Luz, algum amigo tem de cuidar dela.

(Queres que te conte algumas coisas, como se estivesses aqui?)

Exatamente. Como está o Everett, já agora?

[Everett é um dos seus filhos, que vive atualmente.]

(O Everett está bem. Vi-o há alguns dias e jantei com ele e a sua família.)

[Interrompendo]

Eu sei disso. Sei das crianças. Sabes que há um pequenino aqui. Somos muito amigos um do outro, e tão próximos um do outro como sempre pudemos ser.

[Há mais conversa sobre o seu filho, e pergunto:]

(Quando achas que seria bom enviar-lhe uma mensagem?)

Creio que seria perfeitamente seguro fazê-lo — bem, digamos daqui a alguns meses.

[Mais conversa sobre o mesmo assunto]

Não te lembras das conversas que costumávamos ter sobre esta coisa? E então eu era um pouco cético, não conseguia aceitar. Mas agora aceitei a meu contento.

[Conto-lhe uma história de algo que aconteceu durante a sua última doença, da qual ele estava totalmente ignorante, algo que envolvia uma referência a vários dos seus velhos amigos, na sua maioria homens públicos bem conhecidos.]

(Creias que te lembrarias de algum dos nomes se eu os mencionasse?)

Creio que sim. Muitos nomes se foram de mim, naturalmente, e novos vieram a mim. Nomes de lugares, nomes de pessoas que conheci no mundo mortal, afastaram-se de mim até certo ponto, e à medida que avanço afastam-se ainda mais de mim, mas nunca me esquecerei de ti. Lembro-me de quando sofria tanto, lembro-me dos pequenos conselhos que tivemos juntos, e eles permaneceram na minha memória e permanecerão até ao fim de toda a vida.

(General, parece que são apenas as verdadeiras simpatias espirituais que tu recordas—)

Sim, bem, essas são as vitais, essas são as reais. E quando compreenderes melhor as condições da vida e as condições da passagem dessa vida para esta, as mudanças na vida, por assim dizer, compreenderás

mais claramente o que isso significa. Mas até lá, será difícil para ti compreendê-lo plenamente. Tenho de sair um momento — desculpa-me — tenho de ir fazer uma pequena mudança. Os meus pensamentos começam a divagar, e se ficasse ficarias descontente com os meus pensamentos errantes, por isso vou sair, refrescar-me e voltar imediatamente.

[Silêncio durante talvez um minuto, possivelmente menos.]

Ainda estás aqui?

(Estou.)

Sinto-me melhor agora. Quero saber sobre a ajuda à minha família. Que ajuda têm eles agora?

[Alguma conversa sobre a família omitida.]

(Lembras-te de que pensavas saber o nome do novo bebé, e disseste que era Augustus; bem, não era Augustus, mas a mãe disse-me que lhe chamavam Augustus quase todo o tempo—)

Sim, foi isso que me levou — qual é o nome dele?

(É William Everett. Chamam-lhe Augustus quando falam dele.)

Ouvi-o tanto que tive a certeza de que era o nome dele. Agora quero saber como te estás a sair e o que pensas sobre escrevermos aquele livro.

[Regressa imediatamente ao assunto da família.]

(General, devo contar-te mais uma ou duas coisas antes de falares do livro?)

Sim, podes.

(Havia um homem na prisão do Estado — sabes — costumavas vê-lo às vezes com o teu velho amigo Chase—)

Oh, sim.

(— e quando tu partiste, ele soube disso, juntou um dólar ou dois e deu-os a alguém e pediu-lhe que comprasse uma roseira e a colocasse na tua campa. Escrevi-lhe uma carta depois disso sobre o assunto, e agora ele saiu da prisão, e veio ver-me para me agradecer a carta e expressar a sua admiração e amor por ti.)

Isso é muito bonito, muito bonito. Alegra-me muito ouvir isso. Quem era ele?

(Oh, era algum velho ladrão ou coisa assim, ninguém de quem te importasses—)

[Peço desculpa hoje, 1909, a quem possa interessar, por esta resposta impensada.]

Mas tinha coração?

(Sim, tinha coração. Agora lembras-te de como costumavas dar palestras sobre Gettysburg?)

Oh, sim, lembro-me; sim, lembro-me muito bem.

(Bem, depois de partires, juntei os teus discursos e organizei-os, e fiz uma cópia completa e bem feita, o melhor que pude, e a tua esposa tem uma delas e eu tenho uma. Sabias alguma coisa disso quando o estava a fazer?)

Bem, sim, sabia o esboço, mas o trabalho em si, o trabalho propriamente dito enquanto decorria, não conseguia perceber. Mas sabia que o trabalho dizia respeito à minha vida mortal e às coisas que nela aconteceram. Mas a sua natureza não conseguia definir. Sabemos geralmente o que acontece de modo geral, mas se tivéssemos de o definir, condensá-lo e expressá-lo, seria difícil. Mas tal é a lei desta vida.

Lembra-te, agora, se me pudesses ver, dirias que sou uma mera película, e dirias: "como és transparente e peculiar, e como és leve e estranho aos meus olhos;" e dirias: "onde está o teu corpo? pareces uma sombra, por assim dizer," mas mesmo assim poderia falar contigo, poderíamos conversar um com o outro, e ficarias surpreendida ao ver como sou real.

A passagem para o outro lado é realmente bela, logo depois de se ultrapassar a fronteira, é perfeitamente bela. Sabes o significado da palavra céu? Bem, é o céu de facto. Mas o regresso é um pouco confuso no início e temos de aprender.

(Creio que és bom por voltares de tal lugar.)

Bem, tenho atrativos e tu procuras-me e eu encontro-te. Não fiques nervosa, mantém a calma, teremos tempo para dizer tudo o que há a dizer.

(Soubeste alguma coisa do teu funeral na altura?)

Sim, soube-o e vi o corpo e vi as flores. Vi a maneira como foi preparado. Vi — não achas que tinha bom aspeto? Parecia que estava a dormir, não achas? E não creio que o rosto mostrasse sofrimento — isto é, a matéria não mostrava o sofrimento, o corpo em si — mas senti, oh, fiquei tão contente por estar fora e longe daquela atmosfera, sentia-me tão sufocado e tão angustiado por respirar, e no momento em que fui libertado do corpo aprisionador, pude respirar perfeitamente. Senti — não poderia descrevê-lo.

(Bem, tiveste um funeral bonito e concorrido, e lembras-te do teu velho amigo Horton, o ministro?)

[Rev. Edward A. Horton, que dirigiu o serviço fúnebre. Eram amigos próximos.]

Sim, sim, muito bem.

(Escrevi-lhe e agradeci-lhe tudo o que disse, e agradeci-lhe também por ti. Fiz bem?)

Bonito, isso é bonito! O que ele disse?

(Oh, escreveu-me uma carta muito amável, e disse que se eu estava satisfeita, pensava que devia ter sido satisfatório para os outros, porque eu era tão próxima de ti e te conhecia tão bem.)

Isso é bonito. Só posso dizer a isso: Amém.

[Apenas uma ou duas observações de natureza pessoal omitidas aqui.]

(Agora deixo-te dizer o que quiseres.)

Quero dizer isto, que quando estás a trabalhar, por vezes dito pensamentos para ti, e é surpreendente para mim ver com que clareza os registas, e penso que por vezes ficas surpreendida por teres feito o que fizeste, e se parares e me deres um pensamento, saberias porque foi que fizeste aquelas coisas, registaste aqueles pensamentos. Por vezes parece haver uma barreira entre ti e os teus pensamentos, não estão claros, parecem um pouco obscuros, e depois esclarecem-se [maravilhosamente], e sempre atribuíste isso à condição do teu próprio cérebro, e agora se me deres crédito por um pouco de ajuda, farás a coisa certa. Não que seja egoísta, mas a questão é que estou realmente contigo. E quero dizer uma

coisa: não envelheceste no espírito e nem na carne. Parece-me tão claro, tão livre, tão brilhante e tão jovem, e creio que o teu corpo parece o mesmo. Não vejo muita mudança. Sim, creio que pareces aproximadamente a mesma. Não consigo ver o corpo tão claramente como vejo o espírito.

(Sabes quantos anos tenho?)

[Uma breve conversa sobre a idade omitida. Ele pensava que eu era mais velha do que era. Foi evidentemente a comparação de idades que o levou de volta a velhas associações, pois imediatamente a seguir disse:]

Lembras-te de como costumávamos conversar no escritório? Onde está esse escritório agora? Ainda lá está? O edifício desapareceu?

[Referindo-me, suponho, ao escritório da Comissão de Polícia na Pemberton Square.]

(Não que eu saiba. Queres dizer onde estivemos tanto tempo juntos?)

Vão removê-lo e colocar outro no seu lugar.

[Este assunto foi discutido já quando ele lá estava, e creio que ele tinha planos na sua mente para um novo edifício. O edifício específico onde ficava o antigo escritório ainda não foi (1909) substituído por um novo, embora novos e grandes edifícios tenham sido recentemente construídos ao lado.]

(Teve de arranjar outra senhora lá, não conseguiam passar sem as senhoras.)

Sei que sim. Isso é muito engraçado. Vês alguma coisa do Hanscom?

(Oh, sim — não o vejo frequentemente, mas ele tem um bom lugar lá e está bem e confortável. Estou tão contente que te tenhas lembrado do nome dele.)

Não pude deixar de pensar nele. De repente lembrei-me dele, e vi-o várias vezes desde que parti. Vi-o a discutir algo com outro homem no escritório, e a minha mente voltou ao escritório e às condições até que me lembrei dele. Ele não estava bem numa altura, mas está melhor agora — isto é, desde que parti.

(Talvez gostes mais dele do que costumavas?)

Porque vejo os seus princípios.

(Não creio que o tenhas compreendido bem.)

Não compreendi.

(Mas eu compreendi melhor do que tu.)

Sim,... mas não compreendia quais eram os seus princípios ativos. Se tiveres oportunidade, desejo que, de modo indireto, se não direto, lhe possas falar de mim, podes? Diz-lhe que me encontraste.

(Talvez pudesse pedir-lhe que viesse falar comigo, mas não quero revelar demasiado de ti, és demasiado preciosa, mas creio que ele ficaria contente por ouvir o que disseste sobre ele.)

Bem, diz-lhe que aprecio todos os seus esforços e tudo o que ele fez, talvez muito mais agora do que nunca. E gostaria que lho dissesses por mim. Não quero que as pessoas pensem que estás a perder a cabeça, mas creio que és muito mais capaz de manter a tua mente ao encontrar-me talvez do que outras, do que alguns que talvez não quisessem ouvir. Portanto, guardaremos isso como segredo entre nós.

(É melhor deixares isso ao meu critério, quanto a vê-lo.)

Deixarei.

[Orinton M. Hanscom foi antigamente um dos altos funcionários do departamento de polícia. Em 1888, após uma longa audiência sobre acusações contra ele, e um desacordo decidido entre os membros da comissão em relação ao caso, foi demitido da força. Tenho memorandos em taquigrafia com data de dezembro de 1888, segundo os quais o Dr. Phinuit, o primeiro controlo de Mrs. Piper, me previu que o Sr. Hanscom regressaria algum dia ao seu antigo cargo. Em março de 1889, a previsão foi repetida, de que regressaria ao seu antigo cargo ou ao seu antigo ambiente.

Esteve fora do departamento seis anos. Em 1894, depois de o General Martin se tornar presidente da comissão, o seu caso foi reaberto e ele foi reintegrado no departamento, sendo nomeado para um cargo superior ao que ocupava anteriormente, nomeadamente o de subintendente. Anteriormente nunca houve mais do que um subintendente, mas agora mais dois homens receberam esse posto, sendo o Sr. Hanscom um deles. O General, portanto, mostrara-se muito amigável para com o Sr. Hanscom, mas quando, após a reintegração, passaram a trabalhar em estreita

associação, creio que houve um sentimento de desilusão por parte do General em relação ao Sr. Hanscom.

Este último era um homem de perspetiva bastante ampla, com ideias de reforma, que gostava de discutir, mas as suas ideias nem sempre pareciam ser apreciadas pelos seus colegas ou superiores. O General queria que as suas ordens fossem executadas rapidamente, mesmo que fossem difíceis de cumprir. Havia, portanto, esta falta de harmonia entre os dois homens, que me era perfeitamente evidente na altura.

Portanto, as observações do meu comunicador acima, no sentido de que não compreendia os seus princípios ativos, mas que agora aprecia todos os seus esforços melhor do que nunca, desejando ser lembrado ao Sr. Hanscom, são extremamente pertinentes. Algum tempo depois da data desta sessão, encontrei o Sr. Hanscom acidentalmente e dei-lhe o conteúdo da mensagem, que ele recebeu com a cortesia que lhe era habitual, abstendo-se de criticar. Desde então, ele próprio partiu.]

[Em conversa sobre o meu trabalho privado, onde seria melhor passar as férias, etc., digo:]

(Greenacre — não te lembras de que eu costumava ir lá?)

Eu aprovaria isso imediatamente, e sancioná-lo-ia.

[A referência a Greenacre aparecerá numa sessão posterior.]

Lembras-te de uma mulher de quem costumavas falar comigo no corpo, que costumava ter — os espíritos falavam através dela?

(Sim.)

[Isto refere-se, claro, a Mrs. Piper.]

Bem, quero que algum dia estejas na sua presença quando eu não estiver a falar e vejas se consigo alcançar-te, vê se os pensamentos te serão mais claros. Creio que valeria a pena tentar, porque muitas vezes alcanço através da linha quando não falo.

(Queres dizer quando a Luz não está a funcionar?)

Quando a Luz não está a funcionar, quando está fechada.

(Estivemos juntos há pouco tempo numa noite, mas então havia muitas pessoas por perto.)

Quero dizer em silêncio, quando não há ninguém por perto, exceto as inteligências espirituais, e quando não estamos a agir realmente sobre ela, e creio que as ideias te chegariam muito claramente.

[Não posso dizer que tenha feito alguma experiência especial em conformidade com este pedido. As oportunidades de estar com Mrs. Piper sozinha, quando não em transe, eram raras para mim.]

Tenho de sair para recuperar o fôlego. Volto já num momento, mas tenho de me refrescar.

[Enquanto o General está aparentemente ausente, Hiram Hart aparece, falando apressadamente como se tivesse apenas um momento, e dizendo que viu o outro cavalheiro "a sair", por isso pensou em "entrar" e dizer "como está". Quando parece estar a ir-se, digo: "Oh, tens de ir?" Ele responde: "Oh, eles mantiveram-no tão lúcido que quero que ele aprenda o que eu sei." O outro cavalheiro regressa então.]

Bem, estou de volta aqui novamente. Encontrei o Sr. Hart e ele disse-me que só queria falar contigo um momento enquanto eu me refrescava, por isso disse: "Vai em frente e pede a Rector se podes entrar." Ele não era clérigo?

(Ele não o era aqui, mas diz que agora é.)

Bem, ele está a pregar e a rezar e a ajudar todas as pessoas que vêm para este lado — ou os espíritos — e é um pregador maravilhoso e fez muito por mim, e alegra-me conhecê-lo porque ele era teu amigo. Dizem que nem tudo o que reluz é ouro, mas há muita coisa que reluz aqui que é ouro.

(Bem, ele parece admirar-te. Diz que és muito bonito.)

[Risos.]

Bem, suponho que ele pensa isso.

(Costumavas estar aqui.)

Oh, pensas isso? Não há gosto sem razão, sabes. Mas temos de aceitar essas coisas. Ele é uma boa alma e gosto dele. Fez, como digo, muito por mim, mostrou-me o caminho muitas vezes.

(Agora, General, vou deixar-te dizer o que quiseres, mas ias contar-me algo — o que aconteceu logo depois de teres partido, seja deste lado ou do teu lado. Dá-me algumas ideias novas, podes?)

Sim, darei. Sabes, a passagem real do corpo, há um pequeno sentimento de, digamos, depressão, por assim dizer, e depois, quando parti, assim que parti, comecei a sentir-me elevado. Senti como se o ar estivesse cheio de perfume, e estava [a voar], a subir, subir, subir acima do meu corpo até passar simplesmente atrás de um véu. É fino. Cega a tua visão. Obstrui a visão por um momento do mundo terreno.

Depois, depois de o termos ultrapassado, bem, a música, as flores, as árvores, os pássaros, os lagos, os rios, as colinas, os jardins, os passeios, são perfeitamente magníficos, perfeitamente magníficos, e quase nada no mundo terreno lhes pode sequer corresponder. E somos levados talvez por um padre, ou homem que atua na qualidade daquilo que entenderias como clérigo, e eles dizem: "Este é um estado de transição.

Estás agora na vida real, na nova vida. Não verás o rosto do Pai por muitos, muitos anos, mas Ele dar-te-á força e poder para voltares, se quiseres, e veres aqueles que deixaste para trás." E o sentimento de êxtase está além de qualquer descrição, e nenhum espírito que alguma vez tenha regressado à terra poderia começar a descrevê-lo para a compreensão da mente mortal.

E então fui rodeado por amigos, por conhecidos, por velhos veteranos de guerra, pelos meus amigos íntimos que conheço, membros da minha família e todos, rodeado por eles, a acolher-me. Bem, senti como se fosse envolvido por eles, tamanho era o deleite, mas quando tentei chamá-los pelo nome, não consegui. Eles tiveram de me dizer quem eram. Conhecia os seus rostos, nenhum me falhou. Conhecia-os e compreendia-os bem. Vi-os e reconheci-os, mas chamá-los pelo nome, acredita, não conseguia. E quando tentei falar, em vez de ser um esforço e difícil para mim falar, descobri que os meus pensamentos eram compreendidos, realmente compreendidos, e os pensamentos deles eram devolvidos a mim. Havia uma perfeita comunhão entre nós.

E depois fui levado — acreditarias se te dissesse? Fui levado a uma mansão real. Seria o que chamarias de palácio. Há um jardim, passeios à volta. Está dividido em quartos, compartimentos reais. Fui levado a ela e

[eles] disseram: "Esta é a tua casa; ocupa-a, vive nela; tem os amigos que escolheres contigo, os parentes que escolheres contigo, e à medida que aqueles que deixaste para trás te seguirem, podes acolhê-los nesta casa como entenderes." Compreendes?

(Sim.)

Entrei e olhei à minha volta. Disse: "De onde vem esta música?" Atravessei um corredor e virei para um quarto à direita e caminhei sem cansaço, sem esforço; simplesmente deslizei. Vi belos quadros nas paredes, vi belas flores que chamávamos no corpo de palmeiras, a crescerem à minha volta. Ouvi esta bela música.

Aproximei-me de uma janela e olhei para fora, e debaixo da janela havia cinquenta jovens rostos bonitos, todos a tocar — uma orquestra. Essa foi a minha boas-vindas, essa foi a minha serenata, por assim dizer. E eles disseram: "Isto é o céu, este é o mundo espiritual. Saudamos-te." Fui à janela e, ao olhar para a orquestra, cada um deles curvou-se e acenou com as mãos, e no entanto a música continuava. Tocavam instrumentos, instrumentos reais, todos em harmonia, e nunca ouvi nada assim no mundo terreno. A música era divina. Eu disse: "Gostaria de ir a outro lugar." Despedi-me deles, por assim dizer — apenas os saudei e passei pelo corredor de volta através do quarto, atravessei o corredor para o lado oposto.

Disse: "Agora gostaria de ver se é possível, gostaria de ver flores à minha volta." Fui à janela, e acreditarias, as flores apareceram-me em massa, em massa, poderia dizer, e nunca vi tais flores. Havia lírios, rosas, violetas, gerânios, cravos, azáleas, jacintos, túlipas, papoilas, de todos os tipos concebíveis, não todas misturadas, mas cada uma no seu lugar. O que poderias encontrar, o que se poderia desejar melhor do que isso?

Eu disse: "Agora, se for sábio e correto que o procure, gostaria de ouvir algo que soe como a voz de um pássaro." Eles disseram: "Vem por aqui." Estava rodeado por estes belos amigos e por clérigos — muitos clérigos lá e disseram algumas coisas belas — e disseram: "Vem a esta janela e vê." Mas eu disse: "Não posso ouvi-los aqui?" Escutei. Num instante, o ar encheu-se com a música dos diferentes pássaros. Bem, não tens conceção do que era aquela melodia. Vi os pássaros.

Os pássaros eram tão distintos, muito mais do que os teus. As flores são reais, e quando regresso à vida mortal e vejo a sua rudeza e vejo como vivi, a energia ativa e a vida ativa que então levava, a energia que pus nessa vida, admiro-me de ter alguma vez existido nela. Agora não estás a viver na vida real. Estás a viver num sonho, por assim dizer. Quando acordares do sonho, viverás na vida eterna.

[Neste ponto, é dado um relato de ele ter pedido para saber algo sobre Cristo, para saber se tinha sido enganado no mundo terreno no que lhe tinham ensinado sobre Cristo, e é dada uma descrição de uma certa visão que lhe foi concedida. Pensei ser melhor omitir toda esta passagem, exceto para dizer que no final ele exclama:]

E vivo para to contar!

Andei por aí, senti — era estranho, não tinha fome, nem sede, nenhum desejo de comer, nenhum desejo de comida, mas sou sustentado pela condição dos elementos. A condição dos elementos é tal que somos alimentados, sustentados e vivemos por eles. Podes compreendê-lo talvez vagamente, se não claramente. Tens um poder maravilhoso de compreender, ou costumavas ter. Creio que talvez possas imaginar-me e imaginar a minha casa e imaginar o meu ambiente. Pelo menos, tornei-o tão claro quanto posso para a tua compreensão.

Agora gostarias de me fazer perguntas? Interrompe-me se quiseres.

(Bem, o que fazes principalmente com o teu tempo?)

Bem, agora vou dizer-te. O que corresponderia à tua manhã — não temos manhã, — isto é, é tudo manhã num certo sentido, de certa forma — não há dia e noite connosco, é tudo dia — e o que corresponde à tua manhã — descubro que há sempre a entrar nesta vida, há espíritos a entrar constantemente da tua vida, e cada um precisa de ajuda, precisa de que lhe mostrem o caminho, e eu entro na multidão, na turba fora da minha própria casa; atravesso, vejo o véu erguido, vejo um espírito a entrar, talvez milhões de espíritos.

E disseram-me quando entrei que devia tornar esta vida aqui útil ajudando os outros e reverenciando Deus, oferecendo gratidão num espírito de oração Àquele que me criou e me deu o privilégio desta vida aqui. E faço isso durante o chamado dia, sem cansaço, com perfeito deleite, auxilio

um ou mais espíritos que deixaram o corpo e entraram nesta vida. E até que estejam plenamente conscientes e se apercebam de onde estão — alguns são retirados de nós, não nos é permitido vê-los de todo, são levados para outra esfera; esses passaram para além de nós, não temos praticamente nada a ver com eles — mas há espíritos que entram na nossa própria esfera, e cada um de nós dá uma mão, mostra-lhes as suas casas, instala-os nelas, volta e ajuda outro, e estamos constantemente a fazer isso.

E depois, por vezes, sinto que gostaria de ajudar em algo que corresponda ao que é a vossa escrita. Encontro na minha casa tudo o que peço. Se desejar um lápis, o que corresponde ao vosso lápis, tenho-o. Se desejar escrever os meus pensamentos, posso escrevê-los, se desejar expressá-los oralmente, posso fazê-lo, e todo o pensamento é concedido, todo o desejo é concedido. E se desejar dar uma palestra, como faço frequentemente, posso fazê-lo sem cansaço, e é útil para aqueles que entram nesta vida. Se desejar escrever, posso escrever, se desejar andar, posso andar, se desejar cantar, posso cantar, se desejar falar, posso falar.

Isso torna a vida, como a entenderias, perfeita. É uma vida perfeita. E para viver esta vida perfeita, tens de viver nessa vida imperfeita, e quanto mais te preparares para esta vida, menos terás de passar quando a atravessares, e mais claros se tornarão os teus pensamentos quando entrares nela. Apreendeste a ideia? Gostarias de me perguntar alguma coisa? Há instrumentos à minha volta, tudo o que possas imaginar — harpas, violinos, clarins, trombetas, trompas, pianos, espinetas — lembras-te do que é uma espineta? Todos esses instrumentos.

(São exatamente iguais aos nossos instrumentos, apenas melhores?)

Apenas melhores. Tudo é belo, e cada artigo, objeto, bem como o espírito, é, de certa forma, luminífero. Se o olho se abrisse para o espiritual e me pudesses ver como estou aqui a falar contigo, poderias ver cada gesto que faço, que é copiado por Rector. Ele imita-me enquanto falo contigo. Poderias ver-me e ver a minha casa, poderias ver tudo o que tenho nela.

(Então o que fazes à tarde?)

Então, à tarde, por vezes escrevo uma palestra, saio e olho para as minhas flores, aprecio-as; vou visitar outros, eles visitam-me. Aprendo a tocar instrumentos, os diferentes instrumentos. Estou absorvido pela música e amo as flores e os pássaros.

Depois sinto como se quisesse dedicar-me a alguma ocupação intelectual, e então começo, e estou a estudar com aqueles que estão aqui há mais tempo do que eu as condições reais desta vida e o que constitui a vida aqui, e à medida que aprendo, transmito-o aos outros, interpreto o meu conhecimento aos outros. Portanto, a nossa capacidade intelectual é ilimitada, num certo sentido, e estamos constantemente a ser educados. E é uma ideia bela, não é?

E depois, durante o que chamarias de noite, durante a noite, o que corresponderia à tua noite, há principalmente música, entretenimento e música. Depois de isso passar, o que corresponde à tua manhã cedo ou ao fim da noite, há palestras e concertos de todos os tipos e descrições a decorrer, de modo que as nossas vidas estão completamente preenchidas. E depois, durante as horas mais tardias da manhã, antes do que seria a tua luz do dia, cada espírito do meu lado da vida espiritual onde estou [está] curvado em oração durante o que seriam pelo menos duas ou três horas correspondentes ao vosso tempo, perfeita devoção e uma oração.

(Então não tens de dormir como nós?)

Não tenho sono, não tenho descanso. O que corresponde ao vosso descanso é atividade da nossa parte. E depois dos exercícios de devoção, estamos prontos para o que corresponderia ao vosso dia para o nosso trabalho novamente. Consegues conceber algo mais belo ou mais perfeito, ou mais ao gosto de um homem com os meus gostos e as minhas ideias?

(Não.)

Mas o homem deve viver o seu tempo designado no mundo terreno para se preparar para viver e para viver neste mundo, mas se ele tira a sua vida intencionalmente ou de outra forma, permanece, num certo sentido, como uma criancinha aqui, ou um germe, e tem de se desenvolver, desabrochar, brotar e florir, e ele deve necessariamente fazê-lo. Pergunta-me o que quiseres. Estou tão contente por te dizer isto porque quero que tenhas alguma conceção do que sou e do que estou a fazer. Esta não é uma vida ociosa e inútil aqui, ah, não, de modo algum.

(Quanto tempo demoras para vir ter comigo?)

[Queria dizer a qualquer momento em que pudesse pensar nele ou chamá-lo, mas evidentemente não tornei o meu significado claro.]

Pareceria a alguma distância de ti se me pudesses ver como sou. Quando tens o desejo de falar comigo — há espíritos aqui que conhecem cada mortal na face da terra; isto é, o mesmo não conhece, mas os diferentes conhecem cada mortal — e eles dizem: "Aqui está uma amiga, creio que é tua amiga; ali a Luz está a começar a arder, está aberta; ligámos o cordão etéreo e removeremos o espírito da Luz, levá-lo-emos para o nosso mundo ou para fora do cordão, ligaremos o cordão à casca, por assim dizer, enchê-la-emos com a nossa luz etérea, e tu podes entrar nela e ver se é tua amiga, e se for, segue Rector, segue aqueles que estão habituados ao cordão e vai até à extremidade dele e fala através dele para Rector, que está realmente dentro da própria casca, e ele transmitirá as tuas mensagens à tua amiga." Leva, suponho, do vosso tempo, cinco ou dez minutos talvez para eu te alcançar.

[Há uma breve conversa sobre relações, e digo:]

(Escolhes os teus próprios amigos lá, como aqui, não escolhes?)

Exatamente igual.

Tem sido um perfeito prazer para mim ver-te novamente. Adeus. Deus te abençoe. Vem ver-me novamente. Que Deus vele sobre ti.

SESSÃO DE 20 DE DEZEMBRO DE 1904

[Durante as horas da manhã da data acima, enquanto a minha sessão decorria, outro dos participantes de Mrs. Piper foi submetido a uma operação cirúrgica de algum tipo. Não me tinham dito que uma operação ia ter lugar, nem sei hoje quem era essa pessoa. Rector explicou-me que Imperator era obrigado a estar ausente da sessão, que deixara Prudens encarregado enquanto ele, Imperator, estava "sobre e à volta do catre" de um membro do círculo.

Perto do fim da sessão, que durou duas horas, pediram-me que levasse uma mensagem ao Dr. Hodgson, no sentido de que a operação tinha corrido bem. Anotei a hora exata em que isso me foi dito e enviei a mensagem ao Dr. Hodgson por telegrama o mais cedo possível. Soube depois que a operação tinha corrido bem, e que a pessoa operada ficou muito grata por lhe terem dito cedo o que viera do Outro Lado do Véu a seu respeito,

comunicado primeiro a mim, por mim ao Dr. Hodgson, e por este à pessoa em causa.]

Rector

[Durante o curso das observações de Rector, digo:]

(Rector, espera um momento. Através de quem vai falar o meu amigo agora?)

Ele tentará falar diretamente contigo, se isso for possível; se não, permanecerei, por assim dizer, como uma não-entidade, transmitindo as suas mensagens.

(Permitiste-lhe que fizesse isso?)

Sim, permiti, por conselho e ordem do nosso Líder.

(Agora, Rector, o meu amigo está real e verdadeiramente aqui quase exatamente como se estivesse no seu próprio corpo, não está?)

Quase o mesmo, e se os teus olhos espirituais se pudessem abrir, vê-lo-ias de pé aqui ao lado do cordão etéreo, à espera da sua vez para entrar na Luz sobre o cordão.

O General

Estás aqui?

(Estou.)

Estou aqui para te encontrar. Oh, como sou feliz!

(Quem é? Não te ofendas, podes?)

[Recita algumas linhas de poesia, evidentemente algumas das mesmas palavras que surgiram na ocasião do seu primeiro regresso, 23 de dezembro de 1903. Encontrei depois o verso que ele estava a citar, que é de Charles Mackay, e é o seguinte:—

Dizei-me, ventos alados
Que rodeais o meu caminho a rugir,
Não conheceis algum lugar
Onde os mortais não chorem mais;
Algum vale solitário e aprazível,
Algum vale no Oeste,

Onde, livre de trabalho e dor,
A alma cansada possa descansar?

Este irromper numa linguagem ritmada, especialmente quando estava feliz, era muito característico dele em vida.]

Sim, a resposta vem-me no espírito, encontrei-a. Encontrei o descanso, a vida, a paz, a esperança, tudo o que esperava encontrar.

... Agora sabes quem é?

(Oh, sei de qualquer maneira, só pensei em perguntar-te isso.)

Bem, se dissesses "General" ficaria contente por ouvir.

(Quando te conheci, não conseguia habituar-me a chamar-te "General", mas depois de me habituar, não conseguia chamar-te de outra forma, porque esse parecia ser o nome certo para ti.)

Pensaste que era adequado?

(Sim.)

Bem, isso é agradável... Lembra-te de que as leis da vibração são muito maravilhosas, muito, muito grandes, e o meu pensamento alcança-te e vice-versa. Portanto, que mais poderia pedir? [Algo sobre a sua família estar bem.] Os meus amigos são leais e sou feliz, e o mero facto de eu regressar e falar contigo é uma inspiração indescritível.

(Bem, ajuda-me mais do que qualquer outra coisa que faço.)

Estes bons santos ajudaram-me a compreender as leis da comunicação, e não sou tão idiota que me ria disso ou o despreze.

(Bem, mais vale não o fazeres.)

Como posso? A realidade, é uma realidade severa, e uma tal realidade que é a única coisa que Deus nos deu para nos permitir compreender as leis da vida eterna. Não é belo?

(Sim.)

Não é belo? E é o único caminho. Portanto, o despojar do mero corpo, da casca, não é nada, não é nada; vai para o lixo, mas o meu espírito vive para falar.

(General—)

Sem os fios não poderia comunicar tão facilmente, mas com os fios os meus pensamentos são registados claramente, não são?

(Sim. General—)

Sim?

(Estás a ocupar o lugar de Rector hoje, não estás?)

Pela primeira vez, sim. Querida criatura, ele está aqui para me ajudar, está ao meu lado a observar-me para que não aconteça nenhum dano ao instrumento através do qual falo.

(Bem, não é assim tão difícil, é?)

Não, não é difícil, mas se me fizesses perguntas uma após outra, isso poderia confundir-me, mas fazes as tuas perguntas tão claramente, tão devagar e com moderação, que posso compreendê-las e responder. Mas se me disparasses perguntas, por assim dizer, salva após salva, isso confundir-me-ia de tal modo que seria obrigado a sair. Compreendes?

(Sim.)

Pareces tão bem... Vejo o teu espírito tão claramente. Vejo o que não costumava ver, via o físico e não tanto o espírito. Vejo o espírito e o físico ambos combinados. Ambos me parecem claros e belos. Alegra-me que tenhas seguido as minhas instruções. Vi-te no lugar que designei.

(Sabes onde é isso agora? O que queres dizer?)

Vi-te num lugar com uma senhora, de caráter muito belo, de caráter muito interessante.

(Sabes quem é, ou quando foi?)

Foi o que costumávamos chamar de verão, e foi num lugar verde, num lugar verde, e tudo tão belo, tão pacífico.

[Passei várias semanas durante o verão anterior num lugar chamado "Greenacre", na cidade de Eliot, estado do Maine. É por vezes chamado "Greenacre-on-the-Piscataqua". Realizam-se lá conferências de verão há vários anos, uma grande tenda de assembleia é erguida no relvado indicado pelo nome, e representantes de todas as religiões são bem-vindos à plataforma aberta.]

Vi-te a assistir a algo que pareciam palestras. Vi-te a conversar com um cavalheiro ocasional, e vi-te sentada — parecia uma tenda—

(Sim.)

— e vi-te a andar por ali.

(Sim.)

Vi-te — foi numa rede? Algo a baloiçar.

(Sim, uma ou duas vezes.)

E vi-te sentada a pensar, por assim dizer, sozinha, e parecia que as sombras da noite tinham caído, e era ao fim da tarde.

(Oh, sim.)

[Creio que foi neste ponto que me recordei de uma noite especial. Ver explicação mais adiante.]

E vim e coloquei-me ao teu lado e pus a mão no teu ombro, e ouvi-te dizer: "Que pacífico, que perfeitamente delicioso é." Lembras-te disso?

(Sim.)

Lembras-te de ver a lua? O céu parecia escuro e depois a lua apareceu. Era ao início da noite. E depois vi-te levantar, alguém veio falar contigo e levantaste-te, andaste um pouco e entraste num edifício.

(Estive nessa rede, penso que duas vezes, mas uma noite durante muito tempo, e até adormeci lá.)

Sim, foi nessa altura que pus a mão no teu ombro e tive as belas mensagens de paz do teu espírito.

(Bem, adormeci, oh, muito facilmente e de forma bela, e acordei e pensei como era belo dormir ali sob as estrelas—)

Sim, estrelas, é o que quero dizer.

(— e até fiquei fechada fora de casa.)

Sim, sim, sei que houve alguma dificuldade em entrares. Sei disso. E depois lembro-me da surpresa que sentiste quando [recuperaste].

(Sim, fiquei surpreendida.)

E estive contigo durante todo aquele pequeno sono, a falar com o teu espírito. Lembras-te da vaga de paz que te atravessou?

(Sim.)

Fui eu que a enviei, que a trouxe.

(Quando durmo assim, parece que estou noutro lugar; estou perfeitamente inconsciente deste mundo, e onde estou então?)

O espírito, o teu espírito, sai sobre um cordão etéreo, exatamente como o espírito da Luz aqui parte. Agora vejo o espírito de uma mulher a sair, e é o mesmo no sono, e falo com o teu espírito exatamente como estou a falar contigo agora. Por vezes quase sinto que te lembrarás disso, mas quando o espírito se torna ativo e plenamente possuidor do corpo e da mente, então esquece.

(Sim. Queres dizer que isso acontece sempre no sono, ou apenas nesses sonos ocasionais?)

Apenas sob certas condições. O sono poderia ser perturbado se o espírito comunicasse sempre com ele, mas em certas ocasiões e sob certas condições, conseguimos falar com o espírito de forma muito, muito clara. O espírito compreende e responde—

(Queres dizer o espírito terreno?)

Sim, exatamente como me respondes quando falo contigo agora. Ora, saber que posso seguir-te, saber que posso ver-te em certos lugares e sob certas condições — e lembras-te da tenda?

(Sim, sim!)

Bem, vi-te debaixo da tenda e sentei-me ao teu lado várias vezes, e havia outra senhora contigo. Quem era essa senhora? Era um belo espírito, uma mulher brilhante, de aspeto belo, uma mente muito clara e um belo espírito. O nome dela é Sarah?

(Espera um momento. Sabes que estou a registar tudo isto, não sabes, General?)

Não vejo o que estás a fazer exatamente. Vejo que os teus pensamentos estão ocupados, muito ocupados.

(Quero preservar cada palavra. E é tão delicioso pensar que posso escrever em taquigrafia exatamente o que dizes, exatamente como costumava fazer quando estavas aqui.)

Oh, sim, lembro-me, é o que estás a fazer. Bem, não vejo realmente a escrita a decorrer, nem o movimento da tua mão, nem o — papel, é? Mas vejo-te, o teu contorno geral, e vejo-te, por assim dizer, na luz.

Pareces como se houvesse uma luz à tua volta.

(Bem, agora vamos devagar.)

Isso é o reflexo do espírito à tua volta.

(Do meu espírito?)

Sim, do teu próprio espírito. Há um reflexo, por assim dizer, à tua volta. É muito claro e muito belo para mim.

(Queres dizer Sarah Farmer?)

Não me admiraria. Isso soa algo como o nome que ouvi, pelo qual era chamada. Ela não estava realmente contigo, mas vi-te com ela e vi-te a falar com ela, e ela tem um espírito muito grande, um espírito muito amplo, e uma mente muito grande e bela. Não era assim?

(A Srta. Farmer é a pessoa que iniciou aquele lugar e que está encarregada dele e conseguiu todos os bons oradores lá, etc., e é considerada um espírito muito avançado. Achas que era ela?)

Sim, era ela que vi.

(Sabes que ela não era uma amiga especial minha, embora a conheça.)

Mas vi outra senhora, mas vi outra senhora contigo—

(Bem, General, espera um minuto, espera um minuto. Como soubeste que o nome dela era Sarah?)

Ouvi várias senhoras numa sala grande, uma — chamar-lhe-ias noite novamente — a chamar. Uma falou com ela de forma muito íntima e chamou-lhe Sarah, e eu estava dentro — estava talvez — deixa-me ver — onde está a tua mão?

[A médica pega na minha mão e segura-a a cerca de trinta centímetros do meu rosto.]

Eu estava dentro dessa distância, a distância a que a tua mão está do teu rosto, dela, quando o nome foi chamado, e podemos ouvir, e podemos ver e compreender nomes como são falados no corpo se estivermos atraídos por alguém individualmente.

(Compreendo.)

E muitas vezes os nomes, se estamos interessados, registam-se nas nossas memórias e nunca os esquecemos. Mas voltando a esta noite. Então entraste, não entraste—

(Sim.)

— tudo bem, mas foi nessa altura que te vi muito claramente.

(Sim.)

[Todas as incidências referidas na conversa anterior sobre Greenacre são quase literalmente verdadeiras, embora esteja ciente de que algumas delas são simplesmente coisas que alguém faria naturalmente durante um passeio de verão. O sono na rede, no entanto, foi um sono invulgar, e raramente, se alguma vez, tive um exatamente igual. O facto é que não gosto do movimento de uma rede a baloiçar e raramente me deito numa. A noite em questão foi uma daquelas noites calmas e amenas em que parece um pecado dormir sob outro dossel que não o azul estrelado. Não me lembro da lua, penso que não havia nenhuma, ou apenas muito tarde. Encontrei uma rede vazia a poucos metros da pensão e apossou-me dela. Lembro-me de pensar como era delicioso estar ali deitada a olhar para as estrelas, completamente livre do contacto com a terra, uma parte da atmosfera à minha volta. Creio que até senti que tinha estado em erro toda a minha vida até então por não ter vencido a minha aversão ao movimento da rede.

Adormeci facilmente num sono que deve ter sido profundo, e acordei surpreendida ao ver, pelo aspeto geral da pensão, que era tarde. Falei com um cavalheiro que passava e, segundo me lembro, dirigi-me primeiro a ele. Fomos para a varanda, onde havia outra pessoa, e descobrimos que a pensão estava fechada para a noite e estávamos trancados do lado de fora. Felizmente, uma janela da sala estava facilmente aberta e depois a porta foi destrancada por dentro.

Não me lembro de ter sonhado nada no sono que pudesse recordar depois. Raramente ouvia chamar Sarah à Srta. Farmer, embora esse seja o seu nome. Não estive especialmente com ela, mas provavelmente falei com ela uma ou duas vezes durante a minha estadia. Lembro-me de ter ido a Greenacre num verão, vários anos antes de o General partir, e de ter regressado e lhe ter falado do lugar. É muito duvidoso que ele alguma vez tenha ouvido o nome próprio da Srta. Farmer. Sabia muito pouco sobre ela em vida.]

(Agora, General, porque é que eu não posso aprender a sair dessa maneira no sono, quase à vontade?)

Bem, por vezes não é sábio, por vezes não é saudável, e depende do poder divino quando essas condições são adequadas. Talvez possas compreender melhor isso. Aprendi muito sobre as condições desde que estou aqui, e tem sido o meu único pensamento estudar as condições e compreendê-las por tua causa, para que pudesse ajudar-te. Vejo agora que mente clara e bela tinhas e porque estavas tão interessada em coisas que me pareciam bastante absurdas.

(Bem, alegra-me ouvir-te dizer isso. Tudo vem para quem espera.)

Sim, isso é muito verdade, mas na vida material, na vida mortal, parecia que eu, com a minha constituição peculiar, era incapaz de compreender qualquer coisa que não pudesse ver.

(Sim.)

Portanto, talvez me desculpes por não ter aceitado as tuas teorias, mas vivi para aprender e compreender por mim mesmo. Foi um dia feliz quando vim. O despertar foi algo indescritível. Nunca poderei dizer-te como me senti quando acordei, e à medida que o meu espírito subiu daquele corpo aprisionador, através do éter fresco, e o véu etéreo se abriu e o meu espírito o atravessou para este belo mundo, a sensação e a luz [deleite] de tudo isso está além da minha capacidade de explicar, e mesmo que o pudesse explicar em palavras terrenas, a tua mente não poderia realmente compreendê-lo ou entendê-lo.

(Sim. General, dizes que não podias aceitar as coisas a menos que as visses, mas eu pensava que tinhas um espírito muito fino e altamente desenvolvido, caso contrário não terias ido tão rapidamente para as

condições certas lá e compreendido como voltar para aqui, e ser acolhido por Imperator e Rector, etc., terias?)

Apercebeste-te, creio, de que o meu desejo era o avanço da mente, e lembras-te de como eu amava a poesia, e de que tinha uma veia de sentimento, como costumavas dizer. Bem, tudo isso é fina perceção espiritual; e é realmente belo para mim, agora que percebo que possuía isso quando estava no corpo físico, e tem sido um grande benfeitor para mim nesta vida. Compreendes o que quero dizer.

(Sim.)

Tem sido uma grande ajuda, uma grande ajuda para mim, o mero facto de ter crescido em espírito no corpo, e eu amava verdadeiramente o belo.

(General, não te lembras de como uma mulher bela te impressionava? Espera um momento — um amigo teu disse uma vez, o velho Sr. Clapp, que não conhecia nenhum homem que captasse a alma de uma mulher bela mais rapidamente do que tu. Rimo-nos disso, mas eu sabia que era verdade.)

Compreendeste isso?

(Sim.)

Bem, isso é muito belo, muito bondoso da parte dele ter dito isso. Mas realmente creio que sim, e sei agora que o fazia, sei que compreendia as mulheres e o lado belo como poucos homens no meu ambiente ou entre os meus associados. E todas essas coisas apelavam a mim, e era isso que era mais elevado e melhor. Tudo isso me apelava mais. E fui muito feliz na minha vida terrena, de certa forma. Amava a vida pelo que a vida dava, e amava os prazeres, e amava o físico e tudo o que o físico dava, mas ainda assim era suficientemente grande de coração, sinto, e de espírito, para não permitir que as tentações físicas afogassem a minha alma.

(Sim.)

[Esta é uma muito boa caracterização de si mesmo.]

(Estou, claro, muito abençoada e privilegiada por ter a tua amizade contínua e por me ser permitido vir aqui falar contigo.)

Bem, há tantas restrições. Este grande espírito, este homem aqui que lidera, é o mais nobre espírito que conheço, e há tantas restrições — ele

compreende tão bem as condições, e tem o seu olho eterno aberto a vigiar constantemente para que nenhum mal aconteça a qualquer coisa ou pessoa ligada ou associada à Luz ou às influências espirituais que trabalham através dela. Ora, é realmente maravilhoso.

(Queres dizer Imperator?)

Sim. Não está presente de momento porque está numa missão, mas todos aqueles a quem ele chama, lembra-te, são realmente privilegiados.

[Ver nota no início desta sessão.]

(Sim, realmente são. Agora quero pedir-te que vigies, e se pensares que não vais ter mais oportunidades de vir ter comigo através desta Luz, então quero que consigas uma última oportunidade, se possível, e me digas que não podes vir mais. Tentarás fazê-lo?)

Podes repetir isso mais uma vez para mim? Queres dizer que devo regressar aqui — e dizer-te antes—

[Creio que respondi que sim.]

Oh, sim — bem, vou dizer-te uma coisa. Nós chamamos-lhes os santos; eles disseram-me antes de eu vir aqui, antes de eu lhes perguntar se podia falar contigo, eles disseram-me que — o líder, o espírito principal — disse que as condições estavam baixas, mas disse: "Não entrarei em explicações, mas atém-te ao que digo; as condições são tais que tenho de exercer toda a minha influência e poder para manter as condições num estado de clareza suficiente para te permitir regressar aos teus amigos do lado terreno." Ouviste?

(Sim.)

E ele disse também: "Ao fazeres isso, ao fazeres isto, poderás regressar através da Luz ocasionalmente por um tempo irrestrito—"

(Bem, bem, bem, isso é belo.)

"— e apenas sob essas condições te será permitido regressar através da presente Luz." Portanto, ele tomou conta da Luz e está a administrá-la especialmente para a manter para aqueles que realmente precisam de luz e ajuda. Compreendes?

(Sim.)

Bem, se não compreendes, talvez Rector possa tornar-te isso mais claro.

(Compreendo.)

Esta foi uma conversa privada entre Imperator e mim, e ele notificou todos os comunicadores que regressam através desta Luz sobre as condições, e se não fosse por ele e pelo seu maravilhoso poder, talvez eu não pudesse regressar, mas tão gratos lhe somos que oferecemos as nossas bênçãos diariamente e quase de hora em hora pela sua orientação e ajuda. Quem me dera que o pudesses ver.

[Apenas algumas frases breves omitidas aqui.]

Sei de uma coisa, sei que todos eles do nosso lado podem ver e previram a ausência da Luz do outro lado da água.

[Deve recordar-se que foi após a data desta sessão que o Dr. Hodgson partiu. A Sra. Piper passou o inverno de 1906-7 no estrangeiro.]

[Ao falar de uma predição feita a meu respeito, ele diz:]

Talvez seja melhor perguntares a Rector sobre isso, pois ele é muito lúcido e compreende isso muito bem; ou, melhor ainda, George Pelham. Talvez o conheças? Ele tem sido uma grande ajuda para mim, uma grande ajuda; embora não esteja tão perto da terra e das condições que envolvem a Luz como eu estou atualmente, ele é realmente uma grande ajuda.

(Está noutra esfera, assim chamada?)

Sim, está na última esfera, o que chamarias de céu; a última, a sétima esfera.

(Em que esfera estás tu?)

Estou na terceira agora. Temos de passar pela terceira esfera para regressar, poder-se-ia dizer, e portanto não pude regressar imediatamente logo que saí do meu corpo.

(Oh, é por isso, é?)

Sim. É como passar de uma sala para outra. [Ilustrado pela mudança de local no mundo material.] Avançamos até sentirmos que nos aperfeiçoámos de acordo com a vontade e ideia de Deus, e então ficamos satisfeitos connosco próprios, e não até o termos feito.

(Bem, quando partiste, entraste na primeira esfera, ou chamas a esta a primeira esfera onde estou?)

Entrar na vida material é uma esfera de vida; essa é a primeira, porque a vida vem com a criação do corpo mortal; a vida vem, é o sopro de Deus, e és um ramo da Sua grande árvore, compreendes, e depois o espírito cresce, avança. Por vezes não avança no mortal porque é dificultado por males físicos, etc. Se não, é removido após algum tempo e entra na nossa vida e então começa a desenvolver-se e a crescer.

(Bem, então achas que todos partem daqui exatamente quando é a altura certa para partirem, quer sejam jovens ou velhos?)

Sim, sim, sim, tudo isso está nas mãos de Deus, e embora nunca vejamos Deus — nunca O vi e nunca espero ver — Ele governa-nos a todos e reina sobre nós todos, e nós somos uma parte, um ramo Dele, e a tua pergunta tornar-me-á isso claro.

(Quando alguém morre, como dizemos, quer tenha trinta ou oitenta anos, é a altura certa para ele, achas, ou é a morte apenas um acidente, a hora da morte?)

Oh, não é um acidente. É ordenada por Deus. Não conseguia compreender quando estava no corpo porque é que certas coisas [aconteciam], porque é que certas mortes ocorriam, e assim por diante, mas Deus sabe o que as suas vidas são e o que seriam se vivessem. Portanto, remove-os talvez através de um desastre, talvez através de um acidente, talvez através de um incêndio, talvez através da perda de um navio, e todo esse tipo de coisas, e remove muitos de uma só vez. Mas cada espírito que entra nesta vida, há um lar preparado para ele e um lugar preparado para ele. Talvez saibas que na Bíblia terrena, na Bíblia material, "Na casa de meu Pai há muitas moradas;" lembras-te disso?

(Sim.)

Isso tem um significado literal... O espírito nunca sofre realmente, nunca conhece um momento de dor ou angústia de qualquer tipo. Sei isto pela — pura experiência e estudo.

(Mas, General, vocês aí não estão sempre perfeitamente desenvolvidos, e a vossa felicidade não depende do vosso desenvolvimento interior aí, como aqui, do vosso grau de felicidade?)

Bem, sim, até certo ponto, mas nunca sofremos como o sofrimento é expresso e compreendido por vocês.

(Sim, compreendo, compreendo. E quanto à idade aí? Que idade tens comparado com Imperator? Qual é a medida padrão?)

Bem, Imperator é — na verdade, nenhum espírito é velho, não há tal coisa como idade connosco. Entramos nesta vida de acordo com os nossos atos na vida mortal. Se avançámos e crescemos, ganhámos tanto ao entrar nesta vida, mas se somos dificultados por males físicos ou enfermidades físicas, ou talvez alguns possam herdar imbecilidade ou algo desse tipo, quando o espírito deixa o corpo, entra nesta vida e cresce, num certo sentido, como uma criança.

Descansa, é libertado. No momento em que é libertado do seu corpo, assume uma condição de felicidade, por assim dizer. Há uma paz que permeia todo o espírito, e uma certa capacidade de compreensão, e depois avança e cresce até que — poderíamos colocar a idade, para a tua compreensão, nos cinquenta, e nunca somos mais velhos do que isso em espírito.

(Queres dizer nunca mais velhos do que aquilo que consideramos cerca de cinquenta?)

Sim. O corpo envelhece simplesmente, mas o espírito nunca envelhece. O espírito permanece sempre jovem e belo. Não importa se o homem partiu da vida terrena por decadência senil ou por acidente na juventude, isso não faz diferença; o espírito é sempre jovem. Mas as condições do espírito e a sua felicidade dependem um pouco do seu avanço e crescimento e compreensão e desejos do certo e do errado na vida física.

(Bem, supondo que tenho agora um amigo que vai para lá, que não pensava muito no desenvolvimento espiritual aqui, poderia ele estar onde pudesse ver e falar contigo, por exemplo, ou estaria num plano inferior?)

Bem, ele estaria — para a tua compreensão — estaria num plano um pouco inferior ao entrar nesta vida, mas se tem um grande desejo de me alcançar, há certas condições que deve cumprir para que esse desejo se realize, e se ele viver de acordo com a restrição e as leis que lhe são traçadas aqui, então poderá ver-me no que poderias chamar de alguns dias. Então o seu desejo seria cumprido e ele seria mais feliz por isso.

(Agora, General—)

Sim, ouço cada palavra que dizes, e tens a faculdade de falar devagar e distintamente.

(Sim. Quando partiste, antes de o teu corpo ser colocado na terra, fui chamada pela Luz conhecida como Sra. S. Fui lá depois de o teu corpo ter sido colocado, mas ela disse-me — isto é, o seu controlo, o seu guia espiritual, disse-me — que no dia em que morreste — partiste de manhã do nosso dia aqui, e ela disse que podias ter estado por perto nesse dia, mas ela estava tão ocupada que não te notou, mas à noite estavas lá e tinhas um rosto tão ansioso que ela teve de te ouvir, e não paravas de dizer: "Manda chamar Anne, manda chamar Anne."

Depois, quando eu fui alguns dias mais tarde e falei com ela, ela falou como se estivesses realmente lá. Bem, ela disse que, claro, não o puseste em palavras, mas ela expressou o sentimento. Agora sabes alguma coisa sobre isso, ou estiveste por perto, ou poderias ter estado por perto, ou poderias ter-me chamado dessa maneira? Esta é uma Luz a quem foste uma vez comigo quando estavas no corpo físico.)

[A médium conhecida como Sra. S. mandou chamar-me como explicado acima, perguntando se eu gostaria de uma sessão, sentindo que devia atender ao pedido do seu controlo, embora nunca antes me tivesse oferecido uma sessão simplesmente porque o seu controlo o desejava, e nunca mais o fez desde então. Embora tivesse visto nos jornais um anúncio da morte do meu amigo, garantiu-me que até então não sabia que eu estivera associada a ele nos negócios, tendo a impressão de que o meu trabalho especial era ajudar o Dr. Hodgson. Na ocasião em que o General me acompanhou a uma sessão com ela, vários anos antes da sua morte, não lhe foi dito quem ele era, e ela não o conhecia.]

Bem, lembro-me de que, depois de deixar o meu corpo, a primeira coisa em que pensei depois de deixar o corpo, depois de atravessar este éter que descrevi e para além do véu — isto é, do nosso lado do véu, para este mundo — a primeira coisa em que pensei foi: "Onde está Anne? Vou procurá-la." Voltei-me imediatamente e olhei para trás, para o mundo físico, para o mundo material, olhei para o corpo físico, vi-o como terra, e vi-te terrivelmente angustiada, ao que me parecia, e o teu espírito parecia muito abatido e deprimido, e tentei alcançar-te e estava muito ansioso por

fazê-lo e muito ansioso por me fazer entender por ti, e se ela me viu, provavelmente disse a verdade, porque essa foi a primeira coisa de que me lembro de ter feito; e o primeiro pensamento que me passou pela mente foi: "Vou procurar Anne onde quer que ela esteja e dizer-lhe que ainda estou vivo e a caminho da vida eterna." Portanto, não posso contradizer nem pôr em dúvida a sua veracidade.

[Não era seu hábito chamar-me "Anne" quando vivo, embora seja hábito dos espíritos que regressam chamar os seus amigos pelos nomes próprios.]

(Agora, virás ter comigo o melhor que puderes sempre que eu for vê-la, e achas que seria bom para mim ir lá ocasionalmente?)

Sim, de vez em quando, mas aprendi com Imperator, que sabe tudo o que há para saber e prepara os seus mensageiros para darem a luz que ele considera que estão aptos a dar, que ele diz que a comunicação demasiado frequente do nosso lado não é sábia, e é mais sábio para o espírito acumular o seu conhecimento e aprender todas as condições da sua vida e depois regressar ocasionalmente, transmitindo esse conhecimento ao seu amigo do lado terreno ocasionalmente, mas não com demasiada frequência, pois o espírito perde com a comunicação demasiado frequente.

(Compreendo.)

E não é bom para o seu melhor desenvolvimento.

[Conto-lhe algo sobre a sua antiga casa.]

(Vou lá na noite anterior ao quarto sábado a partir de agora, se puder. Vou ouvir o som da tua voz através do fonógrafo—)

Um discurso?

(Sim. Lembras-te do fonógrafo?)

Sim, lembro-me.

(Havia alguns dos teus discursos preservados. Havia as observações do Coronel Ingersoll no enterro do seu irmão, havia o "Coro Invisível" de George Eliot, havia o "Flood of Years" de Bryant. Agora vou ouvir isso pela primeira vez desde que partiste, e quero que fiques ao meu lado todo o tempo, e depois quando vier aqui novamente podes contar-me sobre isso.)

Ficarei encantado. Isso dar-me-á maior felicidade do que qualquer coisa que me possas pedir.

[Infelizmente, o fonógrafo estava avariado quando fiz a minha visita.]

(Podes ficar mais um pouco?)

Sim, estou a ouvir.

[Há aqui uma pequena conversa sobre uma irmã no corpo.]

Tens uma irmã neste mundo que encontrei.

(Qual é o nome dela, sabes?)

Não — Hiram sabe; neste momento não te poderia dizer, mas ele sabe, e talvez Rector te diga qual é o nome dela. Lembro-me de que fui apresentado a ela há algum tempo, e é um belo espírito.

[Isto refere-se a uma irmã mais velha, chamada Laura, que morreu em 1881, treze anos antes de eu conhecer o meu comunicador.]

Depois, encontrei o teu pai. Era um homem peculiar, não era?

[Breve conversa sobre a minha própria família.]

Gosto do teu pai. É uma individualidade muito forte, e cometeu os seus erros como outros homens no mundo terreno, mas é um espírito verdadeiro e ama-vos a todos profundamente.

[O meu pai era "peculiar", uma "individualidade forte", e "cometeu erros". Partiu quatro anos antes de eu conhecer o meu comunicador.]

(A tua mãe foi o teu espírito guia durante toda a tua vida aqui?)

Sim, e ela era uma querida.

(Reconheceste-a assim que a viste?)

Ela ajudou-me, mostrou-me o caminho, esteve na minha cadeira, na cadeira onde eu costumava sentar-me, esteve ao meu lado quando parti.

(Ela conhece-me?)

Sim, podes ter a certeza de que, se eu tive algo a ver com isso, ela conhece-te.

[Ao falar do meu trabalho privado, digo:]

(Não deves desanimar se eu desanimar, podes?)

De modo algum. Isso não é próprio de mim, é? Não tive coragem até ao fim? Pergunta-me tudo o que quiseres. Os meus pensamentos mantêm-se claros, pois fazes as tuas perguntas com tanta clareza e beleza que não me confundem. Se dissesses: "Agora, General, quero que encontres um nome para mim, obtém-no agora se puderes" — ao procurar esse nome, ou ao desviar os meus pensamentos da pista em que estão a fluir atualmente, sobre a qual estão a fluir, isso confundir-me-ia de tal modo que perderia todo o fio da minha individualidade e pensamento.

No momento em que entrei nesta vida, Imperator disse-me: "Acabaste de abrir a tua vida e a tua vida está no princípio. Tens muito a fazer com uma amiga que, num certo sentido, deixaste para trás." ... Então percebi o que ele queria dizer. Eu disse: "Sei o que queres dizer; referes-te à verdade real de uma ideia vaga; vai tornar-se uma realidade" — uma ideia que me passou pela mente antes da minha doença.

Passou-me pela mente, o pensamento, antes da minha doença, pois eu amava a poesia, lia livros, como tu, tudo — passou-me pela mente muitas vezes, e o desejo de que eu pudesse estar qualificado para escrever. Quando entrei nesta vida, Imperator apontou-me essas coisas. Tornou-me claro que era possível para mim regressar e ajudar-te e que poderíamos fazer isto juntos.

Agora, claro, não posso dizer quanto tempo a Luz permanecerá no corpo, ou quais são as condições que envolvem a Luz, mas sei isto: que conjuntamente e juntos na terra rezaram e estão a rezar e a dar paz e restrição à Luz para alguns que são privilegiados por a usarem e receberem mensagens através dela. Portanto, sou um dos privilegiados, pelo que estou muito grato.

(Claro que não quero isto apenas para meu prazer egoísta. Quero que sirva para alguma coisa no mundo, esta minha vinda aqui para te ver.)

Assim deve ser, e se outros pensassem da mesma forma, não haveria um mistério tão vago sobre tudo isto, como eu pensava quando estava no corpo; havia uma espécie vaga de mistério incognoscível.

(O tempo está a passar. Não te posso reter demasiado tempo.)

Não devo ficar demasiado tempo, mas Rector está aqui pronto para me levar, para me ajudar a sair, para que nenhum mal aconteça ao instrumento através do qual trabalho.

Fala-me do pequeno Augustus.

(Augustus? Qual deles?)

Quero dizer o pequenino, aquele a quem chamavam — não é realmente o nome dele.

(Oh, ele está bem, muito bonito.)

Mas chamam-me agora e tenho de ir. Não devo abusar dos meus privilégios. Deus te abençoe e esteja contigo.

(Adeus.)

Sabes que sou Martin?

(Oh, sim!)

SESSÃO DE 13 DE MARÇO DE 1905

[Há muito pouco que se possa transcrever desta sessão. É uma mistura de conselhos, profecias, encorajamento e repreensão, por parte de Rector e do meu comunicador, relativamente à continuação do meu trabalho e ao meu estado de espírito em geral. Algumas das observações do meu comunicador são, no entanto, tão caracteristicamente vigorosas que não posso deixar de dar algumas delas como extratos soltos.]

O General

Bem, bem, bem! As maravilhas nunca mais acabarão? És tu?

(Ora, sim, não me conheces?)

Bem, creio que sim.

(És tu, General?)

Sim, está certo.

Parece-me, por vezes, ver os teus ataques de desânimo.

(Sim.)

Não gosto disso. Atravessei a vida, creio, com um coração valente e firme. Muitas desilusões e provações vieram à minha vida, mas nunca abandonei a minha firmeza, a firmeza da minha fé, confiança e esperança, ao longo de toda a minha vida, abandonei?

(Não, creio que não.)

[Ele tinha uma fé de algum tipo, que o levou até ao fim sem queixas.]

Agora, chamei estes ajudantes e estes santos padres para te trazerem aqui, para que pudéssemos limpar algumas destas pequenas teias de aranha no teu cérebro.

(Bem, limpa-as, quem me dera que o fizesses.)

Não gosto desse tipo de pensamentos descontentes. Não gosto da sensação de que não há tempo, e um desperdício de energia, um desperdício de vida, um desperdício de material, um desperdício de tudo. Agora, isso não é verdade de todo.

Pensei que eras uma idiota, num certo sentido, porque acreditavas na vida eterna, mas como a minha mente era densa, como era fraca, como era pouco caridosa! Mas perdoar-me-ás, perdoas-me?

(Sim.)

Compreendes, mas foste tu que foste sábia e eu que fui fraco, e no entanto era teu amigo.

(Sei disso, General.)

Sou teu amigo hoje. Pareço o mesmo, e se os teus olhos espirituais se pudessem abrir, ver-me-ias aqui de pé a registar os meus pensamentos através do éter com que este recetáculo está cheio.

Não posso ter pensamentos de desânimo. A vida é demasiado séria, é demasiado bela, demasiado forte, demasiado grande para permitir que pensamentos de desânimo entrem num cérebro como o teu. Estou espantado! Estou espantado! "Oh", disse eu, "se ao menos voltasse a falar com ela, retrataria a vida como ela realmente é e não como ela pensa." Para que pensas tu que foste criada? Para que pensas tu que foste colocada na vida terrena? Ainda não cumpriste metade da tua missão. Está apenas no princípio, e é um desperdício inútil de pensamento pensares o contrário. Vais aproveitar o que te estou a dizer?

(Sim, certamente.)

Não sei se fui um bom pregador ou não, mas sei de uma coisa: geralmente aproveitavas os meus conselhos, e creio que o farás agora. Em qualquer caso, vigiar-te-ei e agora alcançar-te-ei enviando-te uma mensagem e saberás como as coisas estão a correr.

[Na parte omitida, ele fala da sua intenção de enviar uma mensagem ocasionalmente "através daquele cavalheiro que vem aqui", querendo dizer, claro, o Dr. Hodgson.]

Ora, a ideia de uma... mulher fisicamente saudável da tua idade e experiência cair num tal estado de espírito! Ora, é horrível, e se não houvesse caridade no mundo não haveria amor, e se não houvesse amor não haveria vida, sabes isso? E sem — lembras-te algures no livro que costumávamos chamar Bíblia que diz: "se não tiverdes caridade"?

(Sim.)

Podes citá-lo?

("Se não tiverdes caridade, sereis como o metal que soa e o címbalo que tine", creio.)

Sim, agora regista isso na tua mente.

(Achas que poderás vir aqui novamente esta estação?)

Oh, sim, creio que sim. Quanto ao tempo, não sei. Terás de perguntar a eles, e eles dar-te-ão uma ideia mais definida. Isso não está nas minhas mãos. Só sei que quando a Luz está a arder e vejo a Luz, e o éter do nosso mundo está suficientemente claro, sei que posso entrar nela e falar contigo, o que é um perfeito deleite. Isso torna a nossa vida deste lado completa e perfeita. Compreendes isso. Agora quero que fales comigo, mas senti, oh, se ao menos pudesse alcançar-te mais uma vez.

(Sim. Espera um minuto. Sabes que o tempo tem de ser curto esta manhã, não sabes?)

Curto? O que queres dizer?

(Ora, só podemos ter cerca de metade do tempo que costumamos ter, porque a Luz não tem estado em boas condições no físico, e — Rector está aí ao teu lado?)

Sim, que devo dizer-lhe? Podes ver que as mãos estão sempre estendidas para nós em contacto. Nunca somos deixados sozinhos, nunca sou deixado sozinho quando falo contigo. Imperator vem e vai, continua a vir e a ir, para ver se tudo está a correr bem, e Rector ou Prudens, alguns deles ficam aqui a observar-me para ver como me saio, e se me faltam palavras ou luz, eles fornecem-na. Vem através de uma linha. Diz o que quiseres. Penso que é uma pena que estejas angustiada com o tempo, mas não sei muito sobre estas condições, sobre o lado terreno, mas terás de perguntar a eles, creio.

(Bem, agora fui instruída a dizer a Rector que três quartos do tempo já passaram e que ele só terá mais dezasseis minutos e depois terei de sair, e se não o fizer não me será permitido voltar. Compreendes isso?)

Queres dizer que tenho de ir agora?

(Não, mas quero que digas a Rector, que está aí, exatamente o que eu disse, podes?)

Falarei com ele — só um minuto.

[Breve pausa. Evidentemente a falar com Rector. Lábios a moverem-se ligeiramente.]

Bem, o que achas que ele diz?

(Não sei.)

Ora, ele diz que não vê como pode abrir e fechar a Luz num espaço de tempo tão curto como esse.

[Explico um pouco mais a necessidade de sermos breves, e há mais alguma conversa.]

(Bem, agora, General, receio que tenhas de ir.)

[Ainda mais conversa.]

(Agora tens de ir, tens de ir — adeus.)

Não me digas adeus! Vou sair e ficarei aqui ao lado.

[Rector regressa por alguns momentos.]

SESSÃO DE 19 DE ABRIL DE 1905

[Esta sessão foi amplamente ocupada com assuntos relativos à minha própria família, estando um membro da minha família muito doente na altura. Tive comunicações claras do meu pai e da minha irmã Laura, mencionados na sessão de 20 de dezembro de 1904. Pareceu-me que Laura, pela primeira e única vez, falou diretamente através da máquina, assim chamada — isto é, falou diretamente para Rector, que repetiu as suas palavras. Pois ela pareceu surpreendida com a facilidade com que a comunicação podia ser feita, e disse: "Quero dizer-te como estou lúcida, e sobre que linha perfeitamente clara estou a trabalhar. Consigo ver muito melhor do que nunca."

Sobre isto, Rector interpôs imediatamente a seguinte observação: "Vou dizer isto, que nunca, creio, vi a Luz mais clara do que está hoje." Quando me dirigi à minha irmã dizendo: "Agora, Laura," ela interrompeu com: "Ouço a tua voz como uma trombeta." Quando lhe pedi que levasse uma mensagem ao meu pai, ela disse: "Não sei — se eu pudesse virar-me e sair um pouco por este cordão, podia trazê-lo aqui. Vou ver." E então o meu próprio pai pareceu falar algumas palavras diretamente. Nesta ocasião, outros comunicadores foram um pouco preteridos pelos parentes.]

O General

[Ao falar sobre as minhas próximas férias de verão, digo:] (Que tal Poland Spring?) Oh! [aparentemente a rir] Bem, poderias ir para lá? (Poderia ir para lá por pouco tempo. Penso que vou tentar organizar as coisas para ir a Greenacre um pouco e depois ir para o teu antigo poiso, Poland Spring, onde está a água e o bosque.) E a Poland Spring House, lembras-te? (Sim.) Oh, sei tão bem. Estes antigos refúgios perduram na minha memória, mesmo no mundo espiritual.

A única coisa de que me arrependo é da minha absoluta imbecilidade em relação à verdade de uma vida eterna, mas por vezes não temos a perceção espiritual mais aguçada das coisas mais elevadas enquanto estamos no corpo mortal, especialmente quando a mente está atribulada e perturbada com tudo o que o mundo terreno coloca diante de nós, e enquanto a vida [dura] talvez não tenhamos tempo, ou o apreço vivo, e posso dizer o receio, das possibilidades do futuro.

Portanto, cometi os meus erros nessa linha,—não exatamente erros, mas perdi uma grande parte. (Sim.) Mas a minha vida foi ocupada, como

sabes. Fala-me sobre — como está o pequeno Gus, e o Everett, e as crianças e todos? Estão a sair-se magnificamente, não estão? (Bem, penso que sim.) (Pensas que não poderei voltar a vir esta temporada?) Bem, não tenho a certeza. Eles disseram: "Se agora queres falar com a tua amiga de novo, dar-te-emos o privilégio de o fazer e a oportunidade apresentar-se-á imediatamente", e depois disseram: "Designaremos o terceiro dia", e assim sucessivamente, e depois comunicaram-no a alguém no corpo, e disseram: "Porque de momento não vemos a probabilidade de isso acontecer de novo." Mas, se for possível e fores chamada, sabes que tens de vir. (Abri mão de muita coisa desta vez para vir.) Sim, eu sei, mas não podia ser evitado, e foi melhor assim, como podes ver. E não os achaste muito claros hoje? (Sim, muito.) E eu próprio, a única coisa de que me arrependo é de ter de parar de falar. . . . Agora vou-me embora. Não vou dizer adeus, porque odeio a palavra.

SESSÃO DE 21 DE JUNHO DE 1905

O General

O que é a vida é o amor, e o que é o amor é a vida, e o que é a vida e o amor é o espírito. Chamei-te aqui de novo. Senti que não podia permitir que a Luz se fechasse sem me encontrar contigo mais uma vez. . . . Tu libertaste-me, sabias? Nada do lado terreno me prende ou incomoda minimamente. Sou tão livre quanto é possível para um espírito ser. O teu pai envia-te muito amor, e também a tua irmã. Ela está muito mais livre desde a última conversa contigo aqui, tanto que é a rapariga mais feliz que alguma vez viste.

Ajudaste-os imenso ao vires aqui. Não tens ideia do alívio que estas comunicações dão ao espírito. (Dá o meu amor a ambos.) Compreendo que eles vão estabelecer melhores condições após o regresso. ["Eles" significa os espíritos encarregues. "Após o regresso" significa após a temporada de férias.] Compreendo que Imperator fez arranjos especiais — sabes ao que eles chamam uma hora? (Sim.) Vão prolongá-la uma hora e um quarto, no mínimo, e vão fazer o amigo terreno assinar os arranjos deles — ["Amigo terreno" é a expressão que era comummente usada pelas personalidades em transe ao referirem-se especificamente ao Dr. Hodgson.] — porque bem no meio da conversa, por vezes quando os melhores sentimentos estão para ser

transmitidos, a Luz é desligada, e isto não está muito correto. Perco a noção do tempo, exceto que o homem que está encarregue — (Hodgson?) — Hodgson, ele continua a falar de horas e quinze minutos, horas e três quartos, e assim sucessivamente, e isso mantém a questão fresca na memória dos guias espirituais. (Diz a Rector que são quinze minutos — a regra.) Quem diz isso? (Hodgson diz isso.) [Significando que eu tinha recebido instruções para dar a sessão por terminada a uma determinada hora.] Diz?

Bem, ele é um bom rapaz. Recebe muita ajuda. Vou contar-te um segredo — ele tem tendência para ser ciumento, um pouco hostil se não puder fazer as coisas à sua maneira, mas eles controlam-no maravilhosamente por cá. Ele sabe que tudo o que eles dizem está correto e que deve obedecer, se regressarmos. Sabes que por vezes sinto que é possível que não consigamos aceder a esta Luz, e então o que faremos?

Imperator tem tentado criar regras e regulamentos para que, quando a Luz estiver fraca e insatisfatória, ele veja apenas os que realmente merecem e deixe o teste de lado, temendo que a Luz falhe por completo. Mas, presentemente, através das suas preces, tem-na mantido muito bem e agido bem. Não mostra isso, por si só, o poder do espírito?

SESSÃO DE 20 DE DEZEMBRO DE 1905

O General

Bem, estás realmente aqui de novo? Vejo, oiço, compreendo. O teu espírito parece-me mais claro. Não estás mais feliz? (Este é o General, não é?) Sim, e mais ninguém. (Quero que compreendas, e Rector e todos eles, que aprecio total e profundamente o privilégio de vir aqui ver-vos.) A Divina Providência governa bem todas as coisas e, como devo dizer em harmonia com estes bons amigos aqui, se tiveres fé e confiança, tudo está

traçado para o bem e verás, por ti própria, que as coisas são geridas pelo Invisível, no essencial. (Sim.) Compreendes? (Sim.) E o que for a vontade de Deus, far-se-á.

Portanto, a tua vinda aqui é um privilégio para nós, bem como para ti própria, e é em obediência à vontade d'Ele. ["Obediência", com hesitação primeiro, depois "submissão" ou "indecisão".] (Sim.) Como podemos gerir isto de outra forma? Que podemos fazer quando és convocada? (Podes ter a certeza de que estarei presente.) E o caminho abrir-se-á para ti. Deixa-me continuar a falar, porque estamos limitados na nossa Luz. Isto é, o poder esgota-se. . . .

Estou muito ansioso, desde que aprendi tanto sobre esta vida bela e me apercebi da verdade e realidade dela por ter a experiência real, que o mundo, através da tua mão e do teu cérebro, seja tornado ciente em parte do desabrochar, do verdadeiro desenvolvimento da alma depois de deixar o seu ambiente; que é uma consciência ativa, que está no estado de desenvolvimento mais elevado, que é capaz de alcançar o plano físico e agir através de vozes como a tua própria, diríamos nós, para dar expressão e voz à verdade e à realidade de parte do que esta vida contém. Isto é claro para ti? (Sim. Bem, claro que não posso saber sobre a vossa vida exceto conforme ma transmitires.) Mas através do teu próprio desabrochar, como dizes, recebes constantemente ajuda e impressões minhas nesta vida. (Sim.) Não podes trabalhar sozinha sem esta ajuda que recebes, talvez inconscientemente para ti própria, mas não inconscientemente para — a tua mente subconsciente recebe as impressões que te dou e elas desabrocham através da mente consciente.

Portanto, dás expressão precisamente às coisas com que impressiono a tua mente. Fala-me sobre o rapaz. (Bem, o que vês a respeito dele?) [Tenho em mente um meu sobrinho, que vive na Califórnia, em relação ao qual tive muitas comunicações, mas a resposta dele indica que está a perguntar pelo seu próprio rapaz, e eu digo:] (Queres dizer o meu rapaz ou o teu?) Quero dizer o meu. . . . Em relação ao teu rapaz, ele está a uma grande distância no mundo terreno, não está? [Este pensamento foi evidentemente sugerido por algo que foi dito sobre o seu próprio rapaz estar mais perto de mim.] E não é aquele o filho dele? (Que filho?)

Ora, não está aqui? Não é este o rapaz do Max? O nome dele é Plumb. [O nome do meu sobrinho] (Bem, esse é o filho dele, sim.) Bem, queria

falar-te sobre ele, porque ele aproximou-se de mim e, quando o encontrei, disse: "Ora, esta criança pertence certamente à minha amiga no corpo", porque ele estava tão constantemente — lembras-te de um espírito chamado Laura? (Sim, a minha irmã.) Sim, com ela. (Bem, é a minha irmã ou outra pessoa chamada Laura?)

Sim, é outra, é outra pessoa, mas falei-te sobre ela, não falei? (Penso que deve ser algum parente. Gostaria que pudesses ver.) Bem, estão ambas aqui, a senhora e a criança. E a criança deixar o corpo foi uma grande desilusão para ele, mas foi melhor para a criança e infinitamente melhor para ele e para a mãe. (Porquê?) Porque os desenvolvimentos teriam sido muito dolorosos. Deus sabe o que é melhor, e desvendar as Suas verdades levar-me-ia muito tempo. (Bem, não vamos tentar agora. É a minha avó que tem o bebé?) Sim, é a avó da tua irmã — essa seria a tua, claro, certamente — bem, sabes que olhamos para as ligações aqui. Ela é uma senhora idosa, uma senhora idosa, mas no espírito ninguém é idoso. Talvez consigas compreender afirmações contraditórias, se possível.

O nome dela era Laura. (Sim, é isso mesmo.) Ela é muito apegada a essa criança. (Bem, ouvi através de outra Luz que esta minha avó tinha esta criança. Ora, tens-me visto com essa Luz ultimamente?) Sim, sim — [com bastante entusiasmo] — que Luz era essa? Tenho tentado dar-te uma palavra-passe. (Nessa altura?) Sim. Pareceu que não a compreendeste de certa forma. [Esta criança, um bebé de nove meses que eu nunca tinha visto, faleceu a 25 de setembro de 1905, três meses antes da data desta sessão, não tendo ocorrido nenhuma sessão com a Sra. Piper no intervalo, e esta é a primeira referência dela ao caso.

A 8 de dezembro deste mesmo mês, menos de duas semanas antes da data desta sessão, tive uma sessão com a médium conhecida como Sra. S., que me disse que esta criança estava com a minha avó, e que a minha avó e o meu comunicador eram conhecidos e amigos. Deduzi que fosse a mãe da minha mãe, pois a mãe do meu pai faleceu quando eu era uma simples criança. A mãe da minha mãe conhecia-a bem, pois ela só partiu quando eu já era uma jovem mulher.

Era leitora de livros sobre Espiritismo e estava muito interessada no assunto, embora tivesse poucos simpatizantes entre os seus próprios amigos. É a avó que mais provavelmente teria a criança, e o nome dela era Laura. Ver-se-á que quando o meu comunicador pergunta: "Lembras-te de

um espírito chamado Laura", respondo imediatamente: "Sim, a minha irmã", sendo a irmã o primeiro pensamento na minha mente. Esta resposta positiva bem poderia ter desviado as ideias do meu comunicador do caminho correto, mas quando digo: "É a minha irmã ou outra pessoa chamada Laura?", ele responde: "Sim, é outra. É outra pessoa, mas falei-te sobre ela, não falei?" Não sei a que se pode possivelmente referir este "falei-te sobre ela", a menos que signifique que o meu comunicador esteve realmente presente na minha sessão com a Sra. S. duas semanas antes, e que foi ele quem incutiu na médium a garantia de que a criança estava com a minha avó.]

Mas queria dizer-te que esta criancinha é muito feliz e está num lar próprio com estas pessoas, e que elas estão a cuidar bem dela, e que nada se perdeu. (Diz a ambas as Lauras que fico muito contente por saber que a criança está com elas e assim o comunicarei aos pais.) Está correto. Ora, o espírito, o espírito viaja, permanece consciente, procura os seus amigos, alcança-os no lado terreno, mas há algumas coisas que a sua memória não pode e não deseja reter. Há páginas em cada livro da vida que o espírito, quando parte, fecha esse livro na vida mortal, gostaria de esquecer, e assim faz.

Portanto, é mais feliz. (General, estás numa espécie de zona em redor da atmosfera desta terra e podes ir a outros planetas e estrelas se quiseres?) Sim, certamente, e agora há aqui um caso que tem sido muito peculiar e talvez tenha sido comentado no corpo mortal — sem dúvida que sim, porque vi este homem a lutar aqui e depois vi-o partir subitamente. Ele vinha à Luz e a Luz não estava aberta, e ele partia e ia para muito longe, para outro país.

O nome dele é Myers, ou Myer. [Penso que o meu comunicador em vida nada sabia sobre F. W. H. Myers, de Inglaterra, que faleceu em 1901, o ano anterior àquele em que o meu comunicador faleceu.] E ele vem aqui, encontra a Luz fechada — um homem muito ativo, brilhante, excelente, com perceções aguçadas, o tipo de mente mais fino — e vem aqui, descobre que a Luz não está a arder, parte, vai cuidar da sua família — ele tem uma família no corpo mortal — vai procurá-los e permanece com eles, e muitas vezes, quando a Luz está a arder, ele não aparece, mas podes compreender isso devido à sua ausência da Luz e por estar entre aqueles que ama. (Bem, ele vai a outros mundos?)

Vai a outros mundos e outros planetas. Está constantemente a estudar — é um grande estudante — está a estudar as condições e as mudanças e os porquês e os motivos da comunicação, e as leis da vida no espírito, no corpo, e os caminhos de Deus e os caminhos do homem e do espírito em geral. (Agora receio que tenhas de te ir embora.) Terei de me ir embora? — (Diz a Rector —) — mas contigo eu estarei — (Diz a Rector —) — o caminho estará aberto quando eu puder regressar de novo em breve e terminar a minha conversa, pois tenho muito para te contar que não posso proferir hoje.

Nota. A sessão ocorreu na manhã do dia em que Richard Hodgson faleceu. A sua morte ocorreu no final da tarde ou início da noite.

SESSÃO DE 17 DE ABRIL DE 1906

[Esta sessão ocorreu no meu próprio quarto privado, perto de Copley Square, Boston. O "amigo terreno" significa o Dr. Hodgson.]

O General

Olá, olá, olá! Bem, bem, bem! O que tens para me dizer? (Quem fala?) Bem, bem, bem! Olá, Anne! De onde vieste? De onde vieste? Gostaria de saber onde estamos, onde estás, onde estamos todos, onde estou eu. Bem, bem, bem! Sou o General. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! E não me conhecias, pois não? Bem, nunca pensei que chegasse o momento em que não me conhecerias. (Bem, espera um minuto, General.) O que estás a fazer, a escrever? (Sim.)

Oh, estou a ver. Bem, bem, bem, estavas sempre a escrever. Alguma vez fizeste outra coisa? (Agora, General —) Sim, sim. Diz-me, não em números tristes, que a vida é apenas um sonho vazio, e a alma está morta

quando dorme, e as coisas não são o que parecem. A vida é real, a vida é séria, e a sepultura não é a sua meta; não o prazer e não a dor, não foi — não — Pó és, ao pó regressas, não foi dito da alma. (Não esqueceste a tua poesia, pois não?) Não, e nunca esquecerei.

O General

[Ao falar sobre as minhas próximas férias de verão, digo:] (Que tal Poland Spring?) Oh! [aparentemente a rir] Bem, poderias ir para lá? (Poderia ir para lá por pouco tempo. Penso que vou tentar organizar as coisas para ir a Greenacre um pouco e depois ir para o teu antigo poiso, Poland Spring, onde está a água e o bosque.) E a Poland Spring House, lembras-te? (Sim.) Oh, sei tão bem. Estes antigos refúgios perduram na minha memória, mesmo no mundo espiritual. A única coisa de que me arrependo é da minha absoluta imbecilidade em relação à verdade de uma vida eterna, mas por vezes não temos a perceção espiritual mais aguçada das coisas mais elevadas enquanto estamos no corpo mortal, especialmente quando a mente está atribulada e perturbada com tudo o que o mundo terreno coloca diante de nós, e enquanto a vida [dura] talvez não tenhamos tempo, ou o apreço vivo, e posso dizer o receio, das possibilidades do futuro. Portanto, cometi os meus erros nessa linha,—não exatamente erros, mas perdi uma grande parte. (Sim.)

Mas a minha vida foi ocupada, como sabes. Fala-me sobre — como está o pequeno Gus, e o Everett, e as crianças e todos? Estão a sair-se magnificamente, não estão? (Bem, penso que sim.) (Pensas que não poderei voltar a vir esta temporada?) Bem, não tenho a certeza. Eles disseram: "Se agora queres falar com a tua amiga de novo, dar-te-emos o privilégio de o fazer e a oportunidade apresentar-se-á imediatamente", e depois disseram: "Designaremos o terceiro dia", e assim sucessivamente, e depois comunicaram-no a alguém no corpo, e disseram: "Porque de momento não vemos a probabilidade de isso acontecer de novo."

Mas, se for possível e fores chamada, sabes que tens de vir. (Abri mão de muita coisa desta vez para vir.) Sim, eu sei, mas não podia ser evitado, e foi melhor assim, como podes ver. E não os achaste muito claros hoje? (Sim, muito.) E eu próprio, a única coisa de que me arrependo é de ter de parar de falar. . . . Agora vou-me embora. Não vou dizer adeus, porque odeio a palavra.

SESSÃO DE 21 DE JUNHO DE 1905

O General

O que é a vida é o amor, e o que é o amor é a vida, e o que é a vida e o amor é o espírito. Chamei-te aqui de novo. Senti que não podia permitir que a Luz se fechasse sem me encontrar contigo mais uma vez. . . . Tu libertaste-me, sabias? Nada do lado terreno me prende ou incomoda minimamente. Sou tão livre quanto é possível para um espírito ser. O teu pai envia-te muito amor, e também a tua irmã. Ela está muito mais livre desde a última conversa contigo aqui, tanto que é a rapariga mais feliz que alguma vez viste. Ajudaste-os imenso ao vires aqui. Não tens ideia do alívio que estas comunicações dão ao espírito. (Dá o meu amor a ambos.)

Compreendo que eles vão estabelecer melhores condições após o regresso. ["Eles" significa os espíritos encarregues. "Após o regresso" significa após a temporada de férias.] Compreendo que Imperator fez arranjos especiais — sabes ao que eles chamam uma hora? (Sim.) Vão prolongá-la uma hora e um quarto, no mínimo, e vão fazer o amigo terreno assinar os arranjos deles — ["Amigo terreno" é a expressão que era comummente usada pelas personalidades em transe ao referirem-se especificamente ao Dr. Hodgson.] — porque bem no meio da conversa, por vezes quando os melhores sentimentos estão para ser transmitidos, a Luz é desligada, e isto não está muito correto.

Perco a noção do tempo, exceto que o homem que está encarregue — (Hodgson?) — Hodgson, ele continua a falar de horas e quinze minutos, horas e três quartos, e assim sucessivamente, e isso mantém a questão fresca na memória dos guias espirituais. (Diz a Rector que são quinze minutos — a regra.) Quem diz isso? (Hodgson diz isso.) [Significando que eu tinha recebido instruções para dar a sessão por terminada a uma determinada hora.] Diz? Bem, ele é um bom rapaz. Recebe muita ajuda. Vou contar-te um segredo — ele tem tendência para ser ciumento, um pouco hostil se não puder fazer as coisas à sua maneira, mas eles

controlam-no maravilhosamente por cá. Ele sabe que tudo o que eles dizem está correto e que deve obedecer, se regressarmos.

Sabes que por vezes sinto que é possível que não consigamos aceder a esta Luz, e então o que faremos? Imperator tem tentado criar regras e regulamentos para que, quando a Luz estiver fraca e insatisfatória, ele veja apenas os que realmente merecem e deixe o teste de lado, temendo que a Luz falhe por completo. Mas, presentemente, através das suas preces, tem-na mantido muito bem e agido bem. Não mostra isso, por si só, o poder do espírito?

SESSÃO DE 20 DE DEZEMBRO DE 1905

O General

Bem, estás realmente aqui de novo? Vejo, oiço, compreendo. O teu espírito parece-me mais claro. Não estás mais feliz? (Este é o General, não é?) Sim, e mais ninguém. (Quero que compreendas, e Rector e todos eles, que aprecio total e profundamente o privilégio de vir aqui ver-vos.) A Divina Providência governa bem todas as coisas e, como devo dizer em harmonia com estes bons amigos aqui, se tiveres fé e confiança, tudo está traçado para o bem e verás, por ti própria, que as coisas são geridas pelo Invisível, no essencial. (Sim.) Compreendes? (Sim.) E o que for a vontade de Deus, far-se-á. Portanto, a tua vinda aqui é um privilégio para nós, bem como para ti própria, e é em obediência à vontade d'Ele. ["Obediência", com hesitação primeiro, depois "submissão" ou "indecisão".] (Sim.) Como podemos gerir isto de outra forma? Que podemos fazer quando és convocada? (Podes ter a certeza de que estarei presente.) E o caminho abrir-se-á para ti. Deixa-me continuar a falar, porque estamos limitados na nossa Luz.

Isto é, o poder esgota-se. . . . Estou muito ansioso, desde que aprendi tanto sobre esta vida bela e me apercebi da verdade e realidade dela por ter a experiência real, que o mundo, através da tua mão e do teu cérebro, seja tornado ciente em parte do desabrochar, do verdadeiro desenvolvimento da alma depois de deixar o seu ambiente; que é uma consciência ativa, que está no estado de desenvolvimento mais elevado, que é capaz de alcançar o plano físico e agir através de vozes como a tua própria, diríamos nós, para

dar expressão e voz à verdade e à realidade de parte do que esta vida contém.

Isto é claro para ti? (Sim. Bem, claro que não posso saber sobre a vossa vida exceto conforme ma transmitires.) Mas através do teu próprio desabrochar, como dizes, recebes constantemente ajuda e impressões minhas nesta vida. (Sim.) Não podes trabalhar sozinha sem esta ajuda que recebes, talvez inconscientemente para ti própria, mas não inconscientemente para — a tua mente subconsciente recebe as impressões que te dou e elas desabrocham através da mente consciente. Portanto, dás expressão precisamente às coisas com que impressiono a tua mente.

Fala-me sobre o rapaz. (Bem, o que vês a respeito dele?) [Tenho em mente um meu sobrinho, que vive na Califórnia, em relação ao qual tive muitas comunicações, mas a resposta dele indica que está a perguntar pelo seu próprio rapaz, e eu digo:] (Queres dizer o meu rapaz ou o teu?) Quero dizer o meu. . . . Em relação ao teu rapaz, ele está a uma grande distância no mundo terreno, não está? [Este pensamento foi evidentemente sugerido por algo que foi dito sobre o seu próprio rapaz estar mais perto de mim.] E não é aquele o filho dele? (Que filho?) Ora, não está aqui? Não é este o rapaz do Max? O nome dele é Plumb. [O nome do meu sobrinho] (Bem, esse é o filho dele, sim.) Bem, queria falar-te sobre ele, porque ele aproximou-se de mim e, quando o encontrei, disse: "Ora, esta criança pertence certamente à minha amiga no corpo", porque ele estava tão constantemente — lembras-te de um espírito chamado Laura? (Sim, a minha irmã.) Sim, com ela. (Bem, é a minha irmã ou outra pessoa chamada Laura?)

Sim, é outra, é outra pessoa, mas falei-te sobre ela, não falei? (Penso que deve ser algum parente. Gostaria que pudesses ver.) Bem, estão ambas aqui, a senhora e a criança. E a criança deixar o corpo foi uma grande desilusão para ele, mas foi melhor para a criança e infinitamente melhor para ele e para a mãe. (Porquê?) Porque os desenvolvimentos teriam sido muito dolorosos. Deus sabe o que é melhor, e desvendar as Suas verdades levar-me-ia muito tempo. (Bem, não vamos tentar agora. É a minha avó que tem o bebé?) Sim, é a avó da tua irmã — essa seria a tua, claro, certamente — bem, sabes que olhamos para as ligações aqui. Ela é uma senhora idosa, uma senhora idosa, mas no espírito ninguém é idoso.

Talvez consigas compreender afirmações contraditórias, se possível. O nome dela era Laura. (Sim, é isso mesmo.) Ela é muito apegada a essa criança. (Bem, ouvi através de outra Luz que esta minha avó tinha esta criança. Ora, tens-me visto com essa Luz ultimamente?) Sim, sim — [com bastante entusiasmo] — que Luz era essa? Tenho tentado dar-te uma palavra-passe. (Nessa altura?) Sim. Pareceu que não a compreendeste de certa forma. [Esta criança, um bebé de nove meses que eu nunca tinha visto, faleceu a 25 de setembro de 1905, três meses antes da data desta sessão, não tendo ocorrido nenhuma sessão com a Sra. Piper no intervalo, e esta é a primeira referência dela ao caso. A 8 de dezembro deste mesmo mês, menos de duas semanas antes da data desta sessão, tive uma sessão com a médium conhecida como Sra. S., que me disse que esta criança estava com a minha avó, e que a minha avó e o meu comunicador eram conhecidos e amigos.

Deduzi que fosse a mãe da minha mãe, pois a mãe do meu pai faleceu quando eu era uma simples criança. A mãe da minha mãe conhecia-a bem, pois ela só partiu quando eu já era uma jovem mulher. Era leitora de livros sobre Espiritismo e estava muito interessada no assunto, embora tivesse poucos simpatizantes entre os seus próprios amigos. É a avó que mais provavelmente teria a criança, e o nome dela era Laura. Ver-se-á que quando o meu comunicador pergunta: "Lembras-te de um espírito chamado Laura", respondo imediatamente: "Sim, a minha irmã", sendo a irmã o primeiro pensamento na minha mente.

Esta resposta positiva bem poderia ter desviado as ideias do meu comunicador do caminho correto, mas quando digo: "É a minha irmã ou outra pessoa chamada Laura?", ele responde: "Sim, é outra. É outra pessoa, mas falei-te sobre ela, não falei?" Não sei a que se pode possivelmente referir este "falei-te sobre ela", a menos que signifique que o meu comunicador esteve realmente presente na minha sessão com a Sra. S. duas semanas antes, e que foi ele quem incutiu na médium a garantia de que a criança estava com a minha avó.]

Mas queria dizer-te que esta criancinha é muito feliz e está num lar próprio com estas pessoas, e que elas estão a cuidar bem dela, e que nada se perdeu. (Diz a ambas as Lauras que fico muito contente por saber que a criança está com elas e assim o comunicarei aos pais.) Está correto. Ora, o espírito, o espírito viaja, permanece consciente, procura os seus amigos,

alcança-os no lado terreno, mas há algumas coisas que a sua memória não pode e não deseja reter. Há páginas em cada livro da vida que o espírito, quando parte, fecha esse livro na vida mortal, gostaria de esquecer, e assim faz. Portanto, é mais feliz. (General, estás numa espécie de zona em redor da atmosfera desta terra e podes ir a outros planetas e estrelas se quiseres?)

Sim, certamente, e agora há aqui um caso que tem sido muito peculiar e talvez tenha sido comentado no corpo mortal — sem dúvida que sim, porque vi este homem a lutar aqui e depois vi-o partir subitamente. Ele vinha à Luz e a Luz não estava aberta, e ele partia e ia para muito longe, para outro país. O nome dele é Myers, ou Myer. [Penso que o meu comunicador em vida nada sabia sobre F. W. H. Myers, de Inglaterra, que faleceu em 1901, o ano anterior àquele em que o meu comunicador faleceu.]

E ele vem aqui, encontra a Luz fechada — um homem muito ativo, brilhante, excelente, com perceções aguçadas, o tipo de mente mais fino — e vem aqui, descobre que a Luz não está a arder, parte, vai cuidar da sua família — ele tem uma família no corpo mortal — vai procurá-los e permanece com eles, e muitas vezes, quando a Luz está a arder, ele não aparece, mas podes compreender isso devido à sua ausência da Luz e por estar entre aqueles que ama. (Bem, ele vai a outros mundos?) Vai a outros mundos e outros planetas.

Está constantemente a estudar — é um grande estudante — está a estudar as condições e as mudanças e os porquês e os motivos da comunicação, e as leis da vida no espírito, no corpo, e os caminhos de Deus e os caminhos do homem e do espírito em geral. (Agora receio que tenhas de te ir embora.) Terei de me ir embora? — (Diz a Rector —) — mas contigo eu estarei — (Diz a Rector —) — o caminho estará aberto quando eu puder regressar de novo em breve e terminar a minha conversa, pois tenho muito para te contar que não posso proferir hoje.

Nota. A sessão ocorreu na manhã do dia em que Richard Hodgson faleceu. A sua morte ocorreu no final da tarde ou início da noite.

SESSÃO DE 17 DE ABRIL DE 1906

[Esta sessão ocorreu no meu próprio quarto privado, perto de Copley Square, Boston. O "amigo terreno" significa o Dr. Hodgson.]

O General

Olá, olá, olá! Bem, bem, bem! O que tens para me dizer? (Quem fala?) Bem, bem, bem! Olá, Anne! De onde vieste? De onde vieste? Gostaria de saber onde estamos, onde estás, onde estamos todos, onde estou eu. Bem, bem, bem! Sou o General. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! E não me conhecias, pois não? Bem, nunca pensei que chegasse o momento em que não me conhecerias. (Bem, espera um minuto, General.) O que estás a fazer, a escrever? (Sim.)

Oh, estou a ver. Bem, bem, bem, estavas sempre a escrever. Alguma vez fizeste outra coisa? (Agora, General —) Sim, sim. Diz-me, não em números tristes, que a vida é apenas um sonho vazio, e a alma está morta quando dorme, e as coisas não são o que parecem. A vida é real, a vida é séria, e a sepultura não é a sua meta; não o prazer e não a dor, não foi — não — Pó és, ao pó regressas, não foi dito da alma. (Não esqueceste a tua poesia, pois não?) Não, e nunca esquecerei.

(General—) Sim? Não importa quão estreito seja o portão, Quão repleta de castigos a sentença, Eu sou o senhor do meu destino, Eu sou o capitão da minha alma. Isto não é original, mas adoro-o. (Agora, General, sabes que falaste tanto como o amigo terreno quando vieste ao início —) Bem, ele estava mesmo ao meu lado, e estava tão determinado em falar primeiro; eu estava a tentar ver se conseguia que ele me desse o consentimento dele para me deixar, sem ele, e primeiro ele entrou e depois afastou-se e deixou-me entrar, e foi assim que isso aconteceu. (Então essa é a razão pela qual não te reconheci bem ao início.)

Bem, já te perdoei há muito tempo. Não guardo rancor por isso. Sei que é difícil porque não me podes ver. Compreendes, sendo um espírito, sou tão subtil, o meu corpo etéreo é subtil e tão subtilmente construído e tudo o mais, que não o podes ver com o teu olho mortal, mas com o teu olho espiritual poderias ver-me claramente. As crianças estão todas bem? Tu estás bem? Ocupada? Ocupada como uma abelha. (Bem, espera um momento, General. Lamento não conseguir falar mais depressa —) Falar e escrever também? Bem, o corpo tem as suas limitações, sabes. (Sim, presumo que sim. Ora, disseste, "onde estamos todos".

Agora quero saber se sabes onde estás, onde estás realmente, neste local neste momento.) No momento presente? (Sim.) Bem, posso olhar em redor um pouco e ver? (Sim.) Bem, agora dá-me apenas tempo. [Os dedos da mão tocam-me no rosto, descansam um momento sobre a minha própria mão, depois encontram uma fotografia de tamanho de gabinete do meu comunicador numa moldura dourada que está em cima da mesa de fácil alcance.

Isto ocupa apenas um minuto ou dois. Depois, enfaticamente:] Ah! ah!. Não me consegues enganar! Estou no teu quarto. Aquele sou eu, aquele sou eu! (Sim.) Estou no teu quarto. Bem, estou mais contente do que posso expressar. Isto é um prazer inesperado e um deleite perfeito para mim. Bem, devo dizer que estou mais feliz por isso. Como é que acontece? Talvez não precises de perder tempo a explicar, talvez outra pessoa o faça por mim, mas estou apenas um pouco num dilema para saber como aconteceu.

Oh, que tolo eu fui! Não sabia, não me apercebia de que viveria de novo e, de todas as coisas, a que menos esperava era regressar. (As filhas da Luz estavam doentes, e por isso a Luz tem permanecido afastada delas, e as reuniões têm sido neste meu quarto há já algum tempo.) Essa é a razão pela qual fui tão atraído para aqui que roguei a Rector que providenciasse para que eu te falasse. (Compreendo.)

Fiz tudo o que podia para evitar interromper cada vez ultimamente. (Sim.) Bem, isso justifica-o. Vês que isso me ajuda a compreender. Muito obrigado. [Esta foi a primeira sessão privada minha que ocorreu após a partida do Dr. Hodgson, embora eu tivesse assistido a muitas sessões durante o inverno como assistente e anotadora, e tivesse sido reconhecida pela personalidade de Hodgson, pois deve ser compreendido que o Dr. Hodgson pretendia regressar através da Sra. Piper muito pouco tempo após a sua morte.

Isso é um assunto, contudo, que estou a deixar para outros apresentarem. Mas a sua maneira de saudação foi algo parecida com o que aparece nas observações de abertura desta sessão. De facto, as duas personalidades parecem estar fundidas, provavelmente de forma indistinguível para o leitor para quem ambos os homens eram estranhos quando em vida, embora as características peculiares de cada um sejam bastante aparentes para mim. A profusão de saudações exclamativas é

hodgsoniana, enquanto o arrebatamento irreprimível em ritmo é martiniano.] Agora não tens nada para me dizer? Quero que me digas muitas coisas. (Deixarás Hodgson vir uns momentos antes —) Oh, ele vem aí, não te consegues livrar dele tão facilmente. Sabes que isto é um grande telefone e eu estou a falar para ele. (Explica isso melhor, queres?) Sim, explicarei.

O telefone está cheio de éter do nosso mundo, e é um recetáculo, um vaso, e sopramos para dentro dele exatamente como soprarias um fole, o ar através de um fole para um fogo aberto, para um fogo aberto, e depois ligamos um cordão, um cordão etéreo, a isso e falamos diretamente através desse cordão para dentro da máquina, e fazemos esta máquina proferir os nossos pensamentos. (Compreendo.) (Agora, General,—) Hodgson vem aí (Diz-lhe para esperar um momento.) Sim, bom rapaz,—estou contente por conhecê-lo. [O Dr. Hodgson e o meu comunicador não se conheciam durante a vida, embora cada um soubesse algo sobre o outro.]

Há muito mais que eu queria dizer, mas receio não ter as forças. (Bem, o tempo está quase a terminar, e suponho que devo falar com Hodgson. De qualquer forma, quero.) Bem, ele vai fazê-lo, mas vou ver-te novamente algures no tempo. . . . Suponho que devo afastar-me. . . . Isto é a coisa mais maravilhosa no mundo hoje. . . . Devo afastar-me e deixar este cavalheiro falar. Adeus. É um *au revoir*, não adeus. (Adeus, General.) ["Este cavalheiro" significa o Dr. Hodgson, com quem mantenho uma breve conversa, que achei melhor não inserir.]

Subliminar

[Quando a Sra. Piper está a sair do transe, há breves observações e declarações interrompidas, algumas delas muito claras, algumas delas num sussurro, algumas delas bastante indistintas e totalmente ininteligíveis. A aparência é como se ela estivesse a dar um último olhar aos espíritos que estão por perto, e como se estes espíritos, enquanto ela regressa ao seu corpo, estivessem a incutir na sua mente palavras e mensagens para ela repetir a quem está sentado. Algumas das suas declarações interrompidas também indicam a sua perceção regressiva dos seus arredores no quarto onde a sessão ocorreu.] A ficar escuro. Estão todos a ir embora. [Murmurando algo ininteligível]

Pergunto-me o que Martin tem a sua mão nisso— O General Martin é— não te conheço — [Olhando para cima interrogativamente] Não te consigo ouvir — [Fazendo grande esforço para ouvir] O quê? Estou mais feliz por isso. Ela compreenderá. Está tudo bem comigo. Espero que esteja com ela. [Notar-se-á que "Estou mais feliz por isso" é a mesma frase que a usada pelo meu comunicador através do transe, como se ele estivesse a repetir ao espírito regressivo da Sra. Piper parte da mesma linguagem usada comigo enquanto ela estava inconsciente do que estava a ser transmitido através do seu organismo.]

SESSÃO DE 6 DE JUNHO DE 1906

[Tinha sido dada permissão para a minha irmã Grace, Sra. Moore, me acompanhar nesta ocasião. Ela esteve presente na abertura da sessão e no seu encerramento, pois eu queria que ela visse a médium entrar e deixar o estado de transe, e penso que ela trocou algumas palavras com Rector.]

O General

(Tenho cópias de tudo o que me disseste aqui, e não penso que será tudo publicado pela Sociedade, por isso deixa o caminho livre para eu publicar algo no meu livro, e proponho-me fazer isso, e falar da tua vida em Boston.) Muito bem. Gostaria imenso disso, porque agora não me importo. Vivi para conhecer a verdade, para compreender a verdade e para falar a verdade, e a verdade viverá, e não tenho vergonha do meu nome ou de nada associado ou ligado a ele, e a verdade ostentará o seu peso por todo o universo, e penso que é melhor ser franco e aberto e honesto com o nome. Ouvi um pouco de música no teu quarto na outra noite e ouvi um instrumento a ser tocado, e sentei-me numa grande cadeira mesmo perto da mesa.

Tu estavas aparentemente reclinada. (Estava outra pessoa a fazer a música?) Sim, sim. Era a tua irmã, penso eu. E tu foste reclinar-te, e eu estava sentado na cadeira grande e a ouvir. (Isso foi adorável.) E ouvi tudo. E depois ouvi— (Queres que a minha irmã entre no quarto agora?) Receio que isso me interrompa. Ouvi "Old Oaken Bucket" claramente. (A minha irmã estava a tocar isso ou era eu?) Tu estavas a tocá-lo. (Bem, esse é um dos meus favoritos.) Bem, não o conheço de todo. Sei que o ouvi.

Ouvi-te tocá-lo. Apanhei a melodia. Depois ouvi-a tocar uma coisa religiosa, uma peça religiosa. (Agora, General, espera um momento. A minha irmã está mesmo lá fora. Penso que a vou chamar para entrar, mas não precisas de falar com ela a menos que desejes.) Receio que isso me interrompa. Pensei que pudesse interromper os meus pensamentos. (Quando estou sozinha no meu quarto por vezes sento-me e toco um pouco, e frequentemente toco "The Old Oaken Bucket") Sim, sim, oiço isso. Bem, ouvi isso.

Depois ouvi outra pequena que soava como "The Suwanee River". (Eu não a toquei.) Não, a tua irmã. Ela tocou alguns compassos disso. E depois ouvi uma valsa, uma valsa a ser tocada. Penso que ela tem um toque muito bonito, e penso que ela canta um pouco, não canta? (Oh, sim.) But porque é que ela não canta? Ouvi-a a cantarolar mas não muito canto com isso. (Bem, a garganta dela incomoda-a um pouco agora.) Ela não está bem, mas o espírito melhorará a carne. [Não toco muito, e não toco frequentemente, mas provavelmente toco "The Old Oaken Bucket" mais frequentemente do que qualquer outra peça. Não a toquei na noite referida. Esta sessão ocorreu na quarta-feira. Na sexta-feira à noite precedente eu estava no meu quarto com a minha irmã, Sra. Moore, que me visitava então, embora não estivesse comigo há quase um ano antes desta visita. Um amigo dela fez uma visita e, durante a noite, a minha irmã, que é muito musical, sentou-se ao piano.

Desloquei-me para um sofá, decididamente reclinada. O amigo sentou-se numa pequena cadeira de baloiço, e a cadeira Morris, a maior cadeira do quarto, que estava perto da mesa central, estava desocupada. O toque da minha irmã é notado entre os seus amigos pelo seu toque notavelmente bonito, e ela tem uma forma de cantarolar por vezes quando não se sente capaz de cantar.

Conforme me lembro desta noite, ela cantou num tom baixo ao início, e finalmente cantou uma ou duas canções na sua maneira natural. Ela diz-me que tocou apenas alguns trechos de "The Suwanee River" na noite em questão, embora eu não me lembrasse e não pudesse ter dito que ela o tocou.]

SESSÃO DE 26 DE SETEMBRO DE 1906

[Há nesta ocasião uma conversa bastante longa com o Dr. Hodgson. Esta e a conversa de Rector ocupam a maior parte da hora.]

O General

Aqui estou. Estou deliciado por te ver. Como estás? (Estou ótima. Não pensas assim?) Bom. Não é esplêndido! Sim, penso que estás. Nunca te vi melhor. Perguntaste à tua irmã sobre essa música? (Sim.) Bem, não estava eu certo? (Sim, estavas. Ela tocou, "The Suwanee River" naquela noite, mas eu não o sabia.) Sim, e tu frequentemente tocas "The Old Oaken Bucket"? (Sim.) Sabes que estou contigo quando o teu corpo está em repouso e o teu espírito está a flutuar por aí a conversar comigo? Lembras-te disso quando acordas?

O que estás a fazer? Estás a escrever? (General, tenho de escrever cada palavra. Gostaria de não o ter de fazer.) Porque não divides a diferença e divides a tua mente? (Bem, fá-lo-ei. Isso estorva-me. Penso que vou largar isso agora.) Gostaria que o fizesses. Perdes a personalidade- [O que significa que descarto o papel e a caneta, sento-me perto da Sra. Piper e mantenho uma conversa fácil e natural com o meu comunicador.]

SESSÃO DE 5 DE AGOSTO DE 1907

[A data desta sessão está um pouco fora da temporada. A Sra. Piper tinha acabado de regressar de Inglaterra e deu algumas sessões antes de deixar Boston novamente para passar o resto do verão no campo.]

O General

Pequenos riachos fazem regatos mais largos, Os regatos avolumam-se, os rios crescem; E juntam-se às vagas do oceano, Avante, avante, conforme vão. Isso soa natural? (Sim. Dirás isso mais uma vez?) [Verso repetido] (Tudo bem, isso é natural. Como vais, General?) Bem, como vais tu? Faço o que me apraz a maior parte do tempo. Apercebes-te de que mesmo que eu continue na vida, progredindo nesta vida, e vá passo a passo, o meu espírito esteja a melhorar, continuo a olhar para trás, e nunca um passo em frente dou sem que olhe para trás e viva em memórias agradáveis sempre dos velhos, antigos dias. . . . Tenho sentimento suficiente na minha natureza que se tornou uma parte de mim próprio e do meu espírito aqui que, se eu soar ou parecer sentimental, deves desculpar, porque é uma parte do

espírito. (Não podes ser demasiado sentimental para mim.) Conheço a tua natureza, mas digo que o sentimento é uma parte, e uma parte mais fina, mais elevada, da vida espiritual e da sua existência. E a vida é amor e o amor é vida, e a vida é amor, portanto é universal. [Ao falar sobre o poder mediúnico de outra médium, ele conclui dizendo:]

Bem, pergunta a Hodgson. Ele dir-te-á. Ele tem sido uma grande ajuda para mim por cá, e tem estado a ajudar Myers durante todo o arder da Luz. Talvez não saibas o que tem estado a acontecer? (Não muito.) Bem, talvez seja tão bom se não souberes. Eu próprio não sei muito sobre isso, apenas sei que estamos muito satisfeitos deste lado. [Isto refere-se sem dúvida ao trabalho da temporada que acabou de fechar. Ver *Pr. S. P. R.* Parte LVII, Vol. XXII, outubro, 1908.] [Perto do encerramento da hora o meu comunicador diz:]

Mas vou perguntar a Hodgson que parte dos seus relatórios ele quer que tenhas e ele dir-te-á. (O tempo terminou.) Devo deixá-lo vir. (O tempo terminou.) Bem, ele tem de te falar, não o posso evitar. Não é adeus, apenas *au revoir*. [Segue-se uma breve conversa com o Dr. Hodgson, no encerramento da qual ele diz: "Deus te abençoe, e mantém-te firme nisso. Esse é o conselho do teu velho amigo R. H."]

SESSÃO DE 20 DE NOVEMBRO DE 1907

[Há muito pouco que possa ser citado desta sessão. Mantive conversas com três comunicadores, e o meu velho amigo Hiram Hart enviou uma breve mensagem de lembrança. Mais de vinte e quatro anos decorreram desde que ele partiu. Esta é a ocasião na qual o meu comunicador diz que "as demoras são perigosas" e ele deseja agora que eu empurre o meu trabalho para a frente tão rapidamente quanto possível. Enquanto me aconselha e exorta, diz:]

O General

És um pouco obstinada, sabes disso? Ganhas uma ideia e queres carregar essa ideia, analisa-la, repete-la na tua mente, e tens tendência para voltar à primeira ideia. Por vezes as mentes mais amplas e mais razoáveis estão dispostas a adicionar uma ideia à sua ideia mais antiga, e ter duas ideias em vez de uma. (Bem, espero que sim.) [Mais à frente ele diz:] Imperator chama-te uma das suas crianças. Suponho que deves ser. (Estou contente por saber disso.) Bem, ele vigia-te com o seu olho que tudo vê e não quer que falhes ou caias em erro.

[O que se segue é a minha ilustração final das comunicações de voz corrente deste período.]

SESSÃO DE 17 DE JUNHO DE 1908

O General

Ouviste falar de portões de pérola e ruas de pérola? Esses eram tão reais quanto qualquer expressão que possas usar na vida física. Mais reais. É um facto,—há ruas de pérola, portões de pérola. (Precisamente como a nossa pérola?) É semelhante. Sim, a comparação é tão próxima que não a poderias confundir por um momento. E os nossos castelos, os nossos lares, são reais. São tão reais para nós quanto os teus são para ti. O teu é simplesmente a imitação, o nosso é o real. Temos ruas, temos jardins, temos lares, temos rios, temos lagos. Se nos banharmos no rio as nossas vestes não ficam molhadas, mas ainda assim somos purificados, somos limpos. Mas o cabelo natural—mas entrar nele não satura as nossas vestes, e não molha o que tu chamas o cabelo. Saímos e está leve e seco, as vestes estão secas, mas a alma é purificada pelo banho nas águas. Isto é claro para ti?

Caminhamos em redor dos lagos, caminhamos nos jardins, encontramos amigos, comungamos com amigos, ouvimos música, ouvimos sermões, e passamos o nosso tempo a glorificar a Deus e a viver na Sua presença, de certa forma,—compreendendo o que a Sua mão criou e aquilo com que Ele nos abençoou, a vida eterna. (Quando sais do teu palácio e olhas para cima, em direção ao que seria o nosso céu, o que vês?) Vemos acima de nós, vemos o nosso mundo radiante, cheio de luz, um belo e suave luar, difícil de compreenderes por ser tão claro, tão belo, tão luminoso.

Não vemos o que tu vês—estrelas—mas vemos este belo luar acima de nós, a toda a nossa volta. O ar está perfumado com o mais delicioso perfume. É tão requintadamente delicado que parece quase uma parte da nossa própria existência, de tão belo, tão delicado e tão real que é. E vemos acima de nós esta bela luz, e é o que chamarias no teu mundo os céus. Está acima de nós, muito acima de nós, e vemos por vezes, vemos—um rosto aparecer. Fica mais luminoso por vezes, especialmente quando estamos num estado particularmente feliz.

O rosto aparece acima de nós e sabemos que é o rosto de Cristo. Ouvimos o roçar da veste, por assim dizer, e depois desaparece e outra pessoa recebe a visão. (Vês alguma vez outro rosto assim nos céus, exceto o de Cristo?) Vemos o que chamarias—há santos a assistir aqueles que precisam de ajuda, ou que talvez tenham acabado de fazer a passagem, não compreenderam as condições, e estes santos aparecem para lhes dar coragem e para lhes dar fé, e para lhes mostrar que esta é a vida perpétua e eterna. Não sou muito bom a pregar. (Então não tendes o nosso belo firmamento de estrelas à noite?) Temos o que corresponde às vossas estrelas.

Há raios, por assim dizer, pequenos raios cintilantes por todo o firmamento, por todos os céus. Vemos estes pequenos raios a toda a nossa volta, esta bela figura a passar, vemos outro rosto e depois outro, conforme passa. Porque não entramos em maior proximidade com eles, como dizemos? Porque são superiores até a nós próprios, progrediram, avançaram para uma esfera ainda mais elevada do que a nossa.

Isto é, são as forças controladoras, as forças que governam, e regem a nossa própria vida e o nosso próprio mundo. Compreendes? (Sim.) Uma palavra de comando, simplesmente uma mão erguida—sabemos o seu significado, compreendemo-la, percebemo-la como uma criança pequena perceberia o perigo, ou um animal sensível perceberia o perigo. [O termo "subliminar", conforme aplicado nos primeiros anos às declarações no encerramento do transe, adotei-o dos relatórios de outros.]

[Não tenho notas exatas do que a Sra. Piper disse nesta ocasião enquanto saía do transe, mas tenho um memorando de que ela mencionou os nomes de quase todos os meus amigos especiais no Outro Lado, como se os estivesse a ver:—Hiram Hart, o General, a minha irmã Laura, o meu pai, o bebé, a minha avó, Pickett. A minha avó ergue o bebé e o bebé envia

amor à sua mãe, e precisamente nesse momento o General colheu uma rosa e entregou-a ao bebé, e o bebé estava a desfolhá-la. A médium, regressando gradualmente à consciência, chama a isto uma das visões mais belas que alguma vez viu.]

Extratos da Sessão de 8 de Agosto de 1915

Rector a Controlar

[Supunha-se que o General estava a comunicar e, após algumas observações de abertura, ele disse:] Disse a Hodgson para te falar sobre uns papéis. Ele fê-lo? (Bem, eu recebi os papéis e os lápis, se é isso que ele quer dizer.) [Referindo-se simplesmente a papel e lápis a utilizar na sessão, vários blocos de papel.] Não, há muito tempo, nuns sábados. Disse a Hodgson para dizer que estava como eu gostava de ver, e tu estavas um pouco preocupada com uns papéis. (Queres dizer quando eu estava a examinar papéis antigos e a destruir alguns?)

[Durante algum tempo antes desta data, eu tinha, em minha casa, não no meu escritório, examinado uma grande quantidade de papéis privados e destruído a maior parte deles.] Não, encontraste-os na altura das nossas mensagens. Tenta lembrar-te. (Tentar o farei, mas não consigo pensar—) Recebeste uma mensagem de Hodgson através desta Luz? (Sim, mas não me lembro de papéis.) Não mencionámos papéis, mas vimo-te sem dormir e preocupada, e viemos e demos uma mensagem. Não importa se não a recordas.

Enviámo-la da mesma forma. [Isto foi provavelmente dito pelo guia.] (Provavelmente lembrar-me-ei.) Pergunta à rapariga que acabou de sair. [Significando Alta Piper, a filha mais velha da Sra. Piper, que estava presente na abertura da sessão e tinha então saído do quarto.] (Tudo bem, perguntarei.) Melhor esclarecer isso e depois passaremos para outras coisas. Chama-a. Hodgson. [A Menina Alta regressa.] Hodgson diz que enviou uma mensagem a dizer que tudo estava— e tu entregaste-a. A última mensagem que ele enviou. [Provavelmente pelo guia.] [Pela Menina Alta] (Queres dizer aquela que enviei no outro dia?) Não. Recordas-te de ter perdido uns papéis? [Pela Menina R.] (Não, não me recordo.) E de sonhar? Recordas-te da nossa mensagem na altura? [Num relance de reconhecimento] (Sim, sim, sim, sim! Oh, isso foi belo!

Encontrei os papéis perfeitamente numa secretária. Lembro-me nitidamente de que afastei isso da minha mente e pensei que havia de os encontrar, e encontrei-os logo no dia seguinte, penso eu.) Mas a rapariga enviou a nossa mensagem ao mesmo tempo. (Oh, sim, penso que chegou ao mesmo tempo. Lembro-me nitidamente de Hodgson falar do meu bom trabalho.) Vimo-te, e essa foi a nossa forma de te dizer. (Sim, sim, tudo bem agora.) Esplêndido! Tão contente por agora compreenderes. Quero provar-te que somos— [Interrupção devido à dificuldade na leitura, e esta frase não foi terminada exceto por alguma garantia pessoal. Pela altura em que compreendi, a mão deu três pancadas na mesa.]

As minhas notas e a minha memória dizem que a mensagem foi realmente escrita cedo no dia no qual tentei afastar o fardo completamente da minha mente, e que os papéis foram encontrados bastante cedo no dia no qual recebi a mensagem pelo correio. A minha mente parece, no relato precedente, estar um pouco densa, não sendo rápida a compreender ou a reconhecer, mas pela referência às palavras reais da mensagem ver-se-á que não era fácil na altura aplicá-las à perda e ao encontro reais dos papéis, embora eu sentisse fortemente que tinham algo a ver com a minha situação invulgar em relação ao meu trabalho. Este incidente sugere fortemente a telepatia entre os vivos e os mortos.

REGRESSO TEMPORÁRIO DO TRANSE

AGOSTO DE 1915

Desde novembro de 1909 que eu não via a Sra. Piper no transe profundo característico das suas sessões anteriores a essa data. Ela e as suas filhas passaram o verão de 1915 num outro estado da Nova Inglaterra. A 5 de agosto desse ano, a seguinte mensagem chegou através da escrita involuntária e foi-me prontamente enviada pelo correio para Boston. Apresento-a completa, tal como me chegou.

"SAUDAÇÃO + + Hodgson & Rector Robbins, estamos a chamar-te para te reunires connosco no próximo sábado como antigamente, através da luz, e deves estar de prontidão e totalmente preparada para cumprir todos os requisitos, pois grandes e boas coisas hão de resultar disso. Não fujas a quaisquer responsabilidades que te sejam exigidas por nós. Permanece nestes arredores quando o mundo terreno estiver num estado de prece. Muitas mensagens hão de ser enviadas e muito há de ser-te dito. Orientação

é o que precisas. Acautela-te e está presente e de prontidão para te reunires connosco no dia mencionado. Entretanto, o nosso amor e a nossa bênção repousam sobre ti.

- Adeus. R. & H."

Um dia ou dois antes, eu tinha recebido um convite da Sra. Piper para passar o fim de semana com ela, mas como ia partir em breve numa viagem para a costa da Califórnia, não achei melhor aceitar, e tinha escrito a recusar. Depois surgiu o chamamento. A 6 de agosto, a própria Sra. Piper tinha-me escrito, e dessa carta cito: "Escrevo para dizer que as mensagens chegam, como sem dúvida sabes, automaticamente, portanto é, pensamos nós, difícil saber quanta confiança se deve depositar no que chega desta forma específica. Por conseguinte, desejamos que uses o teu próprio critério quanto a valer ou não a pena gastares tanto tempo e dinheiro apenas por causa destas declarações. Ficaríamos, contudo, muito contentes por te ver, como saberás pela minha carta anterior na qual te convidei para passares o fim de semana connosco. Acabo de receber a tua carta e penso que és sensata em te manteres no teu posto, embora lamente não te ver antes de partires."

O último parágrafo refere-se à minha carta a recusar o convite, que eu tinha enviado pelo correio antes de receber a mensagem de 5 de agosto. De acordo com a minha política dos anos passados, eu não pensaria, escusado será dizer, em desconsiderar o chamamento ou em desobedecer às instruções, e por isso determinei estar presente, ao contrário da minha decisão anterior.

A sessão ocorreu na manhã de domingo, 8 de agosto. Eu supunha que devíamos simplesmente aguardar a escrita automática, pensando que as palavras "como antigamente" se referiam apenas ao facto de eu ser chamada. Por isso, fiquei de facto surpreendida quando, ao fazermos os preparativos para a sessão, vi a Sra. Piper organizar almofadas numa mesa à sua frente da mesma forma que antigamente, e não foi senão até esse momento que compreendi que ela e a sua filha Alta esperavam ou tinham esperança no transe.

Baste dizer que a médium entrou no estado de transe e saiu dele praticamente da mesma forma que antigamente, demorando cerca de onze minutos a sair. Pareceu-me notar um pouco mais de facilidade do que

outrora ao entrar no transe, embora a diferença fosse mal percetível. A Sra. Piper observou, depois de ter regressado à sua condição normal, que a única diferença de que ela própria se apercebeu foi que pareceu, durante a sessão, estar consciente de uma presença no quarto. Rector deu-se ao trabalho de explicar que eles não estavam dentro da mesma forma que anteriormente.

As observações de abertura foram as seguintes: "+ SAUDAÇÃO. Vimos saudar-te mais uma vez. R. Hodgson também aqui. Bom dia, amiga da terra. Vimos saudar-te como prometemos há muito tempo. A mãe envia saudações, querida filha. Anseio por explicar como encontrei a vida aqui. Tão feliz, livre e, acima de tudo, bem. . . . Quero que saibas que, se estivesse de volta, não me riria mais da tua credulidade. Tudo se me tornou tão claro. Tudo é tão diferente do que eu tinha pensado."

Muitos espíritos pareceram surgir nesta sessão e mensagens pessoais foram enviadas, as quais eu era, naturalmente, esperada que entregasse. Uma comunicação clara, embora breve, chegou até mim, supostamente de William James, nas seguintes palavras: "W. J. Bom dia, Menina Robbins. Compreendo absolutamente e tudo é esplendidamente compreendido por e entre nós. O meu amor e saudações, se não te importares de aceitar o meu amor."

Respondi: "Estou orgulhosa e satisfeita por o receber."

O significado desta breve comunicação foi imediatamente apreendido por mim, mas não é fácil torná-lo claro para os outros. Uns seis anos ou mais antes, eu tivera uma série de conversas com William James a respeito da publicação de material pertencente ao trabalho com Piper, e ele dera-se ao trabalho de me explicar por que razão se deve ter cuidado ao emprestar o prestígio de um grande nome ou de uma reputação bem ganha, como as seguintes palavras, retiradas de uma carta sua, que data de 1908, mostrarão: "Escrever um prefácio é, praticamente, cooperar; e só se deve cooperar com o que se funde com os nossos próprios fins. Se emprestamos o nosso nome a fins secundários, esbanjamos qualquer autoridade que este possa eventualmente vir a exercer na direção dos fins mais essenciais."

Esta foi a segunda vez que soube dele, brevemente; a comunicação na primeira ocasião, na ocorrência muito precoce da escrita involuntária sem transe, foi simplesmente uma saudação e um—"lembras-te do . . .

incidente?". Se bem me recordo, o Dr. Hodgson estava no momento a dar-me uma comissão pessoal, e estava a incutir-me a importância do segredo no caso, e a breve pergunta de W. J. foi extremamente apropriada porque o "incidente" era um com o qual ele devia estar muito familiarizado, mas do qual poucas pessoas sabiam, e era um caso em que a falta de segredo suficiente tinha causado algum mal-entendido e infelicidade.

Na mensagem citada no início deste capítulo afirmava-se que grandes e boas coisas haviam de resultar da sessão que se seguiria em breve, e fui avisada para não fugir a quaisquer responsabilidades colocadas sobre mim pelas personalidades espirituais. É talvez desnecessário dizer que, ao relatar tais sessões, nas quais era provável que chegassem mensagens, e quase sempre chegavam, para pessoas distantes, considerei conscienciosamente o meu dever transcrever tais mensagens o mais fielmente possível, e entregá-las o mais prontamente possível.

Estas mensagens podiam ser meras garantias de lembrança contínua e afeto, podiam ser declarações cujo real significado eu era totalmente incapaz de interpretar, e, por outro lado, podiam envolver consequências não só de vital importância para as pessoas a quem eram enviadas, mas também de grande peso e influência de longo alcance como prova da possibilidade de comunicação entre os dois mundos.

A título de ilustração, poderia dizer que foi nesta sessão que a famosa chamada "Mensagem de Faunus" chegou para Sir Oliver Lodge, uma alusão clássica, a saber: "Myers diz que assumes a parte do poeta e ele agirá como Faunus", mais tarde interpretada como significando que um golpe havia de atingir Sir Oliver, o qual seria suavizado pelo espírito de Myers; uma mensagem que tem sido muito discutida por pessoas proeminentes interessadas na investigação psíquica, e pelo próprio Sir Oliver na Parte II, a começar no Capítulo II, do seu livro *Raymond*. A mensagem em questão chegou a Sir Oliver perto do início de setembro de 1915. O seu jovem filho Raymond estava então na Grande Guerra e, no décimo quarto dia do mesmo mês, foi morto na Frente Ocidental.

Extratos da Sessão de 17 de Janeiro de 1917, Rector a Controlar

Parece haver algum mal-entendido no que diz respeito à nossa atitude ou à tua própria, para o qual não parece haver motivo adequado. . . . Vem

quando o espírito te incitar e serás sempre bem-vinda. Aguardamos o tempo de Deus e quando Ele deseja, regressamos. Estamos contentes por te saudar, amiga. Hodgson diz especialmente que se importa pouco com luzes em geral, mas que conhece uma luz quando vê uma. Está sempre atenta. Fala. (Penso que compreendo agora totalmente, mas houve certamente razões há algum tempo pelas quais eu—) Condições físicas e de outra forma materiais, mas tudo isso está a passar e a luz está a clarear. (Sabes que eu costumava ser chamada para o meu trabalho mais importante, embora se nunca tivesse procurado em primeiro lugar nunca teria encontrado, e estou disposta a procurar agora.) Compreendo, mas chega o tempo em que o homem deve procurar para encontrar, e no entanto há momentos em que é mais sensato não procurar. [Faço algumas perguntas sobre uma possível publicação futura.] Deve haver sempre algo da individualidade de quem escreve. Testes não aconselhamos tanto agora. Parecem ser coisas do passado. . . . Hodgson está aqui agora.

Hodgson

Acreditas por um único momento que a minha individualidade está perdida ou sequer obscurecida? Nem por um instante. Há tantas revelações para serem dadas que parece valer bem a pena escutar. Escuta, Menina Robbins. Pensas que pai, mãe, irmã, amante, amigos, pode alguém por um único momento esquecer? (Não, de facto não penso.) [Houve uma pequena dificuldade na leitura da frase seguinte, mas estou bastante certa de que a intenção era:] Desperta para o chamamento de muitas vozes e responde-lhes. Há de passar uma tremenda vaga psíquica pelo teu mundo assim que aquele terrível conflito terminar. (Sim, mas espero que não tenhamos de esperar até que a Guerra esteja totalmente terminada.)

Muitas almas têm vindo para o nosso lado sem serem chamadas, o que nos tem mantido muito ocupados. (Sim, compreendo.) Ah, talvez não compreendas totalmente. Queremos dizer através de diferentes canais, não apenas este. [Recordar-se-á que U. D. é a abreviatura deles para a palavra "compreender". Reproduzo-a ocasionalmente.] O mundo inteiro irá então compreender melhor o que a vida e a chamada morte realmente significam. [Várias mensagens foram-me confiadas para serem entregues a outras pessoas, e as habituais observações de despedida foram feitas.]

Nesta sessão, durante uma parte da hora, a Sra. Piper pareceu quase em transe, deixando cair a cabeça nas almofadas com o rosto virado para o

lado oposto ao do bloco de notas, ao passo que na sessão de uma semana mais tarde, cujo relato se segue, ela não pareceu entrar numa inconsciência tão profunda, não tinha almofadas ao seu redor e não deixou cair a cabeça nem virou o rosto, embora não faça qualquer tentativa de ler a escrita conforme ela surge e, de facto, não consiga ler nada sem óculos, que ela não usa durante uma sessão. A escrita nesta ocasião foi mais do que habitualmente fluente e sem entraves.

A repetição frequente de mensagens simples de lembrança ou afeto seria apenas monótona para o leitor e, por isso, deve ser evitada, embora um dos meus objetivos ao publicar quaisquer comunicações seja mostrar a memória que nunca falha e a notável fidelidade de um "espírito" que outrora prometeu lembrar-se e ajudar.

Extratos da Sessão de 24 de Janeiro de 1917, Rector a Controlar

- SAUDAÇÃO. Eu sou Rector. Saudação, amiga. Temos algumas palavras para te dizer hoje, mas não será necessário que regresses novamente sob estas condições. Gostaríamos de compreender exatamente as condições para isto e o que, se é que há alguma coisa, está nos teus próprios pensamentos sobre o futuro próximo. Rector. I. S. D. Fala.

[As letras "I.S.D." significavam "Imperator Servus Dei" nos primeiros dias, e a cruz era o seu sinal.]

[Antes que eu pudesse falar ou Rector pudesse prosseguir, o General entrou subitamente para ser reconhecido, na sua habitual maneira bem-disposta, fazendo referência a um teste relativo a flores na minha casa, teste esse que aparece no registo de 25 de fevereiro de 1916, página 198. Ele garante-me que conhece violetas quando as vê perto de mim, mesmo que elas não estejam no meu quarto especial. Ele não usa a palavra "teste", mas reconheço a sua linguagem como referindo-se ao teste que mencionei. Depois, grandes letras maiúsculas aparecem no topo de uma página anunciando:]

Hodgson

R. H. Estou aqui forte como sempre. Já entregaste aquelas mensagens?

[Segue-se uma conversa bastante longa relativa à minha entrega de mensagens anteriormente recebidas, e às respostas às mesmas, pois os guias geralmente desejam certificar-se de tempos a tempos de que as suas comissões são executadas; perto do final da qual surgiu o seguinte:]

Margaret B. envia amor, etc. . . . Ela está absolutamente esplêndida e é uma grande amiga do William e minha. [Presumivelmente William James] Tão ativa, tão paciente, tão bondosa e compreensiva. Grande auxiliadora aqui. Uma personalidade maravilhosa sob todos os aspetos. Ela vê-te tão claramente como se estivesse no corpo e ri-se com muita vontade por ver-te de novo tão claramente no espelho.

[Uma breve mensagem é então enviada por Margaret para E. A. F., e a minha mãe meteu uma palavra. Mas desejo certificar-me, antes de R. H. partir, de quem é a Margaret e, em resposta à minha pergunta, ou na realidade antes de eu a conseguir completar, o nome "Bancroft" é escrito muito claramente. Para um relato de M. B. e E. A. F. ver o capítulo VI. Já não precisa de ser mantido em segredo que as iniciais M. B. significam Margaret Bancroft.

A caracterização que Hodgson faz dela é muito bela. Ela era considerada pelos seus amigos uma personalidade bastante maravilhosa. Estava muito interessada em crianças mentalmente deficientes, tinha um bom número delas sob os seus cuidados, levando-as a todas para um belo lugar de campo no verão, onde o Dr. Hodgson costumava visitá-la ocasionalmente. E. A. F. sucedeu-lhe neste encargo. Ela e William James conheciam-se pessoalmente em vida. Há um relato interessante da relação de Hodgson com a Menina Bancroft nas suas alegadas comunicações em *Pr. S. P. R.* XXIII, no início da sessão de 16 de janeiro de 1906.]

Hiram

[Escrito muito grande, e a maiúscula H decididamente no estilo antigo.]

(Sim, Hiram, e esse é o teu H maiúsculo, eu sei.)

Bom. Pensei em adicionar algo que pudesses reconhecer bem. H H é de Hiram.

(Eu sempre reconheci essa letra em particular.)

["Hiram" foi soletrado de várias maneiras em várias alturas, em parte penso que por brincadeira. O incidente da "letra H" recua muitos anos e é merecedor de atenção, na medida em que este comunicador foi na realidade o primeiro a usar um lápis na mão da Sra. Piper, conforme admitido pelo Dr. Hodgson, sendo a primeiríssima tentativa a 2 de julho de 1888. Ver *Pr. S. P. R.* XXXIII, p. 339.]

Bom, agora fala.

[Faço alguma pergunta sobre o futuro, assumindo que ainda me dirijo a Hiram, e depois digo:]

(É o Hiram que está a falar?)

Não, Rector. Ele acabou de aparecer e voltou a sair.

[Outra ilustração de um amigo espírito determinado a meter uma palavra enquanto a luz está a arder. Em resposta à minha pergunta sobre se deverei regressar para outra sessão, a resposta é:]

Não presentemente. Estávamos desejosos de esclarecer a situação. O nosso trabalho está apenas a começar. . . . Parecias estar perplexa connosco e não conseguíamos compreender bem o que estavas a pensar se tinhas fé.

[Há mais conversa nesta linha, que não vale a pena repetir, mas no decurso da qual Rector usa a expressão: "Procurai e encontrareis". Referindo-me aos meus arredores profissionais, digo:]

(Vês-me lá por muito mais tempo?)

Não será assim. Depois de o conflito terminar serás chamada para outro lugar.

(Queres dizer a Guerra?)

Sim, guerras. Haverá outras a seguir—

(A seguir onde?) [Não apanhando imediatamente o significado] —a estas, não se pode evitar.

[Chamo a atenção para o facto de que a data desta sessão foi cerca de uma semana antes da rutura de relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a Alemanha.]

Olha apenas para a Grace se perdeste a fé, e vê o que é o quê. Não te esqueças de que somos atividades dirigidas por Deus. Não pode o nosso poder ser sentido? Pergunta à Grace, ela compreenderá. Ela é notável na compreensão.

(Sim, perguntarei. Sinto frequentemente que posso aprender com ela.)

Ela está quase em contacto connosco e no entanto não o sabe realmente. E nós constantemente transmitimos-lhe coisas. Ela e Pickett hão de ambos compreender, ele deste lado e ela daquele. I. S. D. está a cuidar dela. Ela sentou-se com uma luz não há muito tempo e ele viu-a, mas não conseguiu realmente falar.

(Queres dizer que I. S. D. a viu?)

Sim.

(É essa a Luz à qual ela recorreu para obter conselho médico?)

Sim.

[A minha irmã tinha, durante o final do inverno e primavera de 1916-17, tido várias sessões com a bem conhecida médium médica, Sra. Butler de Boston. A Sra. Piper, penso eu, sabia o facto. Pickett é o espírito noutro lugar falado como Alanson, tendo ele os dois nomes incomuns.]

(Pensas que essa Luz a ajudou?)

Sim, sabemos que ajudou. Nunca sejas demasiado certa e sábia. Deus é mais sábio. Ele sabe quando e como dar ajuda, e através de que fonte. Melhor escutar a Deus e ver como Ele a ajuda. Ele conhece o caminho e, enquanto tu compreendes, ela recebe.

(Eu compreendo intelectualmente, ou tento, e ela recebe espiritualmente?)

Sim. Tu és suficientemente sábia, mas para apenas e recebe.

(Vou tentar.)

[Faço uma indagação sobre se deverei ou não fazer provavelmente uma nova publicação das minhas notas.]

Sim, e se não escutares andaremos atrás de ti. Não deixaremos a caneta ficar ociosa. Estamos determinados a fazer de ti o que deves ser.

Não penses que é demasiado tarde. Nada pode ser demasiado tarde. . . . Mas não há tempo a perder em preocupações com o tempo a passar. Deixa que isso cuide de si mesmo e continua a tomar notas e isso logo tomará forma. Máquina fora de ordem.

[Isto soa a Hodgson em vez de Rector. Parámos um momento, perguntando-nos se "máquina" neste caso significava a Sra. Piper.]

Não, tiveste alguma dificuldade no escritório, disse o General.

(Oh, queres dizer que eu estava fora de ordem por um tempo?)

Sim, bastante, e toda perturbada.

[É perfeitamente verdade que houve, no passado recente, um período durante o qual estive bastante longe do meu domínio normal sobre mim mesma, embora nunca tão longe dele que não pudesse continuar muito regularmente a minha ocupação diária.]

[Em ligação com a conversa sobre a minha irmã, que na altura vivia comigo, devo explicar que na noite anterior à data da sessão eu lhe tinha mencionado que esperava ir a casa da Sra. Piper na noite seguinte. Não a vi no dia da sessão, e não antes de regressar a casa tarde nessa noite. Ela disse-me então que nessa mesma manhã tinha feito um apelo para que lhe fosse enviada alguma palavra; em substância, ela disse que apelou a Pickett, o seu marido, primeiro, e mentalmente disse-lhe enfaticamente que queria que ele ou alguém lhe desse algo sob a forma de uma mensagem. O seu apelo mental, notar-se-á, obteve resposta total.]

[Perto do encerramento da sessão eu disse:]

(Toda esta última conversa que tive foi realmente de Rector, não foi?)

Sim, e a Madame G. entrou para dar luz, luz espiritual. Ela é maravilhosa e devemos-lhe muito. Ela ajudou-nos a transpor o abismo.

(Está ela do vosso lado como uma médium deste lado?)

Sim, apenas uma Santa em realidade, uma verdadeira Santa. A ajuda dela está além da compreensão.

[Mensagens de despedida e assinaturas seguem-se.]

"Procurai e encontrareis." Encontraremos?

Enquanto eu esperava que algum arranjo definitivo pudesse mais uma vez ser feito para novas sessões, voltaram a dizer-me que devo aguardar o bel-prazer dos guias. Eles falam de dificuldades tanto do meu lado como do lado da Luz, da sua perplexidade em relação à minha atitude, do tempo como uma necessidade, de esperar até que a Guerra termine, da falta de fé, da máquina fora de ordem, etc., etc. As suas palavras sugerem a probabilidade de que muitas mais coisas do que as que até agora foram tomadas em consideração entram na questão da comunicação entre aqueles que passaram para lá do nosso conhecimento e nós próprios. No caso da Sra. Piper foi sensatamente, de facto posso dizer por necessidade, deixado aos próprios guias dizer com quem estariam dispostos a encontrar-se e quando.

Mas, quaisquer que sejam as nossas pequenas desilusões, seguramente ninguém pode duvidar de que, se tomarmos as palavras no sentido em que Aquele que as proferiu as pensou, a promessa de que se procurarmos encontraremos deve permanecer eternamente verdadeira.

Extratos da Sessão de 15 de Abril de 1920

Rector a Controlar

- SAUDAÇÃO. Eu sou Rector. Saudação, amiga da terra. Saudações de novo. Onde tens estado, amiga? Não permitas que quaisquer sentimentos, afeições, pensamentos ou condições terrenas previnam a comunicação quando o teu próprio espírito chama. Nenhuma condição material deve ter permissão para interferir. O nosso amor, a nossa fé sempre permanente no nosso Pai Celestial é tal que nada pode perturbar quando chamamos. Amiga, o teu espírito ouviu e tu respondeste. Saudamos-te com paz e alegria. SAUDAÇÃO mais uma vez.

Madame G. ☩ [o seu sinal especial] Rector

- I. S. D.

Aqui está um espírito novo, o pai do Harold.

Bem! bem! De todas as coisas imagináveis nunca sonhei que estivesses certa. Pensei que um pequeno lugar tinha ficado vago no teu cérebro. Mas admito que eu era o fraco, e tu o inverso. Olá! Como vão os teus espíritos agora? Eu disse um dia, tu não sabes nada exceto sobre espíritos, e isso não importa nada. Lamento bastante não ter compreendido melhor.

Ergue a cabeça. Rector. Estou a falar com ele. Não consigo apanhar as tuas palavras.

[Um exemplo claro de um espírito, novo no processo de comunicação, a tentar falar através de Rector, Rector a dizer-lhe como erguer a cabeça, depois a explicar a quem está sentada que se dirigia ao espírito, e tudo a ficar registado.]

Sei que fui tolo, mas não importa. Estou com o meu rapaz e muito mais feliz e melhor do que alguma vez antes. Deus te abençoe, Anne. John. Fala comigo um momento apenas para me deixar saber que tudo está agora compreendido. J.

(John, estou perfeitamente deliciada por saber de ti e, sabes, pensei que virias, mas não estava a pensar em ti neste momento.)

Rector disse, vem e liberta a tua mente, eu ajudar-te-ei. Então aqui estou com a nossa querida mãe, Harold e Laura, o pai também.

(Uma verdadeira reunião de família?)

Podes apostar. Onde está a Grace? Diz-lhe que a compreendo melhor também, e não a culpo por me culpar. Ela tinha razão em lutar pelos seus direitos, boa velha amiga. Sinto tudo isso tão intensamente agora. Que velho tolo eu fui ao agarrar-me a uma mesquinhice quando devia ter agido de forma diferente! Ela agiu precisamente bem, e não hesito em dizê-lo. Por favor, diz-lhe e faz-me feliz. Eu era tão obstinado, vejo tudo agora.

(Certamente que lhe direi. Ela ficará muito satisfeita por receber a tua mensagem. John, lembras-te de onde estavas quando me disseste que eu não sabia grande coisa de nada exceto sobre espíritos?)

Cidade Boston Hartford [a palavra "Hartford" sobreposta à palavra "Boston" como que em correção] Recordo o lar no lar estávamos [dedo a

apontar para significar "estávamos no lar"] Colina lar Lar Colina ele está a tentar dizer algum tipo de Colina mas não compreendo bem. R.

(Não importa, Rector —)

Melhor ajudá-lo aqui para evitar confusão.

(Queres dizer Rocky Hill?)

[Entusiasmo]

Rector Colina Rector Colina Soou tanto como o meu próprio nome que não consegui compreender. R.

Pensei que estávamos lá.

(Sim, estávamos em casa. Lembras-te de onde estávamos sentados?)

Debaixo da árvore perto do muro de granito. Quintal no quintal degraus da porta degraus da porta degraus da porta sentados neles.

(Isso mesmo, nos velhos degraus da frente.)

Sim, muro de pedra em frente árvores perto da estrada.

(Isso é esplêndido e basta. O que mais tens para dizer?)

Grandes montes de coisas mas não posso dizer tudo de uma vez, apenas admito os meus erros agora. Como a pobre velha Grace se sentiu, e lamento ter sido tão casmurro. Diz-lhe que a mãe disse que eu devia levar uma tareia pela minha conduta. O pai disse, John, eras um punhado e meio quando eras rapaz; não melhoraste com a idade, diz o pai. Não importa, como está o R.? Ele é tal e qual o pai. Receio que seja. Mas ele vai sair-se muito bem e tornar-se um belo rapaz se eu tiver algo a ver com isso agora.

Melhor dizer-lhe alguma pequena coisa ou dizer algo para o ajudar no momento. R.

(John, o pequeno R. está bem. Está numa boa escola em Hartford e diz que está feliz. Penso que está a ser bem cuidado e educado.)

Sei que está. Obrigado por isso, e aceita o meu amor e passa-o à Grace. Nunca consegui dizer muito sobre amor, mas encontrei-o aqui.

(Fico feliz por ouvir isso, pois penso que ansiavas por ele aqui.)

Sem dúvida, sim, tu compreendes. Vejo que compreendes tudo melhor do que eu compreendia ou pensava que compreendias. Devo ir em breve. Entretanto não me deves esquecer, não te esqueças disso. J.

[A palavra "compreendes" nas linhas imediatamente anteriores poderia naturalmente ter a intenção de ser "compreendias". Não há forma de distinguir.]

(John, apenas mais uma coisa. Qual é o nome do teu filhinho?)

R [escrito lentamente e muito grande, depois o resto da palavra gatafunhado rapidamente] Richard.

[Depois grandes círculos, como que satisfeito e contente]

(Tudo bem, tudo bem.)

Dick, os rapazes chamam-lhe. Eu oiço-os.

(Sim, penso que sim.)

Adeus. Tinhas razão e agora admito tudo.

(Adeus.)

O meu irmão John era um cético obstinado, voluntancioso, argumentativo e incorrigível. Não hesito em atribuir-lhe estas características, uma vez que ele agora, segundo creio, as admitiu livremente por si próprio, e uma vez que posso com igual liberdade e verdade dizer que ele também possuía bons traços compensatórios, como creio que a maioria dos céticos possui. Era generoso, desprendido, extremamente afeiçoado a crianças e orgulhava-se de cumprir a sua palavra. Éramos dois de uns trigémeos. Se o laço de sangue entre gémeos e trigémeos é mais forte do que entre outros irmãos e irmãs, não sei. Sempre pensei que não, mas que a força do laço depende mais da associação do que do sangue de nascimento.

Como quer que seja, estou consciente de que no fundo da minha natureza sempre existiu um forte afeto pelo meu irmão, o qual persistiu independentemente de qualquer conduta ou palavras da sua parte que eu pudesse ter desaprovado, e independentemente da associação: pois as nossas vidas desde a infância correram em canais inteiramente diferentes e encontrámo-nos apenas ocasionalmente.

Sempre senti que em caso de necessidade da minha parte, um apelo para ele encontraria com certeza resposta, e a assistência seria dada se estivesse no seu poder dá-la, mesmo que a necessidade estivesse associada a um assunto com o qual ele realmente não tinha simpatia. Ele deu-me prova direta disto. Eu sabia que ele acreditava em mim, se não naquilo em que eu acreditava.

Quanto ao espiritismo, ele poderia ter pensado, como diz, que um pequeno lugar no meu cérebro tinha ficado vago, mas se pensou isso não o disse.

Em corroboração da prova que chegou de forma tão voluntária, direi que há muito tempo, provavelmente dez anos, ele e eu estávamos um dia sentados nos degraus da frente da velha casa de família em Rocky Hill, Connecticut, a escassas milhas abaixo da cidade de Hartford. Este era um local de descanso favorito e dominava uma vista de campos férteis, de pastagens e do céu ocidental. Ele propôs-me uma pergunta sobre um assunto com o qual não se poderia esperar que eu estivesse familiarizada. Conforme me lembro, ele queria ver o quão perto eu conseguia chegar de uma estimativa correta do valor de certas terras e propriedades que ficavam diante de nós. Dei um palpite para a resposta, o qual se provou muito longe do alvo. Ele riu-se e disse, com estas exatas palavras, tão perto quanto me consigo lembrar delas, e estou certa de que a minha memória neste caso é bastante precisa: "Tu não sabes grande coisa de nada, pois não, exceto sobre espiritismo, e isso não importa nada." No instante em que Rector começou a escrever esta frase de teste, o incidente veio-me claramente à mente.

No que diz respeito à localidade, foi muito evidente para mim que ele conhecia a localidade e que estava a tentar torná-la clara para Rector. Se ele a recordou peça por peça, como as palavras interrompidas indicam, ou se a viu claramente e era uma questão de a transmitir a Rector e de Rector ma transmitir a mim, não posso, naturalmente, dizer.

Atrás de onde estávamos sentados ficava a alta parede de tijolo da casa. O quintal não era grande, mas havia nele grandes árvores, ensombrando os degraus. Precisamente do outro lado destas árvores existia originalmente um muro de pedra à antiga. Em que data exata este foi removido, não me lembro. Além disso ficava um caminho de acesso,

paralelo ao muro, depois outra fileira de grandes árvores, depois a estrada principal.

As referências do meu irmão à minha irmã viva, Grace, são extremamente pertinentes, e ele bem pode ter querido pedir-lhe perdão por erros do passado. Não sei exatamente a que se refere, e isso é irrelevante, mas sei que a dada altura eles divergiram quanto ao destino a dar a algumas velhas relíquias de família, e o meu irmão estava determinado a fazer as coisas à sua maneira. Ele pode ter recordado algum pequeno artigo que queria possuir, quando fala em "agarrar-se a uma mesquinhice".

No que diz respeito ao rapazinho Richard; por referência à página 207 ver-se-á que laço estreito e um pouco invulgar existia entre os dois. Mas o rapaz, conforme crescia, penso que deve ter estado a desenvolver algo da independência de espírito do seu pai, e certamente não poderia ser culpado por isso: pois o seu pai era o seu exemplo diário. De qualquer forma, o pai no mundo espiritual pensa agora que o pequeno é "tal e qual o pai". Talvez na Grande Sabedoria tenha sido melhor que esta associação tivesse sido quebrada precisamente quando o foi: pois a criança, pouco depois da morte do seu pai, foi colocada pela mãe numa boa escola onde a disciplina necessária estava acessível. Continuo a pensar, contudo, que o rapaz é um dos da sexta raça, se houver uma sexta raça em formação, e que o tempo provará que esta crença era verdadeira.

A Sra. Piper nunca viu o meu irmão e nada sabia do seu caráter. Não havia ocasião para ela saber a esse respeito, e nenhuma razão pela qual lhe devesse ter sido dito. Confio que me perdoem por dar esta corroboração com o que pode parecer a alguns uma extensão e detalhe desnecessários: pois em toda a minha longa experiência não me lembro de um caso de regresso de espírito mais obviamente característico e provatório, e o meu único lamento é não poder tornar todas as circunstâncias e todas as relações tão claras para os outros como o são para mim própria.

EXTRATOS DA SESSÃO DE 16 DE NOV. DE 1920

Rector a Controlar

Bem, bem, Anne, olá! Aqui é o John. Não me conheces? Céus! Estou contente por ver-te de novo aqui desta mesma forma. Sei tudo o que tem

estado a acontecer, mas mil não pareciam comparar-se à felicidade que o Harold e eu encontrámos. Ouvi-vos a falar de tudo e apenas me recostei a rir e a rir. Mas foste bondosa e estou verdadeiramente contente por teres sido prestativa quando foste precisa. Diz-me se não pensas que me estou a sair bem e a ajudar o Richard no seu trabalho escolar. Não me consegues ouvir? A mãe diz: "Continua, John, meu rapaz, não pares até que a tua mente esteja mais livre; depois eu entrarei e enviarei o meu amor aos meus."

(John, continua e diz tudo o que quiseres. Quero saber se pensas que foi por eu ter tantos amigos desse lado que conseguiste vir tão cedo?)

Sim, e apenas por isso é que eu estava tão claro. Nunca encontrei nada como isto antes e nunca espero encontrar de novo. Eras tanto mais sábia do que eu, que ainda não me recompus disso. Fui bastante obstinado em relação a isso, não fui?

(Sim, de facto foste.)

Lamento, mas já expiei isso, e agora quero dizer-te algo sobre o meu próprio sentimento e experiências aqui. Primeiro, o Harold encontrou-me e levou-me para a atmosfera mais fresca em que alguma vez estive, e tudo era tão luminoso e claro, mas cheirava-me a éter, e o Harold disse: "Pai, sabes onde estás?" Eu disse: "Sim, a dormir, penso eu; estarei a sonhar?" "Não, pai, estás no mundo espiritual. Vem e vamos falar de tudo."

A minha cabeça parecia um pouco confusa, mas quase imediatamente começou a surgir-me que tinha realmente vindo para o mundo dos espíritos. Na verdade, Anne, nunca te poderei dizer realmente que alegria foi para mim recordar as nossas conversas sobre este mesmo mundo, e depois olhei para trás através da abertura e vi-vos a todos ainda às escuras. Fiquei estupefacto, e depois comecei a falar-te, mas tu continuavas a dormir e não respondias, até que um médico me encontrou e disse: "Vem aqui, meu amigo, vou mostrar-te como falar." E depois disse-lhe que desejava terminar o que desejava dizer. Ele disse: "Trata disso imediatamente enquanto ele está claro." Então aqui estou pronto para explicar as minhas próprias fraquezas e dificuldades em acompanhar o que eu pensava ser na tua vida uma alucinação, mas se soubesses o quão envergonhado estou disso agora aceitarias as minhas desculpas pela minha obstinação. O que tens a dizer sobre isso, Anne?

(John, penso que te compreendia quando estavas nesta vida, e sabia que a luz te chegaria a dada altura, por isso tudo o que tive de fazer foi ser paciente. Agora posso fazer uma pergunta?)

Sim, fala comigo como farias se me pudesses ver.

(Falaste do éter ao início. Pensas que a atmosfera aí cheirava a éter para ti, ou foi porque tinhas éter ao teu redor aqui quando estavas na tua última doença?)

Um pouco de ambos, conforme sei e compreendo agora. Éter para ajudar o meu corpo a sobreviver lá, e éter etéreo aqui para me ajudar a recuperar aqui.

(Queres dizer que administraram éter aí para te ajudar a recuperar?)

Exatamente, e a minha mente ficou tão clara quanto possível e tem estado desde então, magnífica.

(John, embora fosses obstinado, tinhas uma mente bastante clara aqui sobre muitas coisas.)

Eu não era exatamente um idiota, mas costumava gostar bastante da minha maneira de ver as coisas e realmente não queria ver algumas coisas. Mas a mãe diz: "John, mudaste tanto que não posso senão sentir grande felicidade no teu maravilhoso progresso." Cantas alguma coisa agora, Anne?

(Queres dizer eu, cantar?)

Costumavas fazer barulho em casa, lembro-me.

(Não me estás a confundir —)

Grace, não, tu costumavas tentar, mas ela costumava cantar.

(Sim, compreendo.)

Stanley diz que nunca houve ninguém exatamente como a Grace, e estou inclinado a concordar, mesmo que tenha tentado agarrar-me àquela velha mesquinhice.

(O que queres dizer exatamente com mesquinhice?)

Coisas das quais eu não abria mão.

(Sim. John, queres dizer-me algo sobre o que estás a fazer agora?)

Sim. Não estou a trabalhar aqui como fazia lá, mas o pai e eu estamos interessados na constituição e condições dos planetas. O Harold está notavelmente claro sobre estas coisas já.

(Bem, sabeis muito sobre os planetas aí?)

Claro que sabemos. Sei o que constitui o que é chamado uma estrela, também os satélites. Eu sei. Estou cientificamente interessado nisto.

(Mas como é que, quando não tinhas nenhuma ciência especial aqui, podes avançar tão rápido aí?)

Porque esta é uma das leis desta vida e mundo, bastante diferente da material, posso assegurar-te.

(Tens de fazer alguma parte especial de ajuda aos outros, como trabalho?)

Certamente, estudo e transmito o meu conhecimento a outros na qualidade de professor. Ficarás interessada em saber que não pretendo ser um preguiçoso intelectualmente quando tu chegares.

(Terias pegado no estudo do planetas se o pai não estivesse tão interessado neles?)

Duvido muito, mas ele é tão persistente e é tão sábio na sua compreensão e escolha deste trabalho, que me abriu imenso os olhos.

(Conta-me algo mais sobre o que fazes.)

Estou tão interessado no desenvolvimento da vida e nas condições que lhe são inerentes que estou a fazer um estudo profundo disso, e é aqui que entram os planetas. Estou a estudar os planetas. Noutras palavras, Anne, estou a estudar os planetas. Percebeste o meu ponto de vista?

(Sim, mas sabeis algo mais do que nós quanto a serem habitados?)

Sim, mas este é um longo problema que abordarei mais tarde. Apenas queria que me compreendesses absolutamente e a minha posição relativa. Pensei que, já que sabias tanto sobre esta vida, eu poderia talvez dar-te alguma ideia sobre ela com o propósito de te ajudar, já que eu estou aqui e tu estás aí. Sentir-me-ei abençoado de facto depois de falar contigo e libertar a minha mente.

Queria tirar tudo da minha mente para poder continuar e continuar a ajudar o pai, a mãe e o Harold, meu filho. Onde estão o Richard e o Walter? Sei que não estão aqui, mas no mundo material. O meu amor a ambos. Quero que o Richard, e a mãe também quer, cresça para ser um homem de verdade. Obrigada, Anne, pela tua ajuda e interesse por ele.

(Espero que tu e a mãe façam tudo o que puderem para vigiar e ajudá-lo.)

Ele precisa da nossa ajuda e recebe-a. Nunca o deixo por um dia. Ele está a assumir o que é seu e será o que desejamos que ele seja. Agora, Anne, devo ir andando, e há outros para te enviar uma palavra de saudação.

(Estou muito contente por me teres chamado, e compreendo que não podias continuar em paz até me teres falado de novo?)

Exatamente isso. O Sr. Hodgson ajudou-me a encontrar-te. Ele é um excelente sujeito. Posso dizer-te que anda por aqui a ajudar toda a gente. Nunca o conheci antes, apenas vagamente através de ti. A mãe envia-te o seu amor e está contente por a manteres na tua memória. A Laura também. Ela é uma irmã esplêndida para mim e tem-me ajudado maravilhosamente. Também o teu velho Hiram tem uma quota-parte no meu progresso. Ele é muito útil aqui. Gosto dele. . . . O General é simplesmente um homem de poder e inteligência, totalmente vivo e a trabalhar por ti sempre. . . .

(Sim.)

Depois aqui está H-y-p-l-o-p.

(Isso não está soletrado muito corretamente, pois não?)

Algo parecido com isso.

(Está ele aí contigo?)

Sim, e a correr de um lado para o outro como um pato. Essa é a melhor comparação em que consigo pensar. Ele quer romper o véu.

(Sabe ele neste minuto que estás a falar comigo?)

Sim, sabe, e estava tão atraído por ti que teve de falar, apenas sussurrar.

(Queres dizer que ele apenas sussurra para ti?)

Sim.

(Bem, quer ele falar comigo?)

Sim, mas não pode ainda, apenas sussurrar que tudo está bem, melhor do que ele pensava.

(Estou bastante deliciada por receber mesmo que seja só isso dele.)

Ele tem estado a tentar há dias fazer-me vir para poder sussurrar o seu nome, se nada mais. Amor e saudações, diz ele.

(Dá-lhe as minhas sinceras saudações.)

Sim, darei. Tantos desejam falar, mas a luz está a ficar fraca. Enviar-te-ei uma mensagem em breve de novo e sempre que conseguir apanhar a luz. Fala agora e diz tudo o que desejas. Deixaste tudo bem agora. Agradeço-te. John Robbins.

[O nome escrito muito grande, o primeiro nome claro, o segundo não.]

(Isso é Robbins?)

Esse é o meu nome.

(Adeus, John. Sê bom e prestativo.)

Igualmente, farei de certeza. Amor à querida velha Grace.

Rector, ao fechar a Luz, diz: "Lembra-te de que a vida é perpétua e os teus amigos nunca falharão em alcançar-te do teu lado."

Depois de o lápis ter sido largado, a Sra. Piper sussurrou-me um nome, dizendo: "Aponta-o rapidamente." Depois, para meu grande espanto, ela continuou a proferir frases breves e desconexas, num sussurro ou tom de voz baixo, e eu vi imediatamente, pela aparência dos seus olhos e pela sua maneira, que ela não estava consciente do que estava a dizer, ou apenas parcialmente. Isso levou-me de volta aos dias anteriores em que ela demoraria talvez vinte minutos a sair do transe profundo, ganhando lentamente o controlo do seu corpo pesado, uma das partes mais interessantes da sessão.

Mas nestes últimos anos eu não tinha tido uma única palavra de comunicação por voz, daí a minha surpresa. Estas frases desconexas não parecem impressionantes quando colocadas em letra de forma, mas para

quem assiste com compreensão são muito significativas, como confirmatórias do que tinha chegado mesmo antes por escrito. Alguns dos fragmentos nesta ocasião seguem-se:

[A rir] O General a recitar poesia—[a rir não muito naturalmente]— ele é gordo e elegante quanto pode ser — e o Hiram é precisamente o inverso — e o John tem uma maneira de olhar para ti como se estivesse a olhar mesmo através de ti — ele parece-se com o pai, não parece, e no entanto parece-se contigo— ele tem uma expressão muito determinada em redor da boca, e está tão feliz, e vai continuar e continuar e continuar — ele diz, bem, resolvi essa questão de uma vez por todas — bem, a Anne não era a tola que eu pensava que era, ah! ah! — e este é o meu filho Harold— somos uma dupla feliz e a Laura envia o seu amor também— que pessoa bela ela é — ela diz diz à minha irmã Grace que não há morte, e mantém-te firme a isso— Adeus.

[Olhando para cima naturalmente como que a voltar a si]

Desapareceu. É tudo.

(Não ouviste nenhum estalido, pois não?)

Sim, quando disse "desapareceu", ouvi-o estalar.

Antigamente, ao sair do transe profundo, a Sra. Piper raramente ou nunca omitia falar deste estalido na cabeça, perguntando quase sempre: "Ouviu a minha cabeça estalar?", como se quem assistia devesse ter ouvido o que ela ouviu.

Em conversa imediatamente após o encerramento da sessão, ela observou: "Sabe, é muito mais interessante poder recuperar tão rapidamente e tão claramente, precisamente o inverso penso eu do que costumava ser." Quando perguntei se se lembrava de algo do que tinha acabado de dizer, pareceu bastante espantada e disse que não se lembrava de nada.

Esta última conversa com o meu irmão no espírito parece tornar-se clara à medida que avança, mas algumas declarações em explicação ou corroboração podem propriamente ter lugar aqui.

A sua observação de abertura de que "mil não pareciam comparar-se à felicidade" parece uma comparação estranha. Não lhe dei muita atenção na altura, deixando-a passar como uma das suas expressões peculiares, e não

antes do quinto dia após la sessão me ocorreu que ele poderia ter em mente os mil dólares que me dizem ter sido a quantia exata do acordo de compromisso pelos danos causados pelo acidente através do qual perdeu a vida. Mas como ele aconteceu acertar na quantia exata, não sei. Tais assuntos são habitualmente objeto de muita discussão familiar. Talvez ele tenha ouvido a discussão neste caso. Seria próprio dele fazer a comparação entre mil dólares e o céu.

Quanto ao canto, ele tinha naturalmente razão ao dizer que a Grace cantava, ao passo que eu apenas tentava. A menção que faz a Stanley nesta ligação foi extremamente pertinente, tendo o Sr. Stanley sido membro da comissão de música na igreja em Connecticut onde a minha irmã, como membro de um quarteto, cantou durante uma série de anos; também, como marido dela, seria de forma bastante natural parcial em relação ao canto dela. O meu próprio irmão não era muito dado à música, mas era extremamente afeiçoado a música. Havia muitos momentos musicais improvisados na velha casa, e ele nada apreciava mais do que estar presente quando ocorriam, para ouvir "as raparigas" cantar.

Com toda a probabilidade surgirá a muitos a questão de saber por que razão uma pessoa como o Dr. Hyslop, um psicólogo, um cientista, muitos anos da vida de quem foram dedicados arduamente à investigação psíquica, e que em vida estava familiarizado com a mediunidade da Sra. Piper, seria capaz apenas de sussurrar através de terceiros que tudo estava bem, melhor do que ele pensava, enquanto uma pessoa como o meu irmão apreciaria tão rapidamente a sua nova situação e compreenderia a possibilidade do seu regresso para junto de mim. Não sei.

A própria conversa responde em parte à questão. O Dr. Hyslop faleceu no início do verão de 1920. Tivera uma longa doença, de uma natureza que o deve ter enfraquecido consideravelmente. A partida do meu irmão foi causada por um acidente, e não houve doença prolongada. Ao examinar os seus pertences pouco depois da sua morte descobri uma Bíblia, quase nova, e quando expressei surpresa, alguém que tinha estado no seu ambiente disse que a razão pela qual ele queria a Bíblia era para que a pudesse discutir numa tentativa de refutar a sua verdade.

Talvez existisse uma razão mais profunda que as pessoas no seu ambiente não conseguiram ver. Em todo o caso, embora não sendo um homem profissional nem literário, ele pensava um pouco. Mais uma vez, a

ocasião desta sessão foi a oportunidade do meu irmão e não a do Dr. Hyslop, e sem dúvida aqueles que no Outro Lado estão encarregues desta Luz bem sabiam que a afinidade entre o comunicador e quem assiste, neste caso, produziria resultados que poderiam lançar alguma pequena luz adicional sobre o grande problema que eles estão a tentar ajudar-nos a resolver. E, afinal de contas, há abundância de provas para mostrar que o regresso dos chamados mortos não é uma questão nem de educação nem de ciência. O investigador determinado da verdade, instruído ou não instruído, caminha em frente. A ciência deve seguir e explicar.

A caracterização que o meu irmão faz de amigos meus no Outro Lado que ele nunca viu nesta vida é, tanto quanto alcança, boa. Algumas das suas observações nesta ligação omiti-as, devido à sua natureza íntima. Abstenho-me de comentar a sua comparação do Dr. Hyslop a um "pato a correr de um lado para o outro". Haverá provavelmente uma considerável diferença de opinião, entre os amigos íntimos do Dr. Hyslop que possam ler estas palavras, quanto à propriedade da comparação.

Quanto às declarações da Sra. Piper ao sair do transe, ou como nesta ocasião no encerramento da hora da escrita automática quando não em transe profundo, ela parece estar no limiar entre dois mundos, estar lenta e relutantemente a deixar um grupo de pessoas, olhando para apanhar os últimos vislumbres delas, escutando para apanhar as suas últimas palavras, depois virando o seu rosto para o nosso mundo e repetindo o que vê e ouve,—em verdade simples, um meio de comunicação entre almas que estão libertas da carne e almas ainda aprisionadas nela.

COMUNICAÇÕES DE VOZ DO GENERAL MARTIN

EXTRATOS DE RELATÓRIOS DE SESSÕES, 1903--1908

Deve ser compreendido que, após o encerramento do regime de Phinuit, quase todas as comunicações que chegavam através da Sra. Piper eram em escrita automática enquanto ela estava em transe profundo, geralmente com a cabeça em almofadas, virada para o lado oposto ao da mão que segurava o lápis. Era apenas numa sessão ocasional, ou para certas

pessoas que assistiam, que as comunicações vinham através da voz. Muitos preferem a escrita automática e, para a investigação científica, esta é considerada, segundo compreendo, mais valiosa. A escrita pode ser preservada e a comunicação não pode ser contestada.

Contudo, a escrita em si não é de forma alguma toda a história e, para que seja perfeitamente inteligível, todas as perguntas e observações interpostas por quem assiste devem também ser registadas com precisão. Nem é isto tudo. A história não fica então completa a menos que se saiba tomar notas e interpretar mais ou menos corretamente os vários gestos significativos da mão, a qual parece sensível e viva, como se uma inteligência real estivesse instalada nela.

Tenho uma grande massa de comunicações e apenas posso publicar extratos. Decidi que o melhor é confinar os extratos para este período quase inteiramente a uma personalidade, apresentando a conversa, que numa sessão de voz tem muito menos interrupções do que as que ocorrem na escrita.

Quando os cientistas empreenderam pela primeira vez o estudo dos fenómenos mediúnicos, o teste particular era considerado a coisa de máxima importância, e prestava-se comparativamente pouca atenção a tudo o mais. Mais recentemente, a conversa volumosa e característica por parte de um comunicador tem sido considerada valiosa e até provatória à sua maneira. O Professor Hyslop na sua obra *Science and a Future Life* [p. 269] diz: "O que nós devemos ter são fenómenos psicológicos, e fenómenos psicológicos daquela espécie que representa a ação mental sistemática natural da pessoa cuja existência está em questão."

Não estou a oferecer as minhas comunicações como "prova" no sentido mais estrito dessa palavra. Estou a oferecê-las simplesmente pelo que são, deixando ao leitor julgá-las como entender.

Omissões de palavras isoladas ou de frases breves, que não afetam minimamente o sentido, não as indiquei. Algumas referências pessoais devem ser omitidas em qualquer caso, e tais omissões estão indicadas por linhas pontilhadas. Todas as observações contidas em parênteses curvos são minhas, as contidas em parênteses retos não fazem parte da sessão, mas são simplesmente as minhas notas explicativas, e o restante do registo representa o que é dito pelo espírito comunicador.

A linguagem de Imperator e de Rector, conforme aqui e noutros locais relatada, contém algumas passagens cuja gramática, e algumas outras características, não estão à altura do caráter exaltado reivindicado por eles. Não me cabe a mim neste ponto tentar justificar esta aparente falha, mas desejo dizer mui enfaticamente que os meus relatórios estão corretos. O que quer que se possa pensar destas expressões, elas não devem ser atribuídas a descuido no relato.

As leis científicas são simplesmente declarações de verdades que se descobrem ser gerais, e cada relator e comentador deve chamar a atenção para qualquer matéria nos relatórios em mãos que se descubra caracterizar os relatórios em geral. Apresento informalmente alguns desses pontos. Além disso, as uniformidades que se possam encontrar contam com o benefício de uma nuvem de testemunhas.

O Sr. Henry Holt, ao ler estas comunicações hoje, escreveu-me certas observações que me agrada introduzir aqui: pois estou certa de que darão um interesse acrescido às passagens referidas e, embora esteja totalmente de acordo com elas, prefiro que lhe sejam atribuídas. Diz ele:

"Nestes relatórios, como na maioria das comunicações mediúnicas, as descrições do céu correspondem geralmente com as ideias que eram mantidas pelo comunicador na terra. Como tem sido sugerido mais de uma vez, estas peculiaridades não devem necessariamente ser consideradas como invalidando os relatórios, mas antes como indicando que cada alma emancipada encontra, dentro de limites, um céu à sua medida.

Aqui, também, ocorrem algumas das frequentes declarações de que ali, desejar algo é realizá-lo. Aparentemente o que se quer, assumindo que o desejo é digno, é imediatamente fornecido, com a própria mente aparentemente a realizar os seus desejos sem auxílio externo.

É interessante, também, notar a repetição do testemunho geral de que os espíritos mais desenvolvidos na terra se enquadram mais facilmente nas novas condições.

É igualmente interessante notar aqui, o que frequentemente tem sido encontrado noutros relatórios, que os comunicadores alegam que as almas emancipadas se compreendem umas às outras sem palavras — que a nossa imperfeita telepatia aqui se torna aperfeiçoada no estado seguinte.

As opiniões individuais de médiuns ou de quem assiste a respeito da metempsicose parecem surgir frequentemente: pois o alegado testemunho dos comunicadores a esse respeito é conflituoso. A comunicação do General Martin, nas páginas 94-5, é uma das mais racionais que já apareceu sobre esse assunto.

A declaração nas páginas 96-7 a respeito da idade e do crescimento é apoiada por muitas declarações semelhantes de outros comunicadores; também aquela, na página 100, a respeito do perigo, ou possível detrimento, para o espírito, da comunicação demasiado frequente, notavelmente na obra *Voices from the Void* da Sra. Hester Travers Smith.

A autoridade de Imperator e dos seus companheiros, nas páginas 110 e 116, está em conformidade com autoridades através de vários outros médiuns.

A aparente fusão do General Martin e de Hodgson, na página 125, comentada pela autora ali e nas páginas seguintes, é extremamente interessante: pois parece ilustrar um fenómeno frequentemente notado, da fusão de mentes, mais frequentemente notado talvez entre quem assiste, o médium e o comunicador. Com isto, compare-se o que foi dito sobre a telepatia superior a outra comunicação no plano seguinte."